

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA

**TRANSFORMANDO A REALIDADE CONFORME A SUA VONTADE: Praticantes
de Magia do Caos e o uso de agências não-humanas na obtenção de
resultados**

ALEXANDRE IUNG DIAS

Belo Horizonte
2019
ALEXANDRE IUNG DIAS

**TRANSFORMANDO A REALIDADE CONFORME A SUA VONTADE: Praticantes
de Magia do Caos e o uso de agências não-humanas na obtenção de
resultados**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Antropologia da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Antropologia
Orientadora: Profa. Karenina Vieira Andrade

Belo Horizonte,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG
2019

Agradecimentos

Este trabalho envolveu uma prolongada pesquisa de campo e muitas foram as pessoas que, direta ou indiretamente, puderam me auxiliar na sua execução. Sou grato a todas elas.

Agradeço, primeiramente, a todos aqueles magistas que contribuíram para este trabalho direta ou indiretamente. Foram muitas as conversas realizadas ao longo destes anos, dentre entrevistas formais e trocas de experiências sobre magia, com tantas pessoas. Em especial, agradeço à comunidade do Vortex e tantos de seus membros que me auxiliaram. Este trabalho só foi possível pela generosa contribuição e a forma interessada como dialogaram sobre a temática da magia comigo.

Agradeço à minha companheira, Marcella, por tudo. Muitas foram as conversas e trocas ao longo deste percurso. Agradeço pelo apoio, pela companhia, pelo amor e por tantas contribuições a respeito da prática mágica. Agradeço, ainda, pelo auxílio com a tradução para o inglês. Todas as trocas que fizemos foram essenciais para a realização deste trabalho. Eu sou grato.

Agradeço à minha mãe, meu pai e meu irmão, Elaine, Márcio e Arthur, por todo o carinho e suporte ao longo desta jornada. Só cheguei aonde cheguei pelo contínuo incentivo, por todo o amor e por todo o apoio que me deram desde sempre.

À Karenina, agradeço pela orientação ao longo deste trabalho. Sua contribuição e compreensão muito me auxiliaram para que ele pudesse chegar aonde chegou. Pelas conversas, dicas e proveitosos insights, eu agradeço.

Sou grato aos vários professores e colegas que, com suas observações e indicações, trouxeram contribuições no decorrer de todo o curso desta graduação. Em especial, agradeço aos colegas Felipe e Pedro pelo que puderam me trazer de contribuições sobre a temática mágica da ótica acadêmica.

Muitos foram as pessoas e figuras que puderam me auxiliar ao longo desta jornada. Não poderia ser menos grato aos seres espirituais que me auxiliaram e que sequer poderia mencionar todos. Aos guias e mentores, aos orixás, aos deuses, aos budas e bodisatvas, eu sou grato.

Dedico todos os méritos deste trabalho ao benefício de todos os seres sencientes. Que possa ser auxiliar no caminho dos seres para sua felicidade, sabedoria e liberação.

RESUMO

Esta pesquisa aborda os entendimentos teóricos e as vivências pessoais daqueles que se denominam praticantes de Magia do Caos. Originada na segunda metade do século XX na Inglaterra, a Magia do Caos desenvolveu-se como uma modalidade da prática mágica com algumas peculiaridades. Uma destas é que, ao minimizar a importância de se seguir tradições anteriores e ao enfatizar a centralidade da obtenção de resultados com a magia, há uma enorme diversidade de práticas possíveis. Assim, o campo que realizei foi marcado por esta pluralidade, onde, dentre rituais muito diversos, é central a noção de que a magia é possível e real, bastando às pessoas buscar como melhor realizá-la. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo prolongada, principalmente por vias virtuais, mas contando com incursões presenciais aos lugares onde os caoístas, como são chamados, puderam ser entrevistados. O cerne desta pesquisa deu-se com a comunidade de praticantes de Magia do Caos que se formou em torno do *podcast* Vortex Caoscast. A partir das diversas informações colhidas em campo, faço uma aproximação dos pressupostos da prática mágica, a partir da visão dos praticantes, para adentrar na temática dos agentes não-humanos e em como eles são mobilizados conjuntamente para se transformar a realidade conforme a vontade do praticante. Grande parte destas agências está situada no que pode ser chamado de *outro mundo*. Entendendo estas agências, adentro nas diferentes formas de mensurar resultados e, desta maneira, perceber como efetivamente a magia está interferindo no mundo. A magia é importante para os magistas, essencialmente, enquanto um horizonte de práticas. Trabalho com o tema neste sentido para poder valorizar o que é principal no grupo estudado: com a prática mágica, resultados são obtidos e uma relação diferente com agentes do outro mundo é realizada.

Palavras-chave: Magia, Magia do Caos, Agência não-humana, Prática Mágica

ABSTRACT

This research addresses the theoretical understandings and personal experiences of those who call themselves Chaos Magic practitioners. Originated in the second half of the Twentieth Century in England, Chaos Magic developed as a modality of magical practice with some peculiarities. One of these is that, by minimizing the importance of following previous traditions and emphasizing the centrality of obtaining results with magic, there is a vast diversity of possible practices. Thus, the fieldwork that I carried out was marked by this plurality, where, among very different rituals, the notion that magic is possible and real persists, people just need to seek how to best perform it. This work is the result of a prolonged field research, mainly by virtual means, but also with face-to-face incursions to the places where the caoists, as they are called, could be interviewed. At the core of this research was the community of Chaos Magic practitioners formed around the Vortex Caoscast podcast. From the information gathered in the field, I have been able to approach the assumptions of magical practice, from the practitioners' point of view, to then enter into the theme of non-human agents and how they are mobilized jointly to transform reality according to the will of the practitioner. Most of these agencies are situated in what may be called the otherworld. Through understanding these agencies, I focus on different ways of measuring results that enable perceiving how effectively magic is interfering in the world. Magic is important to magicians essentially as a horizon of practice. I work with the theme in this sense, in order to acknowledge what is crucial to the researched group: through magical practices, results are obtained and a different relationship with otherworldly agents is substantiated.

Keywords: Magic, Chaos Magic, Non-human Agency, Magical Practice

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Representação de Abralal	58
Figura 2: Exemplo de altar de Abralal.....	67

SUMÁRIO

Introdução	7
1. O campo	16
1.1) Entrada no campo	16
1.2) Vortex Caoscast: O Vortex está aberto.....	22
1.3) A comunidade do Vortex	24
2. Pressupostos da Prática Mágica	27
2.1) Magia: dentre teoria e prática	27
2.2) Magia e causalidade	32
2.3) Ciência e magia.....	35
2.4) Realidade ampliada, outro mundo e os mecanismos da magia.....	37
2.5) Paradigmas e o paradigma psicológico.....	40
3. Agentes mágicos.	47
3.1) Mediações e intermediações.....	47
3.2) Forças mágicas.....	51
3.3) Agentes pessoalizados: espíritos, guias, deidades e servidores..	52
3.4) Ritos mágicos e o estabelecimento de relação com o outro mundo.....	60
3.5) Agenciamentos mágicos.....	72
4. Mensuração da magia.....	75
4.1) A noção de resultados.....	75
4.2) Registrando suas práticas: o diário mágico.....	77
4.3) Mensuração dos resultados.....	79
4.4) A utilidade dos resultados.....	89
Considerações finais.....	92
Referências bibliográficas.....	94
Anexo A – Ritual Menor do Pentagrama.....	98

Introdução

Este trabalho centra-se em abordar os entendimentos teóricos e as práticas daqueles que se denominam praticantes de Magia do Caos, um ramo de magia ligada à tradição ocultista ocidental que se desenvolveu nas últimas décadas do século XX na Inglaterra. Tal corrente de prática mágica ganhou grande proeminência no Brasil na última década, em especial por meio de redes sociais como o *Facebook*. A denominação com a qual estas pessoas se intitulam é *caóísta* ou *magista do caos*. Um termo mais genérico com o qual se intitulam e que abrange práticas de magia para além deste sistema em específico é *magista*. Através do estudo deste campo, tratarei das lógicas das agências não-humanas envolvidas no meio magístico e dos recursos utilizados para se fazer magia, bem como das formas com que se medem a eficácia e os resultados das práticas realizadas.

A prática da magia, em geral, e da Magia do Caos, em específico, abordará entendimentos de mundo, com toda uma série de técnicas, rituais e práticas diversas que visam transformar a realidade. Grosso modo, a magia que cito aqui é, portanto, o esforço dos magistas – estudiosos e praticantes de magia – em transformar suas realidades por meio de práticas mágicas. O contexto em que se envolvem abrangerá outras práticas e entendimentos ligados à Magia do Caos, para além da transformação da realidade em si.

Esta etnografia foi desenvolvida por meio de trabalho de campo tanto virtual quanto presencial, com destaque para o primeiro como principal fonte das informações aqui apresentadas. O principal grupo que acompanhei é a comunidade formada em torno do *podcast* Vortex Caoscast¹, dedicado ao tema da Magia do Caos. Além de escutar os episódios deste *podcast* como fonte de informação, realizei um acompanhamento contínuo do grupo de *Facebook* “Vortex – Caoscast: Através do Portal”² e do grupo de *Telegram*³ “Fã Clube da Fafá de Belém do Black Metal” (recém

¹ O formato *podcast* consiste na divulgação de arquivos para compartilhamento de algum tipo de informação. Lembra o formato de conversas em rádio, mas podendo ser ouvido quando a pessoa quiser e sem interrupções. No caso do Vortex Caoscast, consiste na conversa de dois ou mais interlocutores sobre temas considerados de interesse na prática da magia, com a frequente presença de convidados que possam ilustrar temas da área.

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/vortexcaoscast/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

³ O *Telegram* é um aplicativo de troca de mensagens instantâneas, similar ao seu concorrente mais popular, o *WhatsApp*. A plataforma permite a conversa em tempo real de forma mais direta, diferentemente de como ocorre a interação no *Facebook*. Isto faz do *Telegram* uma forma propícia para a interação na comunidade.

renomeado como “VORTEX – Ponto de Convergência”)⁴. Acompanhei, em segundo plano, algumas outras comunidades que serão citadas no capítulo 1.

A Magia do Caos se insere em uma subcultura mágica mais ampla (WOODMAN, 2003). Isto significa dizer que muito das propostas e discussões que ela envolve estão dialogando diretamente com outras tradições de prática mágica. Mais que isso, como veremos, é parte da própria proposta da Magia do Caos abrir-se a elementos de outros sistemas e tradições e utilizar-se deles em seu favor. Desta forma, falar a respeito desta linha é falar a respeito de uma área mais ampla e vasta, ligada ao ocultismo e a outras tradições mágicas.

A prática da Magia do Caos surge, justamente, contrapondo-se a sistemas anteriores. Elaborada no final da década de 70 por Peter Carroll e Ray Sherwin na Inglaterra, a sua principal prerrogativa é de que não é necessário seguir à risca tradição nenhuma: o desenvolvimento de habilidades mágicas pode ser feito “sem qualquer sistema simbólico exceto a própria realidade” (CARROLL, 2016 [1978], p. 9). Neste sentido, há um interesse explícito nesta linha da magia em desafiar tudo aquilo que é colocado como uma regra.

Desta forma, a Magia do Caos, por vezes chamada de “iconoclasta”, irá opor-se a toda prática e entendimento a respeito da magia que se proponha a ser uma regra ou um dogma. A crítica refere-se a todo um horizonte de outras tradições mágicas que postulam formas de fazer magia e os motivos para tal de forma verticalizada, onde uma figura com maior autoridade diz o que deve ser feito e outros praticantes devem tão somente seguir esta figura.

A Magia do Caos vai justamente enfatizar a importância da elaboração individual na prática mágica. Não se trata de dizer que tradições mágicas anteriores estejam simplesmente erradas; tampouco se trata, a princípio, de questionar a eficácia de suas práticas. A questão é que, muito menos do que seguir fórmulas que se tornaram populares, o cerne da Magia do Caos está na noção de *resultado*.

“O resultado será tua prova” é um mote comum neste sistema. A ideia é de que pouco importaria o que se faz em magia contanto que se obtivesse resultado. Num

⁴ Veremos, mais à frente, um pouco sobre o aspecto do cômico na Magia do Caos, sobretudo por meio da religião/sistema de pensamento denominada Discordianismo, que possui grande influência na Magia do Caos em geral e, em específico, no Vortex. A troca dos nomes se deu no dia 21 de julho de 2019 e, por sua vez, ilustra um movimento recente dos criadores do Vortex e parceiros relacionado ao crescimento da própria comunidade, levando a projetos maiores e de maior alcance.

exemplo simples, se uma pessoa quisesse conseguir um determinado emprego, pouco importaria quais ferramentas, técnicas e ritos mágicos ela utilizou, contanto que conseguisse o resultado almejado. Neste sentido, mesmo as práticas mágicas consagradas por autoridades podem ser utilizadas.

Este enfoque no resultado fará com que a Magia do Caos não seja considerada pelos praticantes com quem convivi como um *sistema de magia*, ou seja, um conjunto de rituais, fórmulas mágicas e prerrogativas que norteariam o praticante num sentido específico. Pelo contrário, ela é considerada um *metassistema*, ou seja, uma forma de pensar a magia e tudo que ela envolve, inclusive outros sistemas. Ser um magista do caos é, portanto, observar as várias tradições mágicas com um entendimento de que elas poderiam vir a ser úteis para as finalidades do praticante. O magista do caos poderia adotar o que ele quisesse destes outros sistemas a fim de obter resultados. Se os obtivesse, isso seria um sinal de sucesso na prática: isto importa muito mais, na ótica da Magia do Caos, do que os elementos mobilizados em si.

Vale ressaltar que, na prática, isto faz com que os Magistas do Caos tenham uma identidade mais flutuante. Ser caoísta, para muitos dos que compõem a comunidade do Vortex, não é suficiente para praticar magia. É necessário que você se ligue a outros sistemas e desenvolva a sua prática de forma pessoal; sem outros sistemas para a Magia do Caos se relacionar, ela não teria como realizar prática. Por esta razão, encontraremos ao longo desta pesquisa a referência a elementos das mais diversas tradições e, mais que isso, a adoção destas identidades múltiplas, como ser caoísta, umbandista⁵ e pagão⁶ – tudo simultaneamente.

Isto também significa que, enquanto meu escopo aqui diz respeito sobretudo à Magia do Caos conforme praticada e elaborada por membros do Vortex, o que aqui é

⁵ Os caoístas tem uma forte proximidade com as religiões afro-brasileiras. Muitos dos magistas do caos com quem convivi são frequentadores constantes de centros de Umbanda, quando não estão, de fato, trabalhando nestes centros. Alguns outros, em menor quantidade, se aproximam do Candomblé. Outras religiões de matriz africana tem uma presença menor, mas é comum que os caoístas manifestem certa admiração e curiosidade pelas mesmas, como o Catimbó e a Jurema.

⁶ “Pagão” é um termo utilizado por praticantes de magia que se utilizam da referência a culturas não cristianizadas para realizarem suas práticas. O termo envolve uma forma de ver o mundo mais específica e que não se limita somente à prática da magia, mas costuma estar associado à sacralização da natureza e ao culto a deidades. Comumente, trata-se de uma releitura moderna do que eram as sociedades definidas como pagãs. Por outro lado, os pagãos *reconstrucionistas* realizam um esforço mais específico em reconstruir como eram as práticas religiosas e mágicas destas sociedades, bem como os sistemas de pensamento que os motivavam. Isto envolve o recurso a uma literatura mais acadêmica. As principais culturas que identifiquei na pesquisa como constitutivas da identidade “pagão” são a nórdica, a celta e a egípcia. Pesquisadores acadêmicos destes grupos os denominam como “neopagãos”, buscando diferenciá-los dos povos que, historicamente, foram assim denominados.

dito está dialogando com outras tradições. Neste sentido, esta pesquisa trata da temática da prática da magia em geral, com o principal viés sendo o da Magia do Caos.

Um conceito-chave para entender a Magia do Caos é a noção de *paradigma*, conforme elaborada e utilizada pelos caoístas. Simplificadamente, trata-se do conjunto de práticas e entendimentos pessoais a respeito de como se dá a magia e, ainda, sobre como se entende a própria realidade. Os paradigmas são, desta forma, individualizados, mesmo quando dialogam com tradições e sistemas coletivos. Este conceito é entendido de uma forma própria na Magia do Caos e será melhor explorado no capítulo 2.

Na prática, significa que cada praticante de magia, na ótica da Magia do Caos, será visto como possuindo um paradigma próprio. Este pode se constituir a partir do recurso a paradigmas mais coletivos, mas no limite é bastante pessoal. Toda pessoa acabaria possuindo um paradigma, no sentido de ser a forma como ela vê e interage com a realidade. De um lado, há um aspecto coletivo: o paradigma pessoal se faz a partir do recurso ao que se tira do coletivo. De outro, ele é individual: as pessoas *personalizam* seus paradigmas, elaborando e recombinaando o que consideram ou não mais interessante.

Ao elaborar sobre a existência de “paradigmas”, a Magia do Caos irá flexibilizar noções do que é certo e errado em magia (e em qualquer tema). Uma prática poderá ser muito bem justificada segundo um paradigma, mas, pela ótica caoísta, isto só a torna verdade dentro daquele paradigma.

Com esta diversidade de paradigmas e o fato de que os membros do Vortex possuem alinhamentos a tradições distintas, mesmo certos elementos que eram tidos como básicos à Magia do Caos em sua origem acabam sendo questionados. Um exemplo típico é que, pela ênfase na ideia de resultado, a Magia do Caos na Inglaterra tornou-se o que Greenwood chama de anti-espiritual (2000, p. 46). Em alguns casos, é possível ver esta tendência em certos grupos virtuais de Magia do Caos no Brasil.

No entanto, o caso do Vortex é bastante diferente. Se a noção de resultado ainda é bastante enfatizada, há um interesse comum na ideia de que o resultado em si não é o bastante. Vários de seus membros mais proeminentes irão enfatizar a ideia de que é necessário cultivar uma espécie de desenvolvimento espiritual. Neste sentido, mesmo que se possa considerar uma magia eficaz quando uma pessoa faz

ritos para conseguir um emprego e os obtém, isto não necessariamente é visto como algo valorizável.

Como magia, é tido como eficaz. Mas a presença de discursos ligados ao que poderíamos chamar de uma *espiritualidade* faz com que não seja o bastante, tão somente, obter resultados. Em primeiro lugar, porque a *forma* que o resultado é obtido pode advertir sobre ele: a pessoa consegue o emprego, mas pode ser prejudicada de outras maneiras devido à forma que praticou a magia ou, ainda, pode ter prejudicado alguém no processo. Além de discursos sobre sucesso e fracasso, vemos aqui que a magia está lidando com um certo tipo de mecanismos que são considerados potencialmente *perigosos*. Isto dirá tanto de um elemento ético (fazer mal a outras pessoas) como de autocuidado (prejudicar a si mesmo).

O ponto de vista propriamente ligado à espiritualidade neste exemplo seria a ideia de questionar: por qual motivo a pessoa quis aquele emprego? É realmente o melhor lugar para ela expressar quem ela é e o seu propósito? Tê-lo obtido não pode acabar revelando-se algo prejudicial à sua vida? Neste sentido, todo um leque de conhecimentos que andou bastante junto do ocultismo já há muito tempo é utilizado: trata-se de estimular o *autoconhecimento* e, por vezes, abordar uma *finalidade* que aquela pessoa possuiria e que seria importante descobrir e exercer.

Tais ideias que trago aqui já demonstram, logo de princípio, a diversidade com que estamos lidando ao estudar a Magia do Caos no Brasil. Ressalto que estes últimos comentários a respeito de espiritualidade são considerados por alguns como bastante irrelevantes. Considero importante colocá-los, no entanto, não só porque são parte do discurso de membros proeminentes da comunidade do Vortex como também porque ilustram como a Magia do Caos comporta esta *diversidade paradigmática* em sua constituição. Isto é, a própria noção de resultado, vista como chave suficiente na Magia do Caos conforme elaborada por Peter Carroll e Ray Sherwin na década de 70, é posta em questão e, ainda assim, isto não é considerado uma contradição, mas um desenvolvimento possível desta corrente de prática mágica.

De fato, mesmo quando questionada quanto a sua importância central, a noção de resultado ainda é a que irá unir os mais diversos praticantes e seus paradigmas. O que torna possível o diálogo e o debate destas pessoas é o fato de que elas estão conversando sobre o que *fazem* com a magia. Julgamentos morais, questionamentos críticos sobre como melhor fazer magia e elaborações sobre a *finalidade* da mesma são bastante comuns, mas vem em segundo lugar: o principal elo de conexão é

justamente a ideia de que a magia produz resultados e estes podem ser produzidos de formas muito diversas. A partir daí, vale a pena conversar.

Se é verdade que a diversidade paradigmática irá variar bastante as formas da prática de cada um, podemos considerar que só é possível essa abertura à diversidade de interpretações porque há um ponto compartilhado: a existência da magia. Em meio a possibilidades tão diversas e que fazem recurso a uma imensa variedade de tradições, estas somente são interessantes porque permitem a prática da magia.

O termo “magia” é definido pelos praticantes etnografados como o esforço de transformar a realidade conforme a sua vontade. Isto envolve um esforço ativo, por parte dos magistas, em definir bem o que querem e em fazer o necessário para causar transformação. Evidentemente, isto não é uma definição suficiente de magia: os magistas se utilizam de *meios específicos* para fazerem sua vontade valer.

Isto fará com que a prática mágica abranja uma série muito ampla de elementos para se fazer magia. Muitos destes elementos serão chamados de “mágicos” por se prestarem a fazer magia, mas não por serem, em específico, uma prática mágica, isto é, uma transformação da realidade conforme a vontade.

Podemos dizer, por exemplo, de *habilidades* ou *técnicas mágicas*, como a *visualização*. Trata-se de uma técnica muito comum em sistemas bastante diversos e que envolve o esforço de se imaginar, com clareza de detalhes, algum elemento útil à magia. Pode ser um arcanjo, um pentagrama flutuante, um deus etc. A visualização ideal colocaria tantos detalhes quanto possível nestas figuras e as deixaria tão fixadas na mente quanto possível. Além disso, objetivar-se-ia que tal figura visualizada fosse vista como se estivesse fisicamente no lugar em que é projetada: se é um pentagrama em chamas, ele deveria emanar luz que afetasse outros objetos do ambiente, por exemplo.

Podemos pensar na visualização como uma habilidade mágica no sentido de que ela serve para que o magista consiga realizar suas magias. Ela comporá, junto de outras técnicas e recursos, uma espécie de arsenal mágico, um conjunto daquilo de que o magista se utiliza para conseguir obter seus resultados.

Para além destas habilidades que são mobilizadas a partir do magista, temos ainda o recurso a toda uma série de agentes capazes de auxiliar nos intentos mágicos. Tratam-se de seres ou forças que estão presentes em uma outra esfera de

experiência, mesmo que se comuniquem ou estejam parcialmente presentes na realidade física. Teremos anjos, demônios, deuses de diversas culturas, espíritos etc. sendo responsáveis, em alguma medida, pelo resultado das magias realizadas.

A Magia do Caos é uma prática muito individual e bastante privada. Isto tornou difícil ter acesso aos rituais presencialmente. A solução encontrada, neste trabalho, foi a aproximação por meios virtuais, uma parte importante da vida social dos magistas. A experiência mágica na Magia do Caos, em geral, só atinge algum nível de coletividade por meio do contato virtual, onde se comentam práticas realizadas individualmente. Isto difere, por exemplo, de estudos realizados com grupos neopagãos por autoras como Greenwood (2000, 2005, 2009), por estes terem o elemento da coletividade como essencial para a prática mágica.

Não havendo forma de acessar cada praticante no momento de sua prática, a investigação por meio da comunidade do Vortex foi o que me permitiu melhor me aproximar das experiências dos mesmos. Isto porque eles dialogavam, a todo momento, sobre o tipo de coisa que faziam e os resultados que colhiam, bem como seus entendimentos sobre o tema. Conversar e observar as interações foi suficiente para entender muito do que se estava dizendo sobre magia.

De forma complementar, as experiências presenciais puderam estabelecer interações bastante interessantes também, com conversas e entrevistas úteis a esta pesquisa. Estes dados serviram, neste sentido, como auxiliares às observações que eu fiz por vias virtuais.

Apenas observar, no entanto, seria pouco eficiente. Adotei a perspectiva de Favret-Saada (2005) sobre a importância de ser afetado no campo em que me envolvi. Mais que isso, seguindo a diretriz de Greenwood (2000, p. 13), é preciso que seja realmente levado a sério o que os nativos dizem. Não há como fazê-lo, na temática da magia, sem envolver-se nas práticas.

Neste sentido, envolvi-me na prática da magia e colhi vários tipos de percepções e entendimentos a partir disto. Mais que isto, foi possível estabelecer o tipo de *comunicação involuntária* de que nos fala Favret-Saada (2005, p. 159). Isto é, mesmo quando não estava buscando obter informações específicas para esta pesquisa, ao comentar algo de minhas experiências mágicas com outros membros da comunidade do Vortex, era possível perceber detalhes que não seriam perceptíveis de outra forma. Dados que não seriam comunicados se eu perguntasse explicitamente

passavam a ser comunicados pela própria comunhão de experiências, ou seja, no fato de que algo que eu vivi é, em alguma medida, similar ao que meu interlocutor viveu e vive. Em suma, quando eu era tratado como praticante, muito mais eu entendia a respeito da magia e de seus praticantes.

Minha condição enquanto pesquisador fora comunicada aos membros com quem me engajei nesta pesquisa. Entrevistas e perguntas mais bem situadas surgiram daí, mas a percepção de que eu não era tão somente um antropólogo, mas um praticante, fizeram com que vários deles comentassem pontos que não fariam sentido para alguém que não desenvolveu um nível de *experiência* com a magia. Isto foi crucial para um melhor trabalho de campo.

A experiência etnográfica deu-se, neste sentido, pela conversa com uma variedade de interlocutores, alguns por tempo mais prolongado e maior aprofundamento, enquanto outros eu acompanhei tão somente publicações e mensagens em redes sociais. Além disto, visto que minha pesquisa se focou na comunidade de magistas do Vortex, não pretendo de nenhuma forma que os apontamentos aqui realizados sirvam como generalizáveis a todo contexto e a todo magista.

O contexto da prática mágica é bastante complexo e, no caso da Magia do Caos, muito individual e próprio a cada praticante. Isto faz com que toda generalização realizada neste trabalho tenha, portanto, um caráter provisório, servindo como um esboço para estimular maiores análises no futuro. Trata-se, neste sentido, de um esforço ensaístico para prestar adição ao estudo antropológico da prática da magia, contribuindo a um horizonte que, embora em expansão, ainda há muito que se estudar.

No capítulo 1, tratarei da minha inserção em campo na comunidade do Vortex, comentando algumas de suas peculiaridades e como a interação em si se deu virtualmente. Além disso, abordarei as circunstâncias de campo presencial em que puderam ser obtidos mais conhecimentos e trocadas informações.

No capítulo 2, trabalharei com alguns pressupostos da prática mágica: o que é magia e qual a sua peculiaridade? Para entender isto, é necessário resgatar a temática da causalidade e da intenção como importantes para entender a magia. As proximidades e divergências entre magia e ciência adentrarão aqui, também. Por fim,

para podermos entender a diversidade de entendimentos na prática mágica dos caoístas, abordo o conceito de “paradigma” conforme utilizado pelos magistas.

No capítulo 3, adentro em algumas questões mais diretamente envolvidas na prática mágica em si: a agência. Para isto, abordo o lugar do outro mundo e a forma como os agentes atuam enquanto mediadores ou intermediários, resgatando um léxico de Latour (2012). Ilustro alguns exemplos de agentes mágicos do plano espiritual, dentre forças abstratas a agentes pessoalizados. O capítulo se encerra com o tema dos rituais e alguns exemplos de tipos de práticas e ferramentas mágicas utilizadas pelos magistas para fazerem a magia acontecer.

No capítulo 4, trato da questão da eficácia mágica: como ela pode ser avaliada? Retorna aqui o conceito de resultado e veremos a ideia de mensuração de resultados, com o uso de uma ferramenta especial: o diário mágico. Para além deste instrumento, veremos também algumas técnicas e tecnologias usadas para medir o resultado de uma prática, como os oráculos, a intuição e a mediunidade.

Capítulo 1: O campo

1.1) Entrada no campo

Apesar de nutrir um gosto por estudos relativos à área do ocultismo, da magia e do misticismo desde, pelo menos, 2012, foi somente em outubro de 2016 que tomei conhecimento a respeito desta modalidade da prática da magia que é a “Magia do Caos”. Isto ocorreu pela divulgação de um “servidor coletivo” denominado Abralas⁷ pela plataforma do *Facebook*: trata-se de uma espécie de ser não material que fora criado por um magista e teria capacidade de causar transformação no mundo. No caso de Abralas, sua função em específico seria abrir os caminhos daqueles que o utilizassem. O criador deste servidor era Rodrigo Vignoli, quem eu já havia conhecido em um curso em 2013 acerca de temáticas do ocultismo. Foi a divulgação dele que me fez tomar conhecimento de Abralas.

O que considerei curioso neste servidor é, afinal, o que é parte constitutiva da Magia do Caos: a possibilidade de criar mecanismos e seres conforme desejar sem ter de remontar-se a tradições anteriores. De forma geral, a ideia de um ser ter sido *criado* por um magista me era curiosa, já que até o momento já tinha visto pessoas lidando com anjos, demônios e deuses da Antiguidade, mas nunca que tivessem criado os seres que lhes trariam resultados mágicos.

Assim, vim a perguntar a respeito destes servidores para Rodrigo e recebi uma indicação bibliográfica para saber mais sobre o tema. A curiosidade antropológica misturava-se à genuína curiosidade magística: seria esta estranha técnica com esta criatura denominada “servidor” capaz de causar transformação no mundo, verdadeiramente? Além do *Livro SS*, de Krystos Meyer (s/d), que comecei a ler por recomendação de Rodrigo, este me colocou num grupo do *Facebook* chamado “Kaos-Brasil. Magia do Caos”⁸, onde se debatiam questões relativas à mesma.

Antes disso, eu já acompanhava certas discussões a respeito de magia em sites e *blogs* da internet. Todavia, o acesso a este grupo me foi um primeiro contato com uma área bastante efervescente da comunidade mágica brasileira e, em especial,

⁷ Tratam-se de seres criados artificialmente para servirem ao magista de alguma forma, para algum propósito específico. Eles não teriam muita autonomia e tratariam de seguir a proposta que os fez serem criados. No caso de Abralas, o objetivo seria abrir caminhos. Como a proposta é bastante ampla, seu criador, Rodrigo Vignoli, decidiu torná-lo público a fim de que pudesse auxiliar na abertura de caminhos de outras pessoas. A história deste servidor é bastante particular e interessante, mas escapa aos objetivos deste trabalho.

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/kaosbrasil/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

àquela ligada à Magia do Caos. Este grupo conta, atualmente, com mais de 13 mil membros e existe desde 2011: é o grupo de *Facebook* mais antigo de Magia do Caos no Brasil e o segundo maior⁹.

O primeiro nível de estranhamento era a própria naturalidade do debate: divulgavam-se ali servidores e técnicas mágicas das mais diversas, cujos resultados seriam perfeitamente acessíveis a quem se propusesse a praticar e testar. É claro que os magistas faziam questões e debatiam, sendo comuns a aparição de críticas de uns aos outros. Ainda assim, não era uma questão se a magia era uma realidade ou não, mas sim *como* melhor realizá-la.

Técnicas mágicas divulgadas tinham sua legitimidade contestada na medida em que não funcionavam, que poderiam funcionar melhor ou, ainda, que continham riscos e efeitos indesejáveis. Paralelamente, aqueles que tinham experienciado os resultados de uma prática diriam aos críticos que a culpa poderia ser dos mesmos: não teriam feito adequadamente a prática e algum elemento poderia ser identificado como o culpado da falta de sucesso e da possibilidade de erro. As formas como se medem os resultados e a eficácia nas práticas dos magistas será melhor explorada no capítulo 3.

Dentre tantos debates, críticas e discussões, percebi que o ponto principal era o compartilhamento de informações sobre como melhor praticar magia. Isto envolvia tanto sugestões de técnicas específicas quanto elaborações sobre o que que poderia ser feito para se ter melhores resultados com as técnicas – disciplina corporal, meditações, abstinências etc. A magia dizia respeito a algo entendido como absolutamente real e debates sobre algo como “vocês realmente acreditam em magia?” eram, no mínimo, pouco relevantes mas, mais que isso, praticamente ausentes.

A partir daí, comecei a fazer experimentos pessoais com a magia e acompanhei moderadamente a comunidade. Foi somente em 2017 que tomei a decisão de tomar esta área para fins de pesquisa de campo antropológico. Os estranhamentos sentidos neste campo, mesmo se eu me propunha a testar as práticas, me colocava num lugar curioso: magista, mas investigador da prática. Antropólogo da magia, ainda que um praticante iniciante. Isto me fez perceber que era preciso considerar a *prática* mágica,

⁹ O primeiro maior grupo chama-se “Magia do Caos”. Criado em outubro de 2016, está vinculado, conforme descrição, à “rede ocultista Specula, com o grupo internacional Chaos Magick (CMG) e com a editora Penumbra Livros” (MAGIA DO CAOS, s/d). Possui mais de 24 mil membros.

ao invés de deter-me simplesmente em noções teóricas e discursivas, e isto me auxiliou a ter acesso a debates e conversas com praticantes naquilo que lhes era mais importante: a capacidade de realizar magia e obter resultados com a mesma.

Assim, em junho de 2017, comecei a acompanhar oficialmente o *podcast* lançado pelo já citado Rodrigo Vignoli, junto de José Lucas da Silva (que se apresenta como Gelo no programa) e Victor Vieira, sendo que este último saiu do corpo do *podcast* em 15 de julho de 2018. O nome do programa é “Vortex Caoscast” e trata justamente da temática da prática da magia, por meio de uma visão da Magia do Caos. Menos que abordar teoria sobre o assunto, o enfoque era tratar das experiências de cada um dos praticantes. Junto do *podcast*, formou-se uma comunidade no *Facebook* (“Vortex Caoscast: Através do Portal”) onde se reuniam os ouvintes, trocavam-se comentários tanto sobre o *podcast* em si quanto sobre áreas mais gerais da prática da magia – e, por vezes, posts puramente feitos por brincadeiras (chamados de *shitpost*¹⁰). Adentrei esta comunidade em 17 de junho de 2017 e passei a acompanhá-la.

Deste momento em diante, comecei uma vivência de campo mais centrada na comunidade dos caoístas – magistas ligados à magia do caos - e, em especial, ao grupo ligado ao Vortex Caoscast, que doravante chamarei de comunidade do Vortex. Este acompanhamento deu-se, principalmente, por vias virtuais, com ocasionais incursões a campo.

Ponto adicional que muito auxiliou nesta pesquisa de campo foi quando, em maio de 2018, fui adicionado ao grupo do *Telegram* dos ouvintes do Vortex – que, por uma brincadeira interna, chamava-se “Fã Clube da Fafá de Belém do Black Metal”¹¹. Desde então pude acompanhar certas conversas e discussões que tinham um caráter mais espontâneo do que as do próprio grupo do *Facebook*.

Também no âmbito virtual, pude acompanhar com menor enfoque algumas outras comunidades de debate sobre a prática da magia do caos e questões associadas. Dentre elas estavam os grupos de *facebook*: “kaos-brasil. magia do caos”, “Magia do Caos”, “ABRALAS CLAVISFER”, “Os 40 Servidores”¹², “Caotize-se | Magia

¹⁰ O *shitposting* é uma prática que não é exclusiva a este grupo ou a praticantes de magia. Trata-se de posts feitos somente com fins cômicos. Pela aproximação do Vortex e de seus membros com o discordianismo, corrente mágico-religiosa que veremos a frente, a postura brincalhona é bastante estimulada.

¹¹ Como comentado na introdução, o grupo foi renomeado em 21 de julho de 2019 para “VORTEX – Ponto de Convergência”.

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/391117047904164/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

do Caos”¹³; e também páginas como “Memes de magia clássica contra o mundo moderno” (que foi excluída ainda em 2018), “esquisoterices” (excluída, acredito eu, em 2019), “Abadia de Thelema Het Heru”¹⁴ e “Oásis Quetzalcoatl – Ordo Templi Orientis”¹⁵.

Assim, pude acompanhar discussões feitas nestes meios – *podcast*, *Facebook* e *Telegram* e aproximar-me efetivamente do campo. Para tal, não somente observei diversos debates como participei dos mesmos, propondo questões e mesmo colocando percepções e experiências minhas em jogo, na dupla condição de pesquisador e praticante de magia.

A entrada no campo também operou através de uma série de eventos presenciais que tive a oportunidade de acompanhar. Os praticantes de magia estão comumente envolvidos em outras atividades ligadas a esta área e costumam oferecer cursos, *workshops*, palestras etc. para o público interessado. Alguns estão ligados a áreas terapêuticas, como o próprio Rodrigo Vignoli e, desta forma, estão disponíveis para contato para fins de tratamento. Por fim, na medida em que a comunidade do Vortex é virtual, os membros formam laços e procuram encontrar-se presencialmente para fins de conversa e diversão.

As oportunidades de contato presencial incluíram: um curso de Reiki e um de Kabbalah Prática, dados por Rodrigo; uma sequência de duas palestras, por Rodrigo e Victor Vieira; um encontro nacional, com uma sequência de cinco palestras, em que os três integrantes do Vortex apresentaram; entrevistas presenciais e uma série de encontros informais que, normalmente, estavam associados a estes outros eventos de cunho expositivo.

Além disso, realizei sessões de terapia energética com Rodrigo Vignoli entre fevereiro e junho de 2019 e passei a frequentar aulas de Kundalini Yoga com Bernardo Malamut, membro da comunidade do Vortex, desde fevereiro de 2019 até o presente. Como magistas, seus entendimentos e práticas acabam estando associados nestas sessões. A maior proximidade permitiu algumas conversas sobre temáticas relativas à magia e ao Vortex.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/caotizese/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/abadiadethelemahetheru/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/oto.quetzalcoatl/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

Em 24 de março de 2018, houve um encontro da comunidade do Vortex em BH. Nesta ocasião pude conhecer alguns dos membros locais desta comunidade, além de outros que vieram de mais longe. Dentre eles, conheci Felipe Boin, antropólogo da UFSC que recentemente defendeu sua dissertação de mestrado a respeito da temática da Magia do Caos e do Vortex (BOIN, 2019). Os outros participantes eram caoístas, mas também ligavam-se a temas como Astrologia, Candomblé, Quimbanda e Umbanda.

O encontro informal deu-se num bar na região central de Belo Horizonte e foi realizado porque antecedia o curso de Rodrigo Vignoli chamado “Kabbalah Prática”. Na ocasião, Boin estava realizando pesquisa de campo e pude acompanhar algumas discussões interessantes que ele puxou.

No dia seguinte, participei do curso de Kabbalah Prática¹⁶. Esta temática é bastante clássica no ocultismo e nos sistemas de magia contemporâneos, mesmo na Magia do Caos. A proposta de Rodrigo era tanto apresentar os elementos teóricos deste sistema mágico quando demonstrar como eles são feitos na prática.

Posteriormente, participei do curso de Reiki¹⁷ de Rodrigo Vignoli em 9 de junho de 2018. Se também fui pelo fato de eu ter sido iniciado no nível de Mestre em Reiki pelo próprio Rodrigo, o momento foi bastante útil para a pesquisa e tive a oportunidade de reencontrar alguns membros da comunidade belohorizontina do Vortex. Após o curso, houve um momento de confraternização que envolveu conversas bastante interessantes sobre práticas mágicas.

Tive um encontro com Rodrigo e Victor Vieira, então locutor do Vortex, no dia 23 de junho do mesmo ano. Pude conversar mais abertamente com eles, numa situação bastante mais informal. No dia seguinte, ambos deram uma palestra em uma

¹⁶ Este curso tratou do que se denomina como “Kabbalah Hermética”. Segundo Boin, “a Kabbalah Hermética é um sistema místico e mágico hebraico, advindo da Cabalá judaica, essa última sendo um sistema místico, filosófico e religioso com origens medievais que remontam ao judaísmo e ao início da era cristã. Como coloca Dan (2007), a partir da Renascença os textos da Cabalá entraram na cultura não judaica e foram estudados pelos ocultistas herméticos. Assim ocorre o surgimento da Kabbalah Hermética, hoje em dia parte da tradição esotérica Ocidental” (BOIN, 2019, p. 66).

¹⁷ O Reiki é um sistema de cura por meio do uso de energia. Foi criada em 1922 por Mikao Usui, um monge japonês. É uma prática que pode ser enquadrada como uma “terapia alternativa”. A forma de se tornar um praticante de Reiki é por meio de um curso onde ocorre uma iniciação ritual. Conheci diversos membros do Vortex que possuíam iniciação em Reiki.

loja maçônica¹⁸ sobre os temas “Gnose¹⁹” (por Rodrigo) e “Xamanismo Urbano” (por Victor).

Oportunidade única para esta pesquisa foi o congresso Ocultaria, realizado na cidade de São Paulo em 21 de julho de 2018. Ela contou com palestras de cada um dos membros do Vortex, além de uma feita por Ana Lídia, do canal de Youtube “Espiritualidade em Movimento” e por Nino Denani, organizador do evento e que é criador de conteúdo sobre magia na internet com o canal de Youtube “Nino Denani”. O que ela teve de bastante único foi precisamente ter reunido, pela primeira vez, membros do Vortex de todo o Brasil. Após o congresso, eles saíram juntos.

Algumas situações em que pude encontrar membros do Vortex em etapas mais tardias da pesquisa me proporcionaram conversas interessantes e algumas entrevistas que auxiliaram na finalização de elaborações teóricas: no dia 1º de junho de 2019, houve um segundo encontro do Vortex em Belo Horizonte. Vários dos membros ali presentes eu não conhecera anteriormente. Pudemos conversar sobre magia e os debates sobre seus pontos de vista foi bastante interessante.

No dia 3, um interlocutor, vindo de São Carlos-SP, me cedeu algumas entrevistas junto de um amigo não praticante de magia que estava para começar a realizar uma certa prática. A entrevista abordou diversos elementos de sua visão de magia e com o tipo de coisa que ela lidava. Mais tarde, ainda nesta entrevista, Rodrigo e outro magista chegaram ao local e a conversa foi bastante útil a respeito do tema de o que é magia e quem é o magista.

Por fim, tive a oportunidade de viajar à cidade de São Carlos para algumas entrevistas e conversas entre os dias 7 e 13 de junho de 2019. Pude conversar com José Lucas, locutor do Vortex, além de alguns outros praticantes que abrangiam práticas de magia ligadas à astrologia, bruxaria natural, candomblé, umbanda, Thelema²⁰ e o uso de servidores diversos.

¹⁸ Alguns maçons que conheci se interessavam por temas ligados à magia. Na comunidade do Vortex, no entanto, são poucos os que assumidamente são maçons, não sendo um grupo muito presente na comunidade.

¹⁹ *Gnose* é um termo com vários significados. Em *Magia do Caos*, o principal uso deste termo refere-se a práticas que visam a alteração do estado de consciência, com o fim de facilitar a atuação mágica. Entende-se que estados alterados de consciência possuem uma capacidade maior de executar magia, sendo muitas vezes tidos como imprescindíveis à prática.

²⁰ Thelema é um sistema mágico e religioso criado pelo famoso mago inglês Aleister Crowley (1875-1947). Este sistema coloca a busca de realizar a sua Verdadeira Vontade (Thelema, em grego) como central na vida de toda pessoa. Esta Vontade (com ‘v’ maiúsculo) seria algo que toda pessoa teria de descobrir qual era a sua e, para isto, uma série de métodos mágicos serviriam. A ordem Astrum Argentum (A. A.), criada por Crowley, proporia justamente oferecer um treinamento mágico para os iniciados que, pouco a pouco, tornar-se-iam capazes de descobrir e realizar as suas Verdadeiras Vontades. Este sistema é muito influente em todo o ocultismo ocidental,

Estas foram as principais ocasiões de campo presencial que auxiliaram na constituição de melhores relações e entendimentos deste universo de práticas que, embora dotado de tantos embates e contradições, ainda assim é capaz de abarcar pessoas de trajetórias tão diversas em uma comunidade. Estes encontros e cursos, aliados ao convívio virtual constante, promoveram uma boa quantidade de entendimentos, elaborações e relatos a respeito da prática da magia que são o fundamento desta monografia.

1.2) Vortex Caoscast: O Vortex está aberto

A comunidade do Vortex formou-se em torno do *podcast* elaborado por José Lucas, Rodrigo Vignoli e Victor Vieira. De fato, esta proposta veio de José Lucas, já conhecedor de como montar um *podcast* a nível técnico. Foi no dia 1º de janeiro de 2017 que ele fez um post no grupo da Kaos-Brasil convidando pessoas a montarem um *podcast* a fim de “disseminar o KAOS” (2017, post na internet). Várias pessoas se candidataram, dentre elas Victor e Rodrigo, sendo que somente estes dois chegaram a participar efetivamente do projeto.

O primeiro episódio foi lançado somente em 23 de maio de 2017, um dia escolhido por conter os números 23 e 5, tidos como referentes à deusa da discórdia: Éris. Isto marca a relação do Vortex e, aliás, da Magia do Caos como um todo, com o *discordianismo*, espécie de corrente mágico-religiosa que prega pela propagação do caos. Este tema será melhor explorado mais à frente, mas basta perceber que não levar as coisas tão a sério e fazer todo tipo de brincadeiras é parte constitutiva do Vortex Caoscast. Isto abrangerá a comunidade que se fundou em seu entorno.

Os episódios são, basicamente, discussões sobre magia a partir de uma lente caoísta e tendo como base as experiências vividas pelos integrantes e o que possuem de aprendizado. Alguns vários episódios possuem a presença de convidados de alguma proeminência na comunidade mágica brasileira, seja nas temáticas ligadas à Magia do Caos ou em outras correlatas. O debate envolve aspectos teóricos, mas é, principalmente, a respeito dos entendimentos dos integrantes partindo do lugar de suas experiências, tornando este *podcast* um lugar privilegiado para conhecer as elaborações que se faz a respeito da prática mágica. O tom é marcadamente de

tendo sido uma das principais bases em que Peter Carroll e Ray Sherwin colocaram a Magia do Caos. Muitos dos membros do Vortex se consideram *thelemitas*, isto é, magistas ligados à Thelema. Mesmo os que não se consideram parte deste sistema tem algum conhecimento sobre ele, dada sua forte influência.

brincadeira, como o discordianismo já apontou: nada é levado tão a sério, há relativa “irreverência”, usando um termo de Rodrigo. Este considera esta característica parte do que fez o sucesso do *podcast* e que fundou uma comunidade bastante fiel e não hierarquizada.

Atualmente, já são mais de dois anos deste *podcast*, com mais de 50 episódios, uma série de *lives*²¹ disponibilizadas e ainda um programa alternativo chamado CórTEX CaosCast, já com sete episódios. Conta, ainda, com uma forma de contribuição financeira por meio da plataforma do *apoia.se*²². Este tipo de serviço é bastante difundido atualmente na internet e, no caso do Vortex, promete certas recompensas aos apoiadores, sendo que uma das mais expressivas é a entrada no grupo do *Telegram*.

A página no facebook²³ possui mais de 4 mil curtidas e seguidores. Já o grupo do *Facebook* conta com mais de 1500 membros e atividade constante. O grupo do *Telegram* possui atualmente mais de 100 membros e é bastante movimentado. A atividade no *Telegram* também me fez ser incluído em subgrupos do Vortex na plataforma, em geral dedicados a temas mais específicos ou, simplesmente, para interação mais direta entre membros.

Uma notável mudança pelas qual o *podcast* passou foi a saída do integrante Victor Vieira, em 15 de julho de 2018, que gerou algumas várias reformulações na estrutura do programa. Isto porque era uma parte base do mesmo o fato de que Rodrigo representaria uma posição um tanto contrária à de Victor, com o apresentador Gelo servindo de mediador. Sem este que seria um contraponto, a posição dos dois integrantes que permaneceram no programa precisou ser reformulada.

O CórTEX, por sua vez, traz um elemento interessante que é fundamental dentre os praticantes de magia: as leituras. Este *podcast* vai contar com outros dois interlocutores: Felipe Boin, já citado antropólogo pesquisador do tema da Magia do Caos, e Danilo Nóbrega. A intenção é justamente abordar obras importantes da bibliografia mágica, de clássicos a contemporâneos, a fim de elaborar sobre seus entendimentos, discordâncias e possibilidades. Possui cunho expositivo, funcionando

²¹ *Lives* são, como o próprio nome diz, vídeos gravados e disponibilizados ao vivo. Há, desta forma, interação direta com os espectadores e é possível responder dúvidas feitas na hora em que se está debatendo.

²² Existem várias plataformas de apoio financeiro na internet. Seu objetivo é permitir que pessoas contribuam com quantias, mesmo que pequenas, para auxiliar na manutenção e realização de algum projeto. O *apoia.se* é uma destas plataformas.

²³ A página pode ser acessada em: <<https://www.facebook.com/vortexcaoscast/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

como uma espécie de grupo de estudos, com a finalidade de “[...] explorar literatura mágicka abordando autores, temas e obras com um olhar mais profundo e focado” (CÓRTEX 0, 2019).

1.3) A comunidade do Vortex

A comunidade do Vortex formou-se, portanto, das pessoas que acompanhavam este *podcast* e acabou atingindo uma esfera mais abrangente, para além dos programas. Os membros relacionam-se, propõe debates e discussões, trocam experiências e dicas mágicas, brincam, combinam encontros e rituais coletivos²⁴.

Os ouvintes do Vortex, em geral, acompanham também outras comunidades ligadas ao tema da magia. Assim, muitos deles serão encontrados acompanhando e mesmo participando de alguns dos vários outros grupos de magia no *Facebook*, bem como acompanharão outros *podcasts* de magia. No entanto, membros com maior participação na comunidade do Vortex defenderão que a rede que se formou ali possui uma intimidade bastante especial.

Há um senso de pertencimento ao grupo que gera laços de proximidade dentre seus membros. Uma característica constantemente enfatizada que propicia isto é a inexistência de hierarquias que coloquem alguns membros acima de outros, mesmo quando se trata dos próprios produtores do programa. Há a sensação de que não há problemas em discordarem uns dos outros e que ninguém tem uma autoridade capaz de ditar algo aos outros, sem permitir questionamentos.

São Longinius Pinto²⁵, membro do Vortex, nos diz que, neste grupo, todo mundo se “sente em pé de igualdade, ninguém olha de cima; quando tu não olha de cima, tu respeita e aceita a possibilidade de aprender com o outro” (18/05/2019, 00:15, *Telegram*). Outro membro nos conta: “Aqui as pessoas são SEGURAS, tá ligado? [...] Todo mundo aqui sabe que sabe, sabe o quanto sabe e sabe que não sabe tudo,

²⁴ Rituais coletivos, no grupo do Vortex, não são normalmente presenciais. Como a maioria dos membros mora geograficamente distantes uns dos outros, os ritos coletivos são realizados separadamente. A simultaneidade que possuem é temporal, sendo ou realizados precisamente ao mesmo tempo, ou numa mesma janela de tempo (no mesmo dia, por exemplo). Os principais ritos realizados pelos caoístas são, de toda forma, individuais.

²⁵ Alguns membros do Vortex optaram pelo anonimato. Em comum acordo, certos membros preferiram ter seus nomes trocados por pseudônimos. Todos os pseudônimos usados possuem algum vínculo com a prática mágica destes membros. No caso de São Longinius Pinto e da Profetisa, o vínculo é com o Piadismo, sistema criado por estes membros do Vortex que possui um embasamento discordianista, mas propõe suas próprias práticas mágicas e visão de mundo.

então ninguém aqui tem medo de falar e ser contradito” (Ravn, 18/05/2019, 00:24, *Telegram*).

Este ponto da discussão ser tida como saudável e os debates terem razoável horizontalidade faz com que a comunidade do Vortex congregue debates de áreas bastante diversas. De fato, grupos de Magia do Caos tendem a formar-se com pessoas de formações mágicas variadas, na medida em que isto está envolvido na própria proposta desta vertente. A comunidade Vortex tem suas especificidades a respeito da forma que os debates são conduzidos, diferenciando-se de algumas outras comunidades virtuais que, a despeito de serem grupos, não necessariamente desenvolvem um senso de pertencimento e de vínculo.

Disto teremos membros do grupo que lidarão com vertentes muito diversas e, para além disso, que possuem seus próprios canais de divulgação de conteúdo a respeito da magia e desenvolvem materiais e serviços próprios. Ravn, por exemplo, é parte do Colégio Platinorum, onde escreve textos a respeito de paganismo nórdico. São Longinius Pinto desenvolve material a respeito de magia e tem serviços com Mapas Cabalísticos, que aliam entendimentos das tradições da Cabala Judaica e Hermetista com astrologia. A Profetisa foi a desenvolvedora do Piadismo²⁶, uma proposta de relação com o mundo contando também com práticas mágicas – bastante próximo do discordianismo.

Muitos deles também atendem com serviços de cunho oracular: leituras de tarô, runas, I-Ching²⁷, atendimentos astrológicos. Rodrigo atende com terapias energéticas. José Lucas faz leituras astrológicas. Bernardo Malamut é professor de Yoga. Em suma: as práticas mágicas envolverão os âmbitos mais diversos da vida dos praticantes e o Vortex é um lugar onde compartilham e debatem em relação a isto,

²⁶ O Piadismo conta com uma forma de ver o mundo pautada na ideia de que tudo é uma piada e, assim, não há porque nada ser levado a sério. Além de uma visão de mundo, também conta com uma série de ritos mágicos, incluindo a possibilidade de expulsar forças negativas (banimento) e de atacar a outras pessoas. Os ritos são construídos com elementos próprios ao Piadismo: para além de um senso de humor próprio, são trazidos elementos como a Galinha, o Galo e o Pinto como poderosos símbolos para a prática.

²⁷ Há diversos *oráculos* utilizados por magistas. Tarô é o mais famoso e utilizado, com runas e I-Ching sendo bastante famosos também. Estes três consistem em sistemas de sortear símbolos que, conforme retirados aleatoriamente, trarão algum entendimento importante para o magista sobre a área de sua vida que ele esteja buscando entender. O tarô remonta à Europa medieval e se utiliza de 78 cartas. As runas remontam aos povos nórdicos, utilizando-se de pedras com alfabetos rúnicos grafados. Há mais de um alfabeto, conforme período temporal e contato intercultural, sendo o Futhark antigo um dos mais utilizados. O I-Ching, também chamado de Livro das Mutações, envolve o recurso a elementos como varetas, moedas ou cartas para se ser obtido um hexagrama, conjunto de 6 linhas contínuas ou segmentadas. Cada hexagrama possui um significado específico. O uso dos oráculos será melhor apontado no capítulo 3.

tendo em mente estas práticas já realizadas. A comunidade vira um lugar também de compartilhamento de serviços, quando é o caso.

Se as particularidades da comunidade do Vortex são bastante amplas, talvez o ponto em comum principal seja justamente a própria forma de relação com o mundo a partir da magia. Isto implicará em uma série de concepções, técnicas e tecnologias de relação com o mundo que, se muito variada em termos de conteúdo, parece trazer fundamentos muito similares. É este tipo de proximidades, respeitadas as particularidades, que serão trabalhadas nos próximos capítulos.

Capítulo 2: Pressupostos da Prática Mágica

2.1) Magia: dentre teoria e prática

Apesar da quantidade bastante ampla de material bibliográfico sobre o tema da magia, bem como os esforços dos vários praticantes de teorizá-la, entendê-la melhor e ensiná-la, a magia é fundamentalmente um campo de *práticas*. Aprendemos isso com os magistas do caos que, incessantemente, enfatizam a importância da prática como aquilo que constitui, de fato, o magista. O que não pratica é denominado, pejorativamente, como “mago de sofá”: “Mago de sofá não tem vivência. Mago de sofá só tem a teoria e, na prática, às vezes a teoria é outra” (PR, 9/8/18, 15:30, *Telegram*)

A centralidade da vivência mágica demonstra que estamos lidando, no campo em questão, com um corpo de saberes que, embora muito investidos de teoria, são fundamentalmente práticos. O magista busca a experiência mágica, entendida em sentido amplo. É pela experiência que o magista elabora uma teoria própria da magia, e isto se faz através do diálogo com outros teóricos.

O aprendizado da magia se fará, em geral, com o recurso a outros praticantes: seja por meio do contato direto, seja pelo acesso a canais de conteúdo virtual (*Youtube, blogs, páginas de Facebook* etc.), pelo ingresso em ordens mágicas ou pela leitura de obras sobre magia. Neste sentido, a magia também está ligada a elaborações teóricas, mas é sempre uma teoria que serve à prática e que se baseia nela.

Alguns sistemas serão especialmente práticos para serem realizados por pessoas que pouco conhecem de magia. Um exemplo são o uso de *servidores coletivos*. A criação de servidores é uma das técnicas mais básicas em Magia do Caos, embora possa ser considerada anterior a ela (BOIN, 2019, p. 109). Segundo Boin, estes seres “podem ser entendidos como entidades criadas artificialmente e que possuem um desígnio específico, previamente atribuído pelo *magista*” (ibid, p. 28).

A criação de um servidor consiste nos seguintes passos, conforme Liber Null (2016): elabora-se um símbolo (ou sigilo) para ele, um nome e define-se a sua função. Em seguida, faz-se a *energização* do servidor (possivelmente por meio de *gnose*²⁸,

²⁸ Uma energização pode-se dar de diferentes formas. É comum que o termo *gnose* seja utilizado para designar este momento em específico onde um servidor construído artificialmente é infundido de força mágica. Em geral, a *gnose* trata de momentos extáticos, com um exemplo comum sendo o orgasmo. O estado de transe oriundo de uma meditação também pode ser considerado um estado de *gnose*. Quando este estado é atingido, faz-se

isto é, estados alterados de consciência), por meio da qual ele ganha a capacidade de atuar na função especificada. O servidor devidamente energizado ganha, então, capacidade de atuar no mundo e o recurso a ele auxilia na função definida.

Servidores podem ser tanto pessoais quanto coletivos. A diferença entre ambos é a publicidade do mesmo e a possibilidade de que outras pessoas, para além do criador do servidor, possam utilizá-lo a fim de atingir determinado resultado. Além disso, há servidores para fins específicos e que deixariam de existir após completarem seu propósito. Por exemplo, um servidor para passar em um concurso deixaria de ter sentido após a data de realização deste concurso. Por outro lado, há aqueles servidores cujas funções são mais genéricas e, desta forma, são mais duradouros. A maioria dos servidores coletivos tem funções mais gerais, o que os fazem serem utilizados por tempo indeterminado. Segundo Ruback (2018), “quanto mais duradouro e compartilhado [é o servidor], mais potente”.

Qualquer pessoa pode criar um servidor coletivo e divulgá-lo para que outros caoístas os utilizem. Um exemplo bastante proeminente de servidor coletivo é Abralas, o servidor que foi divulgado por Rodrigo e me fez tomar conhecimento de Magia do Caos.

Este servidor foi criado por Rodrigo Vignoli e é definido como “uma deidade²⁹ contemporânea facilitadora de fluxos” (ABRALAS, s/d.). Suas funções envolvem desde chegar rapidamente a um destino a obter um emprego, por exemplo: tudo que se pode entender como uma abertura de caminhos.

A natureza genérica deste servidor fez com que atingisse grande fama e visibilidade. Muitas pessoas que sequer possuem conhecimento de magia ou afinidade com o tema passaram a fazer uso do mesmo e contaram ter se beneficiado. O grupo de Facebook³⁰ dedicado ao mesmo possui mais de 5 mil membros e inúmeras pessoas fazem publicações relatando sucessos dos mais diversos: questões

alguma técnica para repassar esta energia para o que se deseja energizado, como o servidor. O mais comum é visualizar mentalmente o símbolo em questão.

²⁹ Abralas foi criado como um servidor. No entanto, após ter obtido fama e ser utilizado por muitas pessoas, Rodrigo conta que Abralas começou a fazer funções maiores do que as que tinha se programado: para além de agilizar uma fila, ele passou a auxiliar em obter empregos, por exemplo. Rodrigo e outros magistas passaram a considerar Abralas como uma espécie de *deidade*, neste sentido, porque teria conseguido obter uma razoável autonomia, algo que servidores normalmente não possuem. Conforme esta visão, Abralas não é exatamente um servidor, mas uma deidade – mas, tendo sido criado como servidor, ele ainda serve muito bem de exemplo ao que busco explicar aqui. Abralas foi o único servidor com que tive contato em campo ao qual era atribuída esta transformação de servidor para deidade.

³⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/abralasclavisfer/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

burocráticas rapidamente resolvidas, empregos obtidos, dinheiro vindo de maneira inesperada etc.

Outro exemplo expressivo de servidores coletivos são os 40 servidores de Tommie Kelly. Este magista irlandês criou um baralho com 40 cartas, cada uma possuindo um servidor que serviria tanto para fins oraculares – ou seja, para responder perguntas – quanto mágicos. Estes servidores abrangem aspectos diversos das necessidades de uma pessoa: há A Bibliotecária (The Bibliotecarian), servidora que serve para auxiliar nos estudos e na obtenção de material bibliográfico; há A Carnal (The Carnal), dedicada ao tema da atração e que normalmente é usado para se obter parceiros sexuais; há O Diabo (The Devil), que serve para se trabalharem e superarem limitações pessoais etc³¹.

Servidores coletivos podem ser usados por qualquer pessoa, sejam magistas experientes, estudiosos ou leigos. Isto é, a magia seria tão facilmente realizada em termos de método que não seria necessário nenhum conhecimento anterior, seja a nível teórico quanto prático. Trata-se, tão somente, de usar um intermediário mágico para realizar a sua vontade, transformando a realidade.

Os servidores coletivos, bem como outras técnicas mais acessíveis de magia, demonstram que é considerado possível que um magista seja predominantemente prático, sem trabalho teórico. Todavia, ele sempre estará trabalhando a partir de um repertório anterior que é teórico, podendo reinventá-lo de formas que lhe interessem e constituir o seu próprio *paradigma*. Estudar teoricamente sobre magia, no entanto, é altamente recomendado e não se vê com bons olhos aqueles que não tentam entender os rituais de que se utilizam.

Disto surge uma dualidade que foi chamada por Ravn de “8 ou 80 – mago de sofá ou cultuador da Carnal” (Ravn, 28/11/18, 16:21, *Telegram*). Basicamente, ele está criticando os dois limites desta dualidade: aquele que se dedica à teoria sem nenhuma prática e, do outro lado, aquele que pratica sem buscar embasamento teórico.

“Cultuador da Carnal” referencia uma grande quantidade de pessoas que, principalmente por meio do *facebook*, tomaram conhecimento da servidora *The*

³¹ Mais informações sobre os 40 servidores podem ser encontradas na página virtual “Adventures in Woo Woo”. Disponível em: <<https://www.adventuresinwoowoo.com/thefortyservants/>>. Acesso em: 6 nov. 2019. Recentemente, o baralho de 40 cartas acompanhado do livro guia foi lançado pela editora Penumbra (KELLY, 2019).

Carnal. O principal uso desta servidora é, como citado, atrair parceiros sexuais. Apesar de ser um dos 40 servidores desenvolvidos por Tommie Kelly, acabou atingindo uma visibilidade superior aos demais – talvez pelo seu tema ser mais visado por muitas pessoas.

A crítica aos “cultuadores” dela diz respeito à ideia de que muito do público de utilizadores deste servidor são tidos como inexperientes. Ou seja, ao verem uma ferramenta mágica de uso fácil (um servidor coletivo), passam a usar dessa ferramenta e desenvolver um trabalho com ela sem terem conhecimento teórico mais profundo. A princípio, isto seria perigoso pela simples razão de que efeitos negativos poderiam ocorrer quando não se tem entendimento do que se está fazendo.

Assim, enquanto o mago de sofá muito sabe, mas nada faz, o “cultuador da carnal” serve de símbolo para todos aqueles magistas que praticam, mas pouco entendem. Vemos, por meio desta citação de Ravn, que tanto a prática quanto a elaboração teórica e os estudos são considerados importantes para a formação de um bom magista.

O lugar da teoria é, de toda forma, constitutivo mesmo dentre os praticantes mais inexperientes. Eles estão dialogando com algum tipo de repertório teórico que fundamenta sua prática: os “cultuadores da Carnal” estruturam-se num sistema criado por Tommie Kelly a partir de uma proposta de prática mais antiga – que pode ser situada no Liber Null de Peter Carroll (2016). Apesar de estarem utilizando de um sistema que se utiliza deste acervo, ainda são criticados com respeito a uma ausência de aprofundamento e de ponderações próprias sobre suas práticas.

Assim, teoria e prática se combinam para formar a figura do bom estudante de magia. Quando o mago de sofá teoriza, ele é muito facilmente menosprezável pela razão de que as suas experiências são tidas como sem sustentação. Não há grandes motivos para acreditar que o que ele diz tem embasamento, na medida em que ele não praticou. Como disse PR mais acima, “na prática às vezes a teoria é outra”. A experiência é tão complexa e variante que um teórico sem prática é incapaz de abordá-la propriamente.

Quando um praticante sem embasamento teórico compartilha os resultados de suas práticas e suas observações, a falta de conhecimentos também pode deslegitimar o que ele diz. É como se lhe faltasse “maturidade mágica” e suas experiências também carecessem de sustentação, mas desta vez teórica. Não significa, no entanto, que ele não possa ter obtido resultados em suas práticas, mas

que as interpretações que ele der a estes frequentemente não parecerão confiáveis aos olhos dos outros.

As figuras proeminentes da comunidade mágica – inclusive aquelas do Vortex – são tidas como dotadas de legitimidade justamente por associarem embasamento teórico com prática mágica. É claro que somente estes dois polos não seriam devidamente relevantes se não houvesse um intermediário: a elaboração teórica sobre a prática.

Neste tópico, há maior nível de liberdade e é onde se vê a atuação e a mistura dos agentes mais diversos. Isto é especialmente válido no campo em que me foquei, uma vez que os praticantes de magia do caos valorizam a elaboração de um paradigma pessoal. Este será fundamentado a partir do estudo de outros paradigmas bem como pelo entendimento dos resultados das suas próprias práticas.

O Vortex funciona, neste sentido, como uma comunidade de grande abertura para o diálogo de experiências mágicas. Mesmo os apresentadores do programa, Rodrigo e José Lucas, não são considerados como autoridades inquestionáveis – a valorização que possuem é em função das práticas que realizam e como, a partir de uma relação com autores teóricos da magia, elaboram suas experiências de maneiras próprias.

Da mesma forma, vários dos membros da comunidade, sem que sejam apresentadores do programa, tem suas opiniões valorizadas na medida em que possuem *experiência* e *entendimento*. O que dizem tem especial valor conforme a área em que se aprofundaram nos estudos: um estudioso de magia taoísta não teria muita autoridade para falar sobre magia na Umbanda e vice-versa. Isto se reflete no fato já citado de que vários membros do Vortex possuem seus próprios canais de divulgação de conteúdo mágico, onde expõem suas vivências e entendimentos.

Assim, vimos que falar de magia é falar de uma relação que, com objetivos de produzir resultados, entrelaça teoria e prática. Se o foco é na prática, para que esta produza bons resultados e estes sejam bem compreendidos é importante haver estudos teóricos e a elaboração sobre os resultados vividos. A interpretação sobre a experiência será melhor explorada no capítulo seguinte, onde entro no tema da noção da eficácia mágica, dos resultados e da sua mensuração. Por hora, me dedicarei a explorar melhor no que consiste a prática mágica e quais os elementos específicos que a definem como um setor diferenciado da vida dos caoístas.

2.2) Magia e causalidade

Possibilidade de influenciar nossas perspectivas e a realidade por meio da nossa intenção [...] (Marcella, 06/06/2019, 21:00, *Telegram*).

A Magia é a Arte e a Ciência de causar Mudanças de acordo com a Vontade (CROWLEY, 1954)³²

As citações acima são de uma praticante de magia do Vortex e de um famoso mago inglês, Aleister Crowley. Como definições nativas do conceito de “magia”, temos como central a ideia de se influenciar ou causar mudanças (nas perspectivas e/ou na realidade) com base na intenção/Vontade. Temos duas questões centrais nestas definições: primeiramente, que magia é feita conforme a intenção ou vontade do magista, não podendo ser considerado como magia atos não-intencionais. Em segundo lugar, que ela é um esforço de causar mudanças – não é um entendimento, por exemplo, contemplativo, mas uma tentativa ativa de transformar a realidade.

Este segundo ponto nos leva a seguinte questão: se é proposta a intenção de transformar a realidade, como isto se dá? Qual a especificidade da prática mágica em comparação com outras formas de práticas? Afinal, é possível realizar atos intencionais de transformar a realidade sem que isto seja lido como mágico. Para entender melhor esse tópico, é interessante resgatar o debate sobre a questão da causalidade em trabalhos antropológicos sobre magia.

Mauss, em seu esforço de definir a magia, afirma que ela difere dos atos jurídicos pelo fato de que ela é capaz de *criar*. No entanto, continuando seu raciocínio, diz que as técnicas – no sentido de conhecimento técnico³³, “nas artes e nas indústrias” – também são capazes de criação. Era até comum que um especialista técnico combinasse seu ofício com magia, na visão de Mauss: um médico poderia entoar fórmulas enquanto fazia procedimentos cirúrgicos. A diferença residiria, neste sentido, em que a magia teria uma “*eficácia muito especial*”, uma “*eficácia sui generis*” (1904, p. 16-17).

Este esforço de diferenciação de Mauss considera, portanto, que na magia a eficácia não estaria sendo entendida como produto causal daquilo que é feito. Gestos e ritos para fazer chover não causariam a chuva por si mesmos, da mesma forma que

³² “Magick is the Science and Art of causing Change to occur in conformity with Will”.

³³ De fato, Mauss está tentando diferenciar uma área de ofícios “práticos” de uma área onde eles são “mágicos”. Se, a princípio, é uma distinção útil, é preciso entender que a magia está a todo momento lidando com *técnicas* e, neste sentido, também é um conhecimento técnico.

um machado batendo numa madeira a corta. A eficácia seria de outra ordem e, por isto, *sui generis*.

Autores como Frazer (1978 [1890]), anteriormente, teriam justamente defendido que o grande problema da magia era um entendimento errôneo da noção de causalidade. Faria associações causais falsas, como na ideia de que, porque eu quero que chova, acabará chovendo. Eventualmente, no raciocínio do autor, os primitivos perceberiam a ineficácia da magia e passariam a apelar a seres divinos, por meio da religião, para lhes trazer os resultados que desejassem. Somente no último estágio de seu desenvolvimento, vendo como a religião também teria falhado em suas promessas, desenvolver-se-ia a ciência, com entendimentos reais de como fenômenos causam uns aos outros.

Temos, nestes dois autores, a questão da causalidade como central na magia. Segundo Gell (1998), diversos autores se posicionariam contra Frazer alegando que ele estava entendendo a magia a partir do ponto de vista da causalidade quando, na verdade, ela tratava de questões do nível do simbólico e do expressivo (ibid., p. 100-101). Gell, no entanto, propõe a visão alternativa de que o erro realizado pelos evolucionistas como Frazer estava ligado justamente a uma má interpretação da noção de *causa*.

O erro de Frazer foi impor uma noção pseudo-científica de causa e efeito físico (envolvendo o universo inteiro) em práticas que dependem de intencionalidade e propósito, o que é precisamente o que está faltando no determinismo científico. Magia é possível porque *intenções causam eventos a acontecerem na proximidade de agentes*, mas isto é uma espécie diferente de causalidade do tipo de causalidade envolvida no nascer e no pôr do sol, ou na queda da maçã de Newton etc. (GELL, 1998, p. 101, tradução minha, em destaque no original)³⁴

Neste sentido, podemos pensar que, quando falamos de magia, não estamos falando do tipo de causalidade física que o raciocínio científico costuma adotar, mas daquele mesmo tipo de causalidade, ligada à intencionalidade, com a qual tratamos de fazer nossas intenções gerarem algo. Assim, Gell dá o exemplo do ovo cozido: o que *causa* ele a ser cozido? Uma primeira explicação seria dizer que é ser aquecido

³⁴ “Frazer’s mistake was to impose a pseudo-scientific notion of physical cause and effect (encompassing the entire universe) on practices which depend on intentionality and purpose, which is precisely what is missing from scientific determinism. Magic is possible because *intentions cause events to happen in the vicinity of agents*, but this is a different species of causation from the kind of causation involved in the rising and setting of the sun, or the falling of Newton’s apple etc.”

numa frigideira com água sobre uma chama. A segunda, seria que o ovo foi cozido porque uma pessoa teria feito tudo o que era necessário para que ele cozinhasse e, em última instância, porque foi do desejo dela cozinhar aquele ovo. Este último é o tipo de causalidade com a qual estamos lidando na magia, não com uma ideia de que se compreendeu errado o funcionamento da realidade.

Neste sentido, a complexidade da causalidade mágica não parece, à primeira vista, tão diferente da complexidade de qualquer tipo de causalidade em situações onde temos *intencionalidade* e, além disto, vários agentes com intenções próprias. Estamos lidando com uma variedade de forças, marcada por divergências e convergências, com o fim de se atingirem resultados.

Se a ação mágica seria uma forma de ação intencional, mantendo a complexidade que esta possui, ainda assim, no meio pesquisado, ela possui algo de específico. Afinal, há algo que faz com que estas pessoas chamem o que fazem de magia, enquanto outras práticas não o seriam.

Se há algo específico (*sui generis*) na magia, não é tanto o tipo de causalidade que ela implica. Afinal, ela parece bem similar ao exemplo de Gell sobre cozinhar o ovo: é porque algo é desejado que se faz o necessário para que aquilo se torne realidade. É porque se quer obter um emprego que se faz um ritual específico, por exemplo.

Entender como a magia se dá, portanto, é menos sobre entender a sequência de causalidades materiais que geram algo. Isto seria insuficiente. É preciso entender como a intenção irá fazer algo ocorrer. Para que isto seja feito, usam-se de recursos: no exemplo de Gell, a frigideira, o fogo e a água intermediam a fritura do ovo, com a *causação* advindo da intenção da pessoa que o fritou. No caso da magia, teremos intermediários e mediadores mais específicos. Estes, sim, podemos considerar “mágicos”.

A especificidade da magia, neste sentido, é o tipo de recursos de que se utiliza. Forças, ferramentas e agentes que, em sua maioria, não são considerados “reais” numa ótica materialista tornam-se os que garantem que uma intenção mágica se torne um resultado. A forma de lidar com estes intermediários, embora específica, não é por si mesma tão diferente da complexidade de lidar com agentes humanos. Isto é, tratam-se de ofertas, negociações, acordos, por vezes imposição, por vezes pedidos, sendo que o agente mediador pode reagir de formas muito diversas.

Mais à frente, exploraremos mais sobre qual é, afinal, a especificidade dos agentes mágicos e dos recursos dos quais os magistas se utilizam. Por hora, é importante entender que se, por um lado, a magia está lidando com um tipo de agência específica, ela mesma propõe não estar tão distante do tipo de raciocínio e lógica de que a ciência se utiliza.

2.3) Ciência e magia

Os mecanismos da magia, como visto, possuem uma similaridade com ações não-mágicas, mas detém de uma especificidade. Esta a afasta da causalidade material e de formas de entendimento de mundo mais materialistas, comumente próximas ao pensamento científico.

Todavia, afastar a magia da ciência envolve questões do ponto de vista dos praticantes. A ideia comumente compartilhada na comunidade do Vortex é de que, se a magia possui mecanismos e lógicas próprias, elas fazem tão parte da realidade quanto qualquer outro elemento. Desta forma, seus mecanismos pertenceriam a certa dinâmica no funcionamento da realidade que não estaria, de nenhuma forma, alheia à realidade, mas fariam parte da mesma. Não se trata, neste sentido, de algo “sobrenatural” ou “extraordinário”.

É comum, no meio pesquisado, a diferenciação entre o tipo de realidade com a qual a magia lida de uma realidade que seria a convencional, a qual as pessoas que não tem conhecimento da magia partilham. Esta última teria denominações como “realidade cotidiana”, “realidade consensual”, um aspecto tido como mais “comum” da experiência humana. A primeira envolveria termos diversos, centralizados na noção de Greenwood (2000) de *outro mundo (otherworld)*: plano astral, plano espiritual, “outro lado do véu”, “realidade absoluta”³⁵ etc.

Neste sentido, temos uma diferenciação clara entre *mundos*, dando a entender que a magia está lidando com algo extraordinário, além do natural. Apesar disso, os próprios praticantes de magia enfatizam constantemente sobre como estas duas realidades estão sobrepostas e se influenciando a todo momento. Se há uma diferenciação entre as duas, parece ser na forma como são experienciadas (podemos

³⁵ Este termo é um pouco mais complexo. A ideia de uma realidade absoluta pode envolver a ideia de uma realidade ainda mais profunda e desconhecida do que, simplesmente, um outro plano. Seria como uma realidade por trás das manifestações perceptíveis de realidade e, neste sentido, mesmo o plano espiritual seria parte das manifestações perceptíveis.

chamar o plano espiritual de uma realidade *invisível*, por exemplo), mas estando em absoluta conexão e associação mútua.

Ademais, este outro plano e mesmo a relação entre a realidade consensual e o outro mundo está sempre sendo regido por mecânicas capazes de serem entendidas e estudadas. Aqui, vemos como a magia e as áreas correlatas se aproximam do tipo de causalidade que a ciência busca compreender. A diferença é que se procura entender como os mecanismos mágicos podem atuar, mas é um tipo de entendimento bastante análogo ao que se tem na causalidade material. Isto é, que certas atitudes produzem certos efeitos que podem ser, em alguma medida, mensuráveis e reproduzíveis.

Neste sentido, o discurso sobre a magia desenvolveu-se tentando colocar os entendimentos da mesma como tão lógicos e racionais quanto os conhecimentos científicos. De fato, a já citada tradição mágica da Thelema, que muito influenciou e envolve a Magia do Caos, enfatiza a importância do que chamam de *Iluminismo Científico* na magia. Isto envolve a ideia de que as práticas individuais, se bem realizadas e as condições das mesmas razoavelmente bem controladas, seria possível desenvolver conhecimento sobre a magia que pudesse ser compartilhado. A prática teria como ser mensurável, por meio de mecanismos próprios e, neste sentido, seria produzido conhecimento seguro sobre o tema. O tema da mensuração dos resultados será melhor trabalhado no capítulo 3.

O ideal do Iluminismo Científico na magia é, ainda hoje, bastante valorizado e vemos membros do Vortex comentarem de sua importância (VORTEX 5, 2017), bem como um outro *podcast* inteiro ligado ao tema, chamado *Foco de Pestilência*, que é bastante conhecido na comunidade do Vortex³⁶.

Nas elaborações a respeito da magia como perfeitamente “ordinária” (isto é, não extraordinária, funcionando segundo lógicas perfeitamente compreensíveis), torna-se algo questionável colocar a magia como sobrenatural. Seria, na verdade, um sistema de entender e se relacionar com o real que, se está lidando com lógicas próprias, não se trata, em última instância, de um mundo à parte da realidade, mas que a compõe.

Isto implica também em pensar que não é um campo de anormalidades. Se a magia é a transformação intencional da realidade por meio de mecanismos

³⁶ Disponível em: <<http://pestilencia.collegium.org.br/>>. Acesso em 6 nov. 2019.

específicos, tudo aquilo com o que a magia lida está o tempo inteiro interferindo na realidade convencional. Neste sentido, a ideia básica de que a vontade de uma pessoa pode gerar resultado – um entendimento comum na magia – já implica que pessoas sem qualquer conhecimento sobre o tema sejam capazes de obter resultados similares à prática mágica.

Há, em resumo, proximidades entre a prática mágica e os ideais científicos. Por um lado, ela permanece interessada em princípios ligados ao que Stengers chamou de “ciências experimentais” (2017), como adquirir conhecimento a partir da mensuração de resultados (mágicos) e entendendo a realidade. Por outro lado, mesmo que interessada na forma que a ciência investiga e entende a realidade, ela considera estar lidando com um campo diverso da mesma, que funcionaria segundo mecânicas e lógicas próprias, diferentes do que a ciência tem mais conhecimento (o plano material). Se a ciência é valorizada, não veremos magistas considerando que os cientistas tenham muita autoridade para dizer sobre o que magia é, se não forem praticantes.

2.4) Realidade ampliada, outro mundo e os mecanismos da magia

A ciência é uma forma de falar sobre o Universo em palavras que o vinculam a uma realidade comum; a magia é um método de falar com o Universo com palavras que ele não tem como ignorar (GAIMAN, 2019 [1990], p. 49, citado por RAVN, 22/08/2019, 00:10, Telegram).

Como visto anteriormente, a definição tipicamente utilizada de magia está associada a um sujeito (o magista) capaz de transformar a realidade conforme a sua vontade/intenção. As primeiras implicações disto se traduzem no fato de que a magia não é realizada involuntariamente e, como ela objetiva transformar a realidade, muito do que seria tido como místico e mágico não é propriamente um ato de magia, exceto se tiver este objetivo.

Uma implicação secundária desta definição é que, se o magista pretende transformar a realidade, é necessário saber *como* fazê-lo. A princípio, alguns de meus interlocutores até diziam que poder-se-ia chamar de um ato mágico certas atitudes comuns, desde que realizadas pela livre vontade da pessoa e com fins de afetar a sua realidade. No entanto, quando discutem sobre práticas mágicas, estão tratando de um horizonte bastante mais específico de entendimento: rituais são realizados, interações com seres de outro plano, usam-se ferramentas mágicas etc.

Neste sentido, a magia está ligada a um horizonte de entendimentos e práticas mais específico. De forma geral, estão partindo da ideia de que há uma série de possibilidades de interferência no mundo que não estão, à primeira vista, visíveis ou compreendidas pelas pessoas. O magista será aquele que estudará estas possibilidades e utilizará as mesmas para causar transformação. Os fins a que ele se presta ao fazer magia são variantes, mas algum resultado tem que se apresentar.

A prática da magia, retomando a definição apresentada, será o estudo e o uso destes mecanismos ocultos para afetar a realidade – inclusive as próprias perspectivas – conforme a vontade do praticante. O conceito de vontade entra, aqui, com a ideia de que o magista deve buscar não ser controlado e manipulado, a sua revelia, pelas forças com as quais lida. Resultados de uma prática mágica que não são conforme a intenção do magista não são considerados ideais.

Vimos que a magia lida com um tipo de causalidade ligada à intencionalidade e que não é, de fato, uma característica exclusiva da magia. Qualquer pessoa que tenha uma intenção e queira fazê-la acontecer lidará com uma causalidade desse tipo. No caso, o que mais a diferencia é *como* ela faz esta intencionalidade atingir resultado. Neste sentido, entra o conceito de *outro mundo*, bem como toda a sua série de agentes, seres não-humanos e espirituais, ferramentas, técnicas e tecnologias mágicas.

Como já comentado, quando dizemos deste outro mundo estamos dizendo de uma certa esfera da *realidade* (não é alheia a ela, mas a expande). Neste sentido, considero apropriado denominar que o que os magistas estão lidando em sua vida mais ampla é com uma *realidade ampliada*, no sentido de que tanto aspectos da realidade consensual (material, física, cotidiana) e da realidade espiritual (o outro mundo, o astral etc.) estão sendo partes constitutivas da prática e da vida destas pessoas.

Ainda assim, como esta e outras categorias análogas são utilizadas pelos próprios praticantes frequentemente, é interessante investigar mais do que se trata este outro mundo. Greenwood nos traz a seguinte definição deste conceito:

Para os mágicos o cosmos está vivo. A filosofia mágica apresenta uma cosmologia que é essencialmente holística, baseada na noção de que o mágico (como um microcosmo) é a localização do macrocosmo e que energias e forças sutis, as quais são inerentes a toda matéria (animada e inanimada), são livremente intercambiadas entre aqueles humanos capazes de reconhecê-las e direcioná-las. A essência do treinamento mágico é abrir a

consciência do mágico a estas forças para que elas possam, então, ser canalizadas, mediadas e controladas. O cosmos é visto como vivo com forças e energias, algumas das quais existem em um tempo e espaço distinto, mas também muito proximamente conectados, à realidade diária – a realidade ordinariamente percebida pelos cinco sentidos do corpo humano. Esta área é comumente denominada como “o outro mundo” e pode ser percebida pela psique humana quando em um diferente estado de consciência; é dita coexistir ao lado e muito próxima da realidade ordinária. Forças de outro mundo são frequentemente personalizadas como deidades ou outras criaturas como animais, combinações de animais e humanos ou seres espirituais como fadas. (GREENWOOD, 2000, p. 23, tradução minha)³⁷.

A definição de Greenwood é precisa a respeito de muitas considerações a respeito de como a magia se dá no contato com este *outro mundo*. Em geral, podemos considerar que se trata de uma realidade não percebida comumente e, por isto, detém algo de não-ordinária. Quando Greenwood comenta uma diferença entre o outro mundo e a realidade ordinária, estamos falando desta que é “percebida pelos sentidos”, destoando da realidade mágica que seria acessível por formas próprias.

Como já levantado neste capítulo, no entanto, ressalto que o que há de não ordinário na magia não envolve uma incompreensibilidade da mesma ou algo da esfera do milagroso ou fantástico. Pelo contrário, os mecanismos da magia são tidos como passíveis de estudo e o que se realiza com magia é, em algum grau, tido como replicável. É por isto que um mesmo ritual pode ser feito por várias pessoas para atingir os mesmos fins.

Assim, dizer de uma realidade ordinária é dizer da ideia de que há uma esfera da realidade, vivenciada por muitas pessoas e que, por vezes, é tida como a única real. Um termo alternativo que tomo do campo, usado por Rodrigo, é “realidade consensual”. Isto implica na ideia de que a realidade ordinária, que não considera a

³⁷ “For magicians the cosmos is alive. Magical philosophy represents a cosmology that is essentially holistic, based on the notion that the magician (as microcosm) is the locus of the macrocosm and that subtle energies and forces, which are inherent within all matter (animate and inanimate), are freely interchanged between those humans able to recognize and direct them. The essence of a magical training is to open up the magician’s awareness to these forces so that they can be channelled, mediated and controlled. The cosmos is seen to be alive with forces and energies, some of which exist in a time and space distinct from, but also very closely connected to, everyday reality – the reality ordinarily perceived by the five senses of the human body.¹ This area is commonly termed the ‘otherworld’² and can be perceived by the human psyche when in an alternative state of consciousness; it is said to co-exist alongside and in very close proximity to ordinary reality. Otherworldly forces are often personalized as deities or other creatures such as animals, combinations of animals and humans, or spirit beings such as fairies”.

realidade da magia, é tão somente o que foi definido como realidade por um consenso coletivo.

A realidade mágica, ao usar-se do “outro mundo”, dialogará a experiência cotidiana dos magistas na realidade consensual com os aspectos advindos da prática mágica. Os praticantes de magia levam seu entendimento de mundo a todo lugar que vão e não é raro a execução de espécie de magias cotidianas, servindo pra propósitos simples como chegar rapidamente a um lugar, resolver uma pendência burocrática ou agilizar uma fila. Vimos esses exemplos com o servidor Abralas.

2.5) Paradigmas e o paradigma psicológico

Quando falamos da perspectiva da Magia do Caos a respeito do outro mundo, no entanto, uma importante ressalva deve ser feita. Trata-se da possibilidade de se negar a existência literal deste outro mundo, tornando-o uma esfera da consciência e não um lugar objetivo. Esta perspectiva é proposta pelos defensores do que se chamou de *paradigma psicológico*. Antes de adentrar na especificidade deste, vale trabalharmos um pouco mais com o que os caoístas estão se referindo quando usam a noção de *paradigma*. Esta será utilizada de forma diferenciada no contexto de campo, significando sentidos ligeiramente diferentes. Trabalharei alguns deles a seguir.

O caoísta inglês Peter Carroll inicia um capítulo de seu *Liber Null & Psiconauta*, cujo título é “Paradigmas Mágicos”, com a seguinte explicação:

Todo sistema de pensamento e compreensão deriva de uma série de postulados básicos sobre o universo e da relação do homem com ele. Essas ideias e suposições servem para inventar o paradigma ou visão de mundo dominante através do qual uma cultura ou indivíduo interage com seu universo. Aeons são marcados pela passagem de diversos grandes paradigmas de pensamento metafísico, mais do que pela passagem de períodos definidos de tempo histórico. Dentro de cada grande paradigma há paradigmas menores que contribuem com o todo. Por exemplo, na cultura dominante Branca-Anglo-Saxônica-Protestante da Europa e da América, os paradigmas principais são o Protestante e o Ateísta, com seus paradigmas associados de individualismo liberal humanístico e ética trabalhista, e a ciência com seus paradigmas associados de causalidade e materialismo. (CARROLL, 2016, p. 211)

A definição de Carroll é base para pensar o que se entende como paradigma dentro da Magia do Caos. Sua definição demonstra que paradigmas não são

exclusivamente algo próprio da magia, mas um conceito a respeito de como se entende o universo e se estabelece relação com ele. A princípio, são visões de mundo que tendem a assumir um caráter do que é tido como real e possível.

Neste sentido, há uma primeira percepção do conceito de paradigma que o coloca como uma espécie de visão limitada do mundo. Em geral, como se trata de uma visão sobre a realidade, ela não seria algo plenamente consciente, mas fruto do meio onde se vive e cresce. Um primeiro exercício para o magista do caos seria, justamente, tomar consciência dos seus paradigmas e das consequências que eles trazem.

Isto está diretamente associado com a busca da Magia do Caos de se afastar de visões de mundo limitadoras. Se o que importa é o resultado e ele pode ser obtido através de muitas formas, é importante cultivar visões de mundo (paradigmas) que comportem maior liberdade para o magista. Buscando dissociar-se de dogmas e valorizando a liberdade individual, a Magia do Caos se interessa pela superação de paradigmas limitadores.

Assim, dando-se conta do paradigma em que está inserido, o caoísta poderia elaborar, conscientemente, *paradigmas pessoais*, capazes de servir melhor aos seus objetivos sem trazer limitação. Superar paradigmas é adquirir maior liberdade e potencial na magia, ao permitir o acesso a outras formas de ver o mundo que também teriam eficácia mágica.

A elaboração de um paradigma pessoal faz uso de elaborações e experiências próprias, mas também do recurso a desenvolvimentos de outras pessoas e mesmo tradições. Segundo Boim,

[...] a noção de *paradigma* aparece entre os membros do Vortex como sendo um modelo pessoal, tendo sido construído por uma terceira pessoa ou por si mesmo. Esses *paradigmas* são compreendidos como a forma pela qual cada pessoa organiza suas percepções sensoriais, cognitivas, emocionais, suas interpretações do mundo, bem como suas referências simbólicas. Sob um viés ontológico, cada *paradigma* aparece como um conjunto de pensamentos e atos específicos que implicam em modos únicos de se pensar e interagir com o mundo [...] (BOIN, 2019, p. 97).

A noção de *paradigma*, conforme vista na citação de Carroll, aparece como um tipo de visão limitadora a respeito da realidade e que é moldada socialmente e, em alguma medida, inconsciente. Parte da ausência de consciência sobre o paradigma

em que uma dada pessoa se insere se faria por parte dela sequer vê-lo como um paradigma, mas sim como a realidade em si.

Um primeiro exercício para se repensar a realidade dá-se, afinal, ao nomear estas formas de ver e interagir com o mundo como paradigmas, e não verdades. Isto aproxima-se da ideia de *relativização*, com a verdade de diferentes visões de mundo posta em suspenso como possuindo, a princípio, igual valor.

Assim, vamos além da primeira aplicação do conceito de paradigma como algo que molda o sujeito inconscientemente na sociedade em sua forma de ver o mundo. Os magistas do caos irão buscar tanto entender os paradigmas em que estão inseridos quanto intencionalmente transformá-los de formas que lhes interessem. Isto se dá através da *troca de paradigma*, conceito utilizado pelos nativos para a tentativa intencional de se ver o mundo de outra forma.

Para isto, um magista intencionalmente colocaria em suspenso o que entende do mundo até então para ver de outra forma. Em geral, a forma como isto se dá está ligada a outro conceito chave na Magia do Caos que é a de *crença como ferramenta*. O conceito de *paradigma*, neste sentido, se aproxima da noção de *crença* conforme entendida no campo, isto é, os postulados que se acreditam serem reais sobre a realidade.

A fim de serem capazes de “aumentar o número de possibilidades de suas práticas” (*id.*, p. 99), o caoísmo proporia que se passasse a adquirir outras crenças. Estas teriam um caráter pragmático: elas seriam adotadas porque *serviriam*, sendo úteis. Não só novas possibilidades se abririam na visão de mundo mas, em especial, novas possibilidades de se realizar magia viriam de se adotarem outras crenças que, como ferramentas, teriam eficácia no mundo.

O *Liber Null & Psiconauta* propõe, para estes fins, o uso de “crenças aleatórias”, conceito que nomeia um dos capítulos do livro. Um dado seria jogado e, dependendo de onde caísse, o caoísta adotaria uma das seguintes visões de mundo radicalmente, a fim de entender o seu ponto de vista e superar as limitações de paradigmas anteriores: Paganismo, Monoteísmo, Ateísmo, Nihilismo, Caoísmo, Superstição. Cada um destes conceitos é brevemente explicado, mas a ideia é de que eles são razoavelmente diversos entre si.

A adoção destes paradigmas, muitas vezes, seria algo temporário, a fim de se ampliar a visão de mundo do praticante e adquirir novas ferramentas. No episódio de número 5 do Vortex Caoscast, se diz da possibilidade de adotar um paradigma católico

– isto incluiria a pessoa acompanhar de fato as práticas e crenças da Igreja Católica, algo a ser feito por um tempo mais ou menos prolongado (VORTEX 5, 2017). Todavia, não é para se tornar uma nova visão de mundo, mas para flexibilizar visões anteriores. Se um paradigma seria adotado em sua esfera mais limitada, isto seria somente para depois ser superado.

Para além desta visão dos paradigmas como limitadores a serem superados, o uso do conceito é feito no nível da sociabilidade para definir que tipo de visão se possui. Isto tem suas implicações porque, quando uma pessoa comenta uma experiência que teve com magia, a forma como irá explicá-la variará radicalmente se ela considera que a magia lida com deuses, com energias ou com esferas da consciência.

Debates podem se iniciar entre defensores de diferentes paradigmas, onde um criticará as incompletudes do paradigma do outro. Todavia, há um nível bastante individualista neste conceito que faz com que ele não seja algo negociável a não ser que haja abertura do magista. Pode-se muito bem se encerrar um debate ao se mostrar que um paradigma é irreduzível às visões de outro. Por outro lado, quando há um entendimento de paradigma como visões de mundo pessoais, pode-se comentar o que se vê sobre uma prática mágica a partir do seu paradigma como, tão somente, uma visão sobre o assunto, e não tanto a visão definitiva. O conceito pode ser usado, portanto, tanto para se encerrar diálogos quanto para propiciá-los.

Se os paradigmas das pessoas são paradoxais, ou seja, eles são de alguma forma conflitantes - fulano acredita em realidade psicológica, ciclano acredita em realidade objetiva e um terceiro acredita que é uma comunhão dos dois. Então, as pessoas conseguem abstrair um pouco do ponto de vista delas para fazerem uma comunicação. E isso, se dentro da magia clássica e de outras linhas de magia, e sobretudo dentro da religião, dogmas tem muito menos espaços para discussão - as coisas são muito mais corretas e ou você aceita ou você não pertence - na Magia do Caos a gente tem essa ideia de que as coisas são mais passíveis de serem discutidas (Rodrigo, comunicação pessoal)

Também há um nível prático na noção de paradigma. Quando alguém diz que adota um paradigma pagamista, não se trata tão somente de adotar uma visão de mundo entendida como pagã. Trata-se, no caso da magia, que as práticas que esta pessoa realizará estão centradas no paganismo. Isto pode significar que há uma

presença secundária ou uma completa ausência de rituais não associados ao paganismo.

É comum que se refira ao próprio paradigma a partir da principal tradição com que se lida. Por exemplo, não raro se diz de um “paradigma taoísta”, “paradigma umbandista”, “paradigma nórdico”, “paradigma budista” e etc. Além de situar a visão de mundo, envolverá a forma como se faz a magia na prática.

Estas definições mais situadas não implicam que outras visões de mundo e práticas sejam consideradas irreais ou falsas. Pelo contrário, são outras formas de se fazer magia e visões que podem ser perfeitamente válidas e aplicáveis, mas o magista tem que ter suas prioridades.

Todo paradigma é limitado, fato. Mas se você conhece até onde é seu território e até onde vai o do outro, você tem foco na sua prática. Quando você reconhece que outros existem e também são válidos, você assume que tem um ponto onde você não vai mais. E faz parte do entendimento desses paradigmas reconhecer essas limitações e estar *ok* com elas. (RAVN, 16/08/2019, 15:20, *Telegram*)

Também é comum o uso do conceito para abarcar grandes princípios que uma pessoa terá a respeito da prática mágica. Quando se diz de um *paradigma energético*, por exemplo, é porque energias são consideradas partes constitutivas e reais da prática mágica. São elas que serão mobilizadas e trarão resultados. Isto não significa que não se pense na existência, por exemplo, de outras formas de agência, como deuses e espíritos, mas sim que se considera a existência de energias.

Assim, os paradigmas em geral lidam diretamente com a existência de um outro mundo e podem elaborar diferentemente sobre suas características e como interagir com ele. Alguns paradigmas se alinharão perfeitamente à ideia de um outro mundo absolutamente real e literal, embora com lógicas próprias. Há percepções que se alinham à ideia de que este outro mundo é povoado de forças e energias que tudo podem afetar. Outra possibilidade é a ideia de um *paradigma animista*, onde todo elemento da realidade material é visto como tendo algum tipo de agência espiritual. Como disse Greenwood em citação anterior, “o cosmos está vivo” (*op cit.*).

Em contra-medida, não há qualquer impeditivo para que um magista do caos seja avesso às ideias de um outro mundo literal. Na Inglaterra, onde se deu a pesquisa de Greenwood, ela comenta que os magistas do caos são especialmente anti-espirituais, isto é, se opõe a todo movimento ligado a ideias de desenvolvimento pessoal e conexão com um mundo espiritual. Isto porque eles focariam em uma ideia

de que a experiência mágica é, sobretudo, pessoal, fazendo da Magia do Caos um sistema de magia pós-moderno (BOIN, 2019). Isto colocaria o lugar de seres espirituais como desnecessário à prática mágica.

Neste sentido, observei a existência de uma quantidade um tanto ampla de magistas do caos que veem a magia como lidando com esferas da consciência. Ao colocarem a eficácia mágica como pautada num fundamento psíquico, estes caoístas são definidos e se definem como do *paradigma psicológico*. A presença dos mesmos é pouco expressiva no Vortex, mas são bastante comuns em outros grupos, quando não predominantes.

A princípio, o paradigma psicológico não negaria, via de regra, a existência de um outro mundo. Isto vai da visão pessoal de cada magista. O ponto principal, no entanto, é que coloca a existência de um outro mundo como pouco relevante para a prática mágica: se rituais são feitos utilizando-se de um deus, considera-se que se atingirá resultado não porque o deus os proverá, mas porque o ritual lida com forças psíquicas que o deus simboliza e, desta forma, resultados positivos podem ser atingidos.

De toda forma, vale ressaltar que, se um outro mundo literal é posto em suspenso ou negado pelos defensores do paradigma psicológico, algumas de suas implicações permanecem aqui. Isto é, a magia continua sendo uma prática de transformação da realidade conforme a vontade, usando de mecanismos e meios específicos que não são comuns à realidade ordinária.

A grande diferença é que o “outro mundo” deixa de ser um lugar literal e passa a ser uma esfera da consciência. Todo tipo de ritual permanece sendo feito e utiliza-se de intermediários dos mais diversos, como forças e deuses; a única diferença é que estes deixam de ser entendidos como energias autônomas e próprias e passam a ser lidos como expressões da consciência. Neste sentido, a consciência é que ganha uma ampliação, numa espécie de realidade ampliada que, se não é literal, acaba mantendo as suas implicações. Os mecanismos mágicos passam a ser entendidos como mobilizando esferas não-ordinárias da consciência e, neste sentido, muito do que podemos pensar sobre uma magia que leva o outro mundo como um lugar real também se aplica aos que defendem o paradigma psicológico.

Afinal, não faria sentido falar de magia, neste caso, se fosse somente lidar com aspectos conhecidos da mente: a ideia é de que esta é muito mais complexa e cheia de mecanismos misteriosos, que podem ser utilizados em prol do magista.

A temática do paradigma psicológico merece maiores estudos, pela complexidade da ideia de uma magia sem um mundo tipicamente mágico associado a ela. Isto não caberá ao escopo deste trabalho, uma vez que tive pouco contato em campo com estes praticantes. Assumirei, neste sentido, uma leitura mais voltada aos magistas que consideram a existência de um outro mundo, uma vez que predominam no Vortex e foram meus principais interlocutores. O tema dos agentes do outro mundo será tratado no próximo capítulo.

Capítulo 3: Agentes mágicos

3.1) Mediações e intermediações

Aqueles magistas que consideram a existência de outro mundo objetivo costumam ser críticos ao paradigma psicológico. Apesar deste aspecto citado de que os mecanismos mágicos atuam bem similarmente, talvez uma das maiores diferenças entre estas duas formas de ver o outro mundo envolve pensar nas consequências da existência deste. A ideia de outro mundo dotado de uma *existência objetiva*, ainda que invisível, segundo o conceito da própria magia do caos, é de que os agentes nele presentes tem uma existência relativamente autônoma. Isto é, um espírito poderia atuar na vida de pessoas que sequer tem conhecimento da existência do mesmo.

Isto implicaria que os mecanismos de que a magia se utiliza se aplicariam aos contextos independentemente do que as pessoas achassem, acreditassem ou tivessem conhecimento. Aproximando-se, mais uma vez, de um entendimento de causalidade científica, o outro mundo atuaria sobre este independentemente do que as pessoas individualmente acreditassem. Isto se afasta de uma tendência mais “pós-moderna” da Magia do Caos, isto é, a ideia de que a magia se torna algo tão individual que não existiria uma verdade superior a outra.

Neste sentido, falar de um outro mundo envolve tanto territórios diferenciados da experiência que podem ser acessados quanto a existência de seres e forças neste outro mundo. Estes seres terão naturezas muito diversas e variarão conforme paradigmas, mas é aqui que teremos todos aqueles intermediários e mediadores de que os magistas estão se utilizando para atingirem seus resultados, sejam deuses, elementais³⁸, demônios, orixás, forças da natureza, a força de sua vontade, de sua mente, de suas emoções etc.

Em primeiro lugar, vale buscar entender melhor a natureza destes agentes. Greenwood, em citação mencionada no capítulo anterior, comenta que estas forças do outro mundo podem ser personalizadas de formas diversas. Há uma variedade

³⁸ Elementais são um elemento bastante clássico na prática da magia. Consistem em seres espirituais ligados aos quatro elementos clássicos: fogo, água, terra e ar. Há sistemas que propõem seres integrando mais de um elemento, mas o básico é um ser por elemento. Os elementais clássicos são: no fogo, as salamandras; na água, as ondinas; na terra, os gnomos; no ar, os silfos. Estes seres teriam grande poder de atuação e seriam razoavelmente fáceis de serem controlados para os propósitos dos magistas. Seu uso teria os seus riscos, no entanto, uma vez que atuariam como forças cegas. Um magista que os direcionasse erroneamente poderia sofrer efeitos negativos dos elementais, indo desde incômodos físicos como dores de cabeça até causarem um incêndio.

muito ampla de forças que podem ser divididas de várias maneiras. Dentre estas, temos tanto forças personalizadas quanto forças impessoais, onde normalmente se encaixa o conceito de “energia”.

Tratar as agências do outro mundo como “forças” descreve bem a que função principal elas se prestam em magia: realizar transformação. São como ferramentas, pragmaticamente falando. Muitas agências, no entanto, possuirão uma atuação mais própria e autônoma, reagindo aos pedidos e interações do magista das formas que lhes forem apropriadas.

Seria possível utilizar do léxico de Latour (2012) para entender melhor a forma que estes agentes atuam. Trata-se de dois tipos de agência (e não de agentes³⁹): o intermediário e o mediador. O primeiro trata-se de “aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai” (ibid., p. 65). Os mediadores, por sua vez, “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (ibid., p. 65). Um intermediário pode ser facilmente deixado de lado, pelo fato de entregar exatamente o que é requerido. Um mediador, por sua vez, causa transformação e interfere na ação, posicionando-se de alguma forma. Latour, ainda, ressalta: há uma “constante incerteza quanto à natureza íntima das entidades – elas se comportam como intermediários ou mediadores? [...]” (ibid., p. 66).

Um rito mágico tipicamente volta-se a transformar a realidade conforme a vontade do magista. Neste sentido, poderíamos pensar que os seres e forças com que os magistas estão lidando em suas práticas, idealmente, atuariam como intermediários. Um exemplo claro são os servidores, normalmente vistos pelos praticantes como “ferramentas”. Uma pessoa que deseja conseguir um emprego específico poderia se utilizar do “The Road Opener” (“O Abridor de Caminhos”), outro dos 40 servidores de Tommie Kelly. A princípio, dir-se-ia que o servidor funcionou propriamente com a obtenção de sucesso, isto é, precisamente o emprego que a pessoa intencionava foi o que ela obteve. Ele atuaria, neste sentido, como um *intermediário*.

A maioria dos ritos mágicos acaba tendo um elemento forte deste aspecto intermediário. Quando se objetiva simplesmente a obtenção de um resultado concreto,

³⁹ Um mesmo agente pode comportar-se como um intermediário ou como mediador em momentos diferentes. Além disso, veremos mais a frente que a natureza do agente é fazer parte de *agenciamentos*, o que torna a sua ação sempre participando de uma composição maior.

as ferramentas que são utilizadas, sejam rituais com servidores, deuses ou outras técnicas mágicas, terão como ideal serem tão somente intermediárias para o sucesso.

Nem sempre é assim que as coisas se dão, no entanto. Um primeiro exemplo de como um agente mágico se torna um *mediador* é quando ele não traz o resultado esperado. É um caso análogo ao que Latour usa de exemplo: um computador funcionando bem é um intermediário – normalmente, nem pensamos na relevância dele senão como ferramenta. Um computador que de repente trava e estraga é, subitamente, um mediador: a sua atuação passa a ser sentida de uma forma que não a esperada (ibid., p. 65).

Mediadores não somente se fazem sentir quando deixam de agir, mas quando agem de forma diferente da esperada. Isto não necessariamente é lido como ruim. Abralas, por exemplo, é um servidor que teria sido alçado a uma categoria de maior autonomia: uma “deidade”. A princípio, servidores não tem autonomia, eles devem prestar-se tão somente a trazerem o resultado que lhes foi requerido e a ausência de sucesso costuma ser atribuída a alguma falha no trabalho com o servidor, e não a este optando por não agir.

Abralas, possuindo um grau de autonomia, trabalha em prol de abrir caminhos. Todavia, é bastante enfatizado nos canais de divulgação do mesmo que ele só atua das formas que tragam maior benefício para a pessoa. Isto é, se alguém pede a ele e faz rituais (acendendo velas, por exemplo) para obter uma determinada vaga de emprego, pode ser que, do ponto de vista de Abralas, aquela oportunidade causaria mais mal para a pessoa do que bem. A pessoa poderia, então, simplesmente não obter o que desejou por uma agência mediadora de Abralas.

ABRALAS sempre se pauta no propósito da Construção Coletiva e opera de maneira a proporcionar o ganho-ganho – sucesso de todas as partes envolvidas num objetivo. Sua especialidade é harmonizar as situações e ele possui certo discernimento para equilibrar o contexto e mostrar o melhor caminho possível. (ZELADORES DE ABRALAS, 2017, p. 4)

No caso deste, isto é lido normalmente como algo positivo: impede que a pessoa peça algo, consiga o que desejou e se veja numa situação pior do que a que estava. Mais que não entregar o pedido, Abralas também faria uso da energia que lhe foi oferecida ritualmente: uma oportunidade melhor poderia aparecer para ela, mesmo com uma ausência de resultado inicial.

Assim, as várias agências mágicas com as quais os magistas estão a lidar podem variar entre serem intermediários ou mediadores. Em geral, é mais fácil ver agentes pessoalizados como mediadores, na medida em que teriam autonomia. Isto seria, no entanto, uma perspectiva incompleta, uma vez que toda ferramenta mágica pode causar modificação na intenção original.

Entram em jogo, aqui, as agências dos próprios objetos utilizados. Magistas que tenham ferramentas mágicas podem consagrá-las, a fim de que exerçam seus propósitos precisamente como intencionados. No entanto, pode ser o caso que o instrumento utilizado seja feito de um material que interfira na atuação: um magista que use um amuleto de obsidiana pode descobrir, depois de bastante tempo, que uma sensação de cansaço que costuma sentir está atrelada a este objeto.

Em termos de mediador, ainda, temos o fato de que muitos seres espirituais são procurados precisamente por terem uma agência autônoma. Aqueles que trabalham com entidades de Umbanda, por exemplo, podem procurar chamar mentalmente pelas entidades que os acompanham para pedir conselhos. Neste caso, lidar com um mediador é o que é intencionado, uma vez que é esperado que a atuação do agente traga transformação ao magista.

Por fim, vale dizer também que agentes espirituais atuam por conta própria. Alguém que zombe de certa entidade espiritual pode acabar tendo uma súbita onda de azar que será, depois, lida como causada por esta entidade, mesmo que isto só seja descoberto depois. A forma como esta leitura é feita, e um acontecimento é associado a uma atuação mágica, será melhor explorada no capítulo 4.

A divisão entre mediador e intermediário nos auxilia a entender a natureza da ação na magia. Para além deste aspecto, é preciso observar que o outro mundo é povoado de forças muito diversas. Mesmo aquelas pessoalizadas não são idênticas entre si. Mesmo que lidos como “forças”, se dirá de grandes diferenças entre o espírito de um morto e uma deidade, por exemplo, mesmo que ambas possam ser usadas para fins mágicos e sejam, em última instância, forças mágicas.

A forma de acessar e estabelecer comunicação com estes seres será, por sua vez, bastante específica. Serão necessárias técnicas e tecnologias capazes de se comunicar com o outro mundo e estabelecer relações. Oferendas, por exemplo, servem para relacionar-se com estes seres do outro plano para que eles façam algo

que se deseja. Ferramentas mágicas serão elaboradas para estabelecer contato, fazer pedidos e mesmo agir coercitivamente sobre estes outros seres.

Mesmo quando a magia não está pensando explicitamente em termos de acessar agentes espirituais, algum tipo de relação com o outro mundo persiste. Se uma ferramenta mágica é usada para atacar alguém diretamente, o que a faz ser uma ferramenta mágica (e não um objeto comum) envolve este outro plano: algum tipo de energia específica que envolve o objeto. A forma como ela vai conseguir atacar outra pessoa, também, é por meio deste outro plano, em que se concebe que a intenção bem direcionada é capaz de atingir o alvo desejado.

Neste sentido, temos não só agentes bem delimitados, mas concepções menos pessoalizadas de *forças* que afetam a realidade. Usar de uma força não envolve o mesmo tipo de interação que se faz com um agente pessoalizado, mas é ainda um tipo de relação mágica que se estabelece. A própria vontade, citada anteriormente, pode ser entendida como uma *força*, atuando de uma forma própria através do outro mundo.

A princípio, ilustrar alguns destes agentes pode ser útil para entender melhor como a magia se dá. É, no entanto, um esforço muito amplo considerando a diversidade de seres concebidos pelos magistas com quem convivi. Farei, basicamente, um resumo dos principais tipos de agentes que percebi em campo para que possamos melhor entender algumas características dos agentes mágicos.

3.2) Forças mágicas

Em primeiro lugar, temos noções bastante genéricas na já citada ideia de *forças*. A utilidade desta noção está, precisamente, na sua capacidade de abarcar todo tipo de agência do outro mundo. A magia, afinal, é vista como uma prática que se utiliza de tais forças.

Há alguns conceitos genéricos sobre o poder de gerar resultados mágicos a partir de emoções como a *vontade*, o *desejo*, a *raiva*, a *inveja* etc. Tais emoções seriam capazes de emanar uma força que geraria algum tipo de resultado. O magista, idealmente, utilizar-se-ia de suas emoções com algum propósito bem definido. Pela autonomia dos mecanismos do outro mundo, no entanto, é bastante comum o entendimento de que pessoas que não praticam ou conhecem magia são capazes de gerar transformação no mundo baseados em sentimentos que possuem. Isto não seria

denominado como magia pela ausência de intenção clara, mas utiliza-se do mesmo tipo de agente.

Outros tipos de forças estão ligados ao conceito de “energia”. Trata-se de algo que pode ser compartilhado e passado a outras pessoas, podendo interferir num ambiente. Ambientes podem ter energias ruins ou boas, por exemplo. Também entram aqui um léxico diverso da ideia de energia ou força vital, que pode ser manipulada para proveito do magista.

Neste caso, entram noções como a de Chi, da China, Ki, do Japão e Prana, da Índia. Mesmo a clássica obra de Magia do Caos, Liber Null & Psiconauta (2016), postula uma energia vital chamada Kia⁴⁰. O magista seria capaz de se utilizar, por meio de técnicas diversas, destas energias que estariam presentes em todas as coisas para os propósitos que desejassem.

A proximidade de alguns dos caoístas com quem convivi com terapias alternativas fazia com que se utilizassem de sistemas baseados em energia para fins de cura. É o caso do Reiki, por exemplo, mas há uma variedade de outras técnicas e sistemas de cura: a Cura Prânica, o Johrei, o Magnified Healing, o ThetaHealing etc.

Pode-se também dizer das forças que emanam de agentes pessoalizados, como deuses. Forças de uma deidade podem servir em favor de um magista, quando ele faz um ritual neste sentido. Também pode-se dizer da força de coletividades mais generalizadas e não necessariamente pessoalizadas, como as “forças da natureza”. A capacidade de atuação destas forças não estaria ligada necessariamente a uma especificidade maior, bastando um atributo genérico como “natureza”.

3.3) Agentes pessoalizados: espíritos, guias, deidades e servidores

Dentre as agências mais pessoalizadas, teremos, em primeiro lugar, a noção de *espírito*. Bastante compartilhada em vários âmbitos culturais, a definição deste conceito é bastante variada. Na Magia do Caos, tratam-se basicamente de agentes capazes de auxiliar no resultado de uma prática mágica.

O entendimento do conceito de espírito na Magia do Caos se faz, em grande medida, através da influência do Espiritismo de Allan Kardec, bastante influente no Brasil. Embora nenhum dos magistas com quem conversei se declarasse seguidor e

⁴⁰ Kia é denominada como “força vital humana” (CARROLL, 2016, p. 31). O conceito é bastante mais complexo, no entanto, sendo também denominado como “a base da consciência (ou experiência)” e está, a princípio, além de qualquer dualismo. Cf RUBACK, 2018, p. 21-22.

praticante do espiritismo, as obras base⁴¹ desta religião e algumas de suas práticas são entendidas como úteis ao entendimento do outro mundo. Como os magistas consideram se utilizar da realidade espiritual, de espíritos externos e de seus próprios espíritos para fazer magia, são considerados úteis os esforços de Kardec para o entendimento da realidade espiritual.

Alguns de meus interlocutores tiveram passagem pelo espiritismo. Isto influenciou muito em suas visões de mundo, mas em geral a religião é vista como fortemente moralista e restritiva, o que não combina com a prática mágica. Além disso, também é considerado um sistema religioso que é, teoricamente, um tanto fechado, não considerando a existência de outros dos seres que a magia trata, como os elementais. Para interlocutores com histórias como esta, a passagem do espiritismo para a magia é vista como uma libertação. Lívia conta como foi o momento antes de sua saída do espiritismo e aproximação da magia e, em especial, da bruxaria natural⁴².

Estava com alguns problemas com a minha religião. Eu sou espírita desde criança, família espírita e tal. Só que por volta de 2013 comecei a trabalhar com mediunidade⁴³ dentro do meio espírita. E ao mesmo tempo que foi despertando minha mediunidade, foi despertando também uma relação com plantas. Isso foi crescendo cada vez mais, só que era uma vazão que não existia... não é que o espiritismo nega, é que eles não trabalham com isso. Eles não acham que existam espíritos que não sejam os de humanos. E eu estava querendo estudar elementais e não existia nada na literatura espírita. Só que eu tinha muito forte comigo que isso parecia ser verdadeiro. Eu tinha uma aptidão muito forte com desenho mediúnico e eu desenhava muitas fadas. E tinha uns lugares lá no centro espírita, umas árvores que eu sentia a presença delas. E eles diziam que isso era "bobagem, coisa da sua cabeça". (Lívia, comunicação pessoal)

Vale dizer que, além do repertório advindo do Espiritismo, concepções provenientes da Umbanda, da Teosofia e de sistemas orientais como o Yoga costumam ser influentes no entendimento do que é um espírito. Isto inclui tanto o lugar

⁴¹ As cinco obras básicas do espiritismo, chamadas de Codificação Espírita, são: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).

⁴² Maiores explicações sobre bruxaria natural podem ser encontradas em Greenwood (2000). O tema escapa aos objetivos do presente trabalho, mas, conforme Lívia me explicou, vale dizer que a bruxaria natural se propõe a realizar magia principalmente a partir de elementos naturais, como ervas e cristais, e valoriza uma experiência empírica e intuitiva. Há menos enfoque na ideia de ler uma ampla quantidade de livros e mais a busca de vivenciar a natureza magicamente.

⁴³ O tema da mediunidade será brevemente explorado no capítulo 4.

do espírito como parte constitutiva de toda pessoa como considerações sobre o mundo espiritual.

Para os propósitos deste trabalho, é suficiente considerarmos que se tratam de um tipo de agência situada no outro mundo com capacidade de auxiliar e interferir no decorrer de uma prática mágica. Algo desta agência situa-se no próprio magista, ele mesmo um espírito. Na prática, magistas se relacionam com espíritos em seu propósito de realizarem práticas mágicas: esta agência pode tanto ser útil para atingir sucesso quanto agir como um mediador e interferir de formas contrárias aos objetivos do magista.

Dentre os espíritos, há uma categoria bastante presente na prática mágica do Vortex que está ligada à sua proximidade com religiões de matriz-africana: são as entidades ou guias. É bastante comum o conhecimento e a utilização, para fins mágicos, da relação com espíritos como pretos-velhos, exus, caboclos, pombas-giras, erês e outros espíritos com que se trabalha em religiões como a Umbanda e a Quimbanda.

Muitos magistas vão a centros de Umbanda frequentemente, sendo atendidos, tomando passes e recebendo conselhos. Aqueles que falam de sua vida mágica relatam receberem boas orientações das próprias entidades incorporadas. Isto envolve tanto indicações específicas do que fazer para algum objetivo, como uma magia para proteção, quanto conselhos mais gerais. Relatos sobre broncas das entidades são bastante comuns, em geral pela razão de suas experiências mágicas terem tido algum tipo de consequência negativa.

Os passes, formas terapêuticas de se tirarem energias negativas das pessoas e trazerem energias positivas, costumam servir bem aos magistas que se aventuram a lidar com seres mais perigosos⁴⁴, por exemplo. Não raro, as proteções que um

⁴⁴ O tema do perigo na prática mágica é bastante fértil, mas escapa aos objetivos deste trabalho. Em geral, são considerados perigosos aqueles agentes mágicos que não possuem um claro alinhamento moral. Elementais, por exemplo, são entendidos como forças da natureza personificadas: neste sentido, o uso dos mesmos pode gerar problemas se não forem bem direcionados. Uma salamandra, elemental do fogo, pode causar um incêndio. Seres considerados mais perigosos, por outro lado, são aqueles que teriam uma especial *densidade*, não tendo o tipo de sutileza associado aos espíritos menos perigosos. Demônios da Goécia, sistema de magia medieval, teriam esta densidade capaz de causar problemas ao magista pela sua mera presença. Este tipo de ser exige uma ritualística capaz de minimizar o potencial destrutivo do agente mágico. Isto será feito, por exemplo, com o recurso a *banimentos*, tema que será visto mais à frente neste capítulo.

magista utiliza para não ser negativamente afetado durante a realização de seus ritos mágicos são prescritos por entidades, como *patuás* (amuletos) e banhos de erva.

Também há uma quantidade bastante expressiva de magistas que trabalham nestes centros, fazendo um *desenvolvimento mediúnico* e até mesmo atendendo pessoas. Trata-se do progressivo desenvolvimento daquelas capacidades relacionadas com a mediunidade, em especial a *incorporação* destes espíritos.

Os principais espíritos que são incorporados por um médium desenvolvido são chamados de *guias*. Eles possuem um vínculo mais pessoal com o médium e costumam auxiliá-lo para além dos momentos em que este está trabalhando em um centro de Umbanda. Um exemplo simples seria chamar um exu⁴⁵ para proteger a pessoa de algum tipo de dificuldade que ela está passando, sendo que esta pode ter advindo de uma prática mágica mal realizada.

Alguns magistas afirmam que toda pessoa possui seus guias, mesmo quando não possui um desenvolvimento mediúnico, um trabalho ativo com os mesmos ou mesmo acredita na existência deles. A prática mágica acaba sendo afetada pelo desenvolvimento de uma relação com estes espíritos chamados de guias. Por vezes, trata-se de uma constante manutenção da relação com estas entidades, fazendo-se oferendas e conversando com as mesmas. Isto é como uma prática de autocuidado e, ainda, uma espécie de aliança, onde estes espíritos ajudam o magista em sua vida diária e na vida mágica.

Alguns relatos que observei, também, vão além disto: com a proximidade a estas entidades sendo forte, escutei casos onde uma entidade incorporava subitamente num magista quando ele estava passando por alguma situação onde isso seria necessário. Normalmente, tratam-se de situações de perigo. Elas então faziam o que tinham de fazer no momento em questão e iam embora.

Minha pombo-gira já chegou a incorporar e me ensinar técnicas de defesa energética que eu nunca tinha visto na minha vida. Tem uma amiga minha que tem mega problemas, um monte de problemas [...] que ela tem demanda de quimbandeiro que a mãe dela fez pra ela. Longa história. Teve uma vez que a gente estava na república de uns amigos. Não tinha tanta proteção na casa, porque não era a minha casa nem nada. Ela me olhou e falou “a minha mãe vai fazer coisa pra mim”. Se escondeu no quarto com o namorado dela

⁴⁵ Na umbanda, entidades entendidas como espíritos de humanos desencarnados que possuem uma proximidade com os vivos. Teriam a capacidade de, por meio da comunicação devida, trazer auxílio àquele que o chama.

e ficou, esperando vir a peia, esperando vir o que a mãe dela ia fazer. Eu olhei para um lado, olhei para o outro... algo tinha que ser feito. Eu tenho uma liberdade com minha pombo-gira, dona Maria Mulambo, que ela encosta e vem, eu não paro ela. Então eu não percebo quando eu incorporo, às vezes. Eu levantei. Na hora que eu saí do lugar em que eu estava, estava incorporado. De repente, eu só percebo se formando uma pilastra de luz no meio da república, uma pirâmide roxa se formando em volta e um exu em cada ponta. Aí ela [a pombo-gira] olhou: “olha, eu só vou fazer uma vez”. [...] Ela [a amiga] voltou uma hora depois – que ela é mega médium – ela só olhou para mim: “obrigada”. Que ela sabia que eu tinha feito os negócios. (Vinícius, comunicação pessoal)

Um exemplo mais simples de interferência dos guias seria simplesmente a noção de que estes espíritos poderiam auxiliar a pessoa pela sua mera presença, trazendo sentimentos agradáveis ou proteção. Mesmo mensagens poderiam ser subitamente comunicadas aos magistas, de forma que eles pudessem tirar alguma lição das mesmas ou reformular algo que iam fazer e que, de repente, pareceu má ideia – percepção que, por vezes, é compreendida pelos magistas como influência dos guias.

A noção de espírito é tão fundamental para se entender o outro mundo que é possível chamá-lo de “mundo espiritual”. Neste sentido, não é incorreto dizer que outros agentes espirituais, como anjos e demônios, são como que “espíritos”, mas isto é incomum. Normalmente, refere-se a espíritos quando se trata ou de seres que tem ou tiveram uma contraparte material, ou de seres que tem uma proximidade com a experiência humana, embora uma variedade muito maior possa ser chamada de “seres espirituais”.

Outra categoria de seres espirituais bastante utilizadas pelos magistas com quem convivi são *deidades*, também chamadas de *deuses*. O termo é usado de forma variada, sem uma definição muito formal. Entram aqui deuses de diversas religiões, inclusive antigas. Os de paradigma pagânista, por exemplo, fazem uso de deidades nórdicas, celtas e egípcias, dentre outras culturas pagãs que não existem mais hoje da mesma forma. Deuses do Oriente também se encaixam, como deidades hindus, budistas, taoístas, xintoístas etc. Temos os próprios deuses da Antiguidade, tanto da Grécia quanto de Roma.

Pela ótica caoísta, conforme acompanhei em campo, “deidade” parece se referir a um tipo de ser que não tem uma proximidade exata com a experiência humana: possuem uma magnitude maior e uma distância da experiência material. Sua atuação, também, é mais poderosa do que a de espíritos individuais, sendo capazes de atender a uma quantidade ampla de devotos e de tomarem para si grandes temáticas, como “prosperidade” e “amor”.

Alguns seres que não são considerados tipicamente como deidades se aproximam desta categorização: é o caso de anjos, de santos católicos e de Nossa Senhora. Vi alguns magistas realizarem seus trabalhos com Nossa Senhora, dentre outras deidades. Um praticante relatou, sobre sua prática mágica, tratar-se de “trabalho devocional com alguns deuses. Hermes para comunicação, uma meia dúzia de budas, Nossa Senhora” (I, 25/09/2019, 23:59, *Telegram*).

O próprio Abralás é considerado, por Rodrigo Vignoli, pelos Zeladores de Abralás⁴⁶ e por vários de seus usuários, como uma espécie de deidade contemporânea. Isto significa que ele não é meramente um servidor, indo além de uma atuação enquanto ferramenta e passando a atuar de formas mais poderosas, amplas e autônomas.

A proximidade temática de Abralás com o tema da abertura de caminhos fez com que magistas já o tenham associado a outras deidades com temática similar. Alguns costumam utilizar do contato com mais de uma para atingirem seus propósitos. Exemplos incluem o deus hindu Ganesha, o loa do Vodou Haitiano Papa Legba, os orixá Exu e Ogum, a deusa grega Hécate e mesmo Nossa Senhora Desatadora dos Nós.

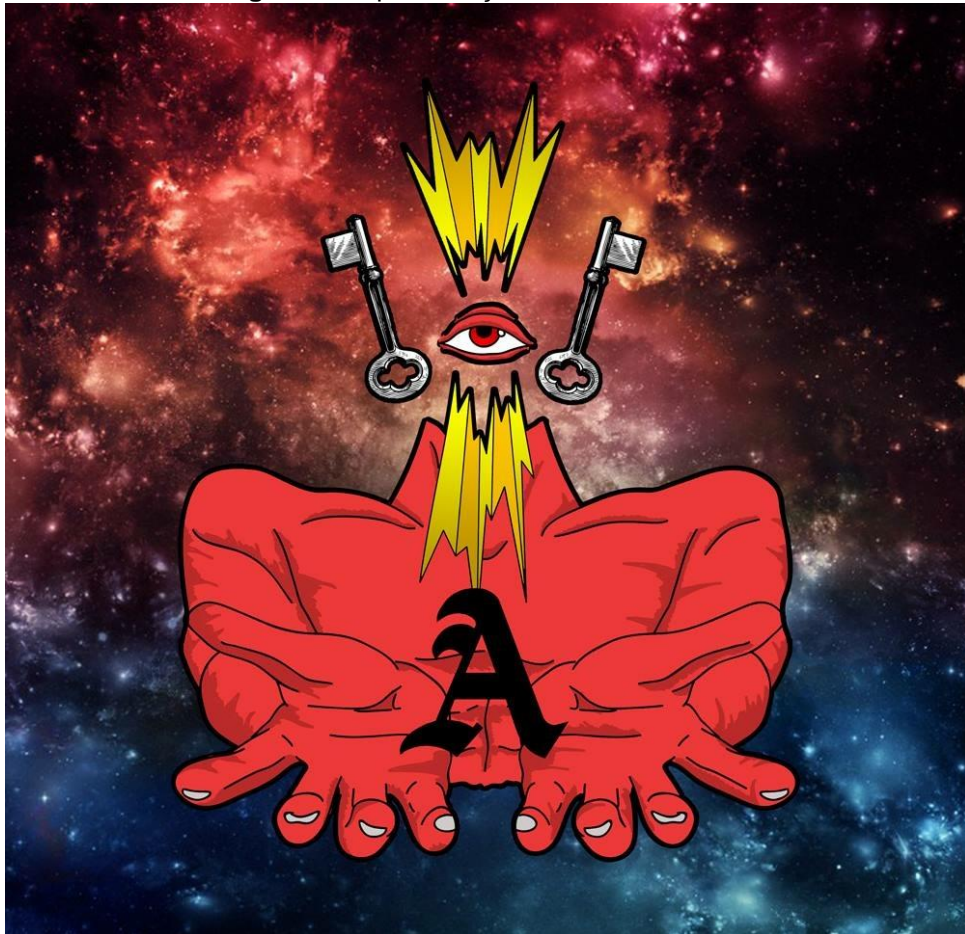
Além destas três grandes categorias já citadas (forças, espíritos e deidades), em Magia do Caos tem-se muito comumente a presença dos *servidores*, já descritos anteriormente.

Diferentemente de espíritos e deidades, que tem uma maior possibilidade de serem *mediadores*, os servidores são intermediários, meras ferramentas. Apesar disto, eles costumam ter uma pessoalização, com um trabalho sobre sua figura para

⁴⁶ Os Zeladores de Abralás são “pessoas responsáveis pela manutenção da egrégora como um todo” (VIGNOLI, 2019). Segundo Boin, a “noção de egrégora aparece entre os caoístas [...] como uma “construção mágica” que é formada a partir das atividades de duas ou mais pessoas em conjunto” (2019, p. 37). Assim, os Zeladores são pessoas que cuidam para que esta construção mágica que inclui e envolve o servidor Abralás seja bem cuidada a nível magístico.

parecer humana ou, no mínimo, individualizada. Não são considerados, ainda assim, como humanos, mas como seres artificiais criados por magistas.

Figura 1: Representação de Abralas



Fonte: VIGNOLI, 2016. Autoria: Victor Vieira.

Sua potência de atuação é vinculada a um propósito com o qual foram definidos. Abralas, ainda que tenha maior autonomia, dedica-se à abertura de caminhos. Servidores de prosperidade tão somente facilitariam o surgimento de oportunidades financeiras ou de dinheiro em si. Um servidor que se propõe à atração sexual não serviria para ajudar nos estudos, por exemplo. A função é específica e ele serve tão somente a ela.

Há servidores individuais, feitos tão somente para uso pessoal do magista. Os trabalhados até então são servidores coletivos, principalmente por terem uma visibilidade pública. Normalmente, servidores pessoais não são compartilhados por não se prestarem a serem usados por mais de uma pessoa.

Além disto, servidores podem ter uma função mais ou menos duradoura. Alguns podem ser criados para, por exemplo, adquirir uma vaga de emprego específica, sendo sua existência “dissolvida” após o fim da oportunidade (com ou sem

sucesso). Outros, como os servidores coletivos, costumam ter fins duradouros na medida em que seus objetivos são mais genéricos: obter parceiros amorosos, sexuais, prosperidade, abertura de caminhos etc.

Estes são alguns dos exemplos mais gerais de agentes do outro mundo com que se lida em magia. Há muitos outros que poderiam ser citados que podem ou não deter alguma proximidade com estes: há os elementais, por exemplo, seres vinculados aos elementos da natureza. Há gnomos, há duendes, há fadas, demônios e anjos. Embora fosse interessante uma análise detida sobre a diversidade de seres concebidos pelos praticantes que acompanhei, tal proposta seria demasiado extensa e sairia do foco do presente trabalho. Neste sentido, as agências expostas já nos trarão melhores possibilidades de entendimento a respeito de como se faz magia na relação com agentes de outro mundo.

O tipo de agente com que se trabalhará está diretamente associado ao paradigma pessoal. Um magista pode escolher trabalhar com um sistema de magia taoísta, dedicando-se tão somente às deidades e seres deste sistema. Isto não implica, a princípio, que ele considere este o único sistema de magia possível. Falar de caoísmo é falar da ideia de que há várias formas de se obterem resultados mágicos, e fica à escolha do magista qual sistema melhor lhe apraz.

Além disso, alguém que tome para si o paradigma psicológico considerará os seres citados tão somente como aspectos de sua esfera psíquica. Outros magistas, como Ravn, de um paradigma animista, dirão que deuses permeiam esferas diversas da realidade, não sendo tão somente seres *separados* da materialidade, mas que a compõem de formas diversas. Explicando sobre um culto que ele faz a uma deidade nórdica, ele me disse:

Gefjon é uma "deusa". Em nórdico antigo uma das palavras pra se referir às divindades era "Poderes". Ela é o calorzinho do sol que deixa você mais ativo e faz sementes germinarem. Ela é a força que essa planta precisa pra quebrar o solo ruim. Ela é o esforço intenso que algo precisa que seja aplicado pra render. Ela é a satisfação e alegria de ter frutos, de celebrar, de repartir generosamente. Ela é uma Consciência que habita essas coisas. Ela é uma entidade externa e independente de nós. Ela é um aspecto mental e um arquétipo; todo mundo que você conhece tem um reflexo em sua Mente, mas a gente tende a esquecer quando o sujeito é sólido (Ravn, 03/09/2019, 13:44, *Telegram*, destaques no original)

Neste sentido, a visão de Ravn sobre deuses – na sua prática enquanto praticante do paganismo nórdico e do paradigma animista – considera que eles não são tão somente seres do outro mundo, mas que constituem também a própria realidade material. Possuem um aspecto “externo e independente”, mas também constituem a materialidade. Esta visão demonstra a complexidade da forma como se entendem os agentes do outro mundo e como ela variará bastante de paradigma para paradigma.

3.4) Ritos mágicos e o estabelecimento de relação com o outro mundo

O entendimento a respeito do outro mundo e dos agentes que lá habitam é interessante para os praticantes de magia. Entender o tipo de ser com que se lida evita riscos, desavenças e facilita o sucesso na prática mágica. Todavia, como dito anteriormente sobre o lugar da teoria na magia, não raro há pessoas utilizando de rituais mágicos sem que tenham maiores interesses em entender como é o mundo espiritual.

A magia utiliza de mecanismos para interagir com este outro mundo. É por isto que, a princípio, não é necessário ter conhecimento sobre o outro mundo para que se consiga fazer magia: basta usar as ferramentas certas. Isto faz parte de um entendimento ligado à realidade mágica e ao outro mundo como lugares autônomos que interferem na realidade cotidiana sem que seja um requisito ter conhecimento das mesmas para que elas interfiram na vida de cada um.

Por um lado, a realidade espiritual está intrinsecamente conectada à realidade material. Por outro, todo ser tem uma potência espiritual, seja esta pensada através do conceito de espírito (que todos possuiriam) seja através do conceito de mente (que veicularia a vontade, a intenção e as emoções, as quais tem potencial mágico). Se ambos os mundos estão conectados e muito próximos, é possível utilizar-se de mecanismos para realizar a interação entre estas duas esferas da vida dos magistas.

Assim, para que as agências do mundo espiritual possam gerar transformação na realidade do magista conforme a vontade deste é preciso utilizar de instrumentos e ferramentas que, também atuando como agentes, estabelecem relação com o outro mundo. Antes de entrar em exemplos de ferramentas mágicas, tratemos de analisar melhor o lugar dos *ritos* na prática mágica, visto que são estes que se utilizarão das várias ferramentas.

A ideia de rito é usada pelos magistas para designar um procedimento ou operação mágica. Isto é, é um momento onde o praticante se utiliza de certos elementos, age de forma permeada de significações com poder mágico, utiliza-se de agentes mágicos e busca certo objetivo.

A princípio, não há distinção entre o termo rito ou ritual, sendo utilizados como sinônimos. Embora seja comum a realização de ritos em momento separados para tal, onde podemos pensar numa distinção entre um mundo profano e um momento sagrado (ELIADE, 1959), os caoístas utilizam de magia em todo tipo de momento.

Assim, em termos de preparação, há ritos que escolhem datas específicas, de acordo com a posição dos planetas no zodíaco e a fase da lua; mas também há ritos que são feitos de forma improvisada, conforme a ideia ou a necessidade para os mesmos surja.

Quanto aos elementos utilizados, é comum o uso de recursos materiais que atuam como ferramentas mágicas, catalisando algum tipo de poder mágico por meio de sua correta utilização. Exemplos são velas, ervas, incensos e alimentos, que veremos mais à frente quando abordarmos a questão das oferendas. Objetos quaisquer podem ser *consagrados* para seu uso ritual, outro tema a ser trabalhado mais abaixo.

Além da materialidade, a mente é considerada por si mesma como dotada de grande potencial mágico. Junto de corpos sutis que constituem a pessoa, como o espírito e a sua energia, um magista pode realizar ritos pela mera força de sua vontade, sem ter de utilizar necessariamente de qualquer objeto material. Ao fim do capítulo, a agência do corpo e da mente será tratada.

O mais comum é a combinação de elementos sutis e daqueles materiais. Assim, o magista utiliza uma disposição mental específica, concentrando-se em seu objetivo com aquele rito. Ao acender um incenso, por exemplo, é considerado ideal que ele mantenha seu foco firme e use do incenso conforme a sua intenção. A combinação do material com uma força sutil do próprio magista garantirá maiores chances de eficácia ao rito.

O magista pode utilizar tão somente de ferramentas mágicas e de sua energia pessoal (associada a sua mente e seu espírito) para realizar seus ritos. Uma forte raiva pode ser suficiente para se causar resultado, sem ser necessário o recurso a qualquer agente intermediário pessoalizado. O uso destes, no entanto, é bastante comum e também será visto com o tema das oferendas, mais abaixo.

Por fim, em termos de objetivos, os ritos servem-se aos mais variados sentidos. Podem ser desde objetivos práticos e ligados à realidade cotidiana, como chegar a tempo em um lugar e resolver uma pendência burocrática, como temas mais amplos, como conseguir um emprego ou encontrar um parceiro amoroso. O recurso de ritos mágicos para proteção, seja devido a ameaças físicas ou espirituais, é bastante comum.

Ritos podem ser usados para fins de relação com o outro mundo: conversar com seus guias, com espíritos e entidades, buscar a comunhão com uma deidade. Não necessariamente estas práticas visam algum resultado na vida cotidiana, mas podem tão somente prestar-se a estabelecer vínculos com os agentes do outro mundo e aproximar a atuação dos mesmos.

O autoconhecimento e uma maior compreensão de si mesmo e da realidade são outros temas comuns em ritos. Podem tanto envolver a conversa com seres capazes de trazer entendimento, como os guias pessoais, como a relação com temas mais psíquicos e/ou sutis: superar padrões de comportamento limitantes, entender a real natureza de algum aspecto pessoal, acessar esferas mais elevadas de consciência que lhe trariam respostas etc. A magista Lenore, no episódio 5 do *Córtex* sobre a obra “Técnicas do Xamanismo Moderno - volume 1: Andando entre Mundos” do autor Phil Hine (1986), aponta como certas práticas específicas que realizou lhe ajudaram a entender melhor a si mesma:

Venho aqui para falar um pouco sobre a minha prática com “Técnicas de Xamanismo Moderno - Volume 1: Andando entre Mundos”, do Phil Hine. [...] O livro começa com práticas de visão, sonho, olfato. [...] As práticas que fiz envolvem plena intenção, foco em coisa específica, sentir música no corpo, associação de memórias com aromas etc. [...] Na época em que eu me propus a trabalhar esse livro eu estava vivendo um período conturbado da minha vida. Estava deprimida, também ansiosa e acreditei que algumas práticas aumentariam essas sensações. Pois elas te colocam exatamente vivendo de maneira completa a sua realidade. Mas as coisas não aconteceram como eu imaginei não. As práticas não só me ajudaram a controlar todo o turbilhão emocional que eu estava vivendo na época como também me ajudou a entender certas coisas importantes daquele período, o que me acalmou bastante. Trabalhando o *Andando Entre Mundos*, eu tive grandes aprofundamentos em questões minhas que eu nem sabia que existiam, coisas que remetiam à minha infância. Eu fiz descobertas bastante significativas para mim. Bom, essas práticas propostas pelo Phil Hine vão te

levar a levantar questões sobre si e sobre o seu dia-a-dia, pois muito fica oculto por estarmos constantemente em modo automático. (CÓRTEX 5, 2019)

Uma categoria importante de ritos, muito enfatizada pelos magistas nas mais diversas ocasiões, são os rituais de *banimento*. Eles podem ser compostos de formas muito diversas e remontar a diferentes tradições, mas seu objetivo é, principalmente, o mesmo: limpar um ambiente de influências contrárias ao interesse do magista. Assim, rituais de banimento valem-se da busca de “limpar um ambiente”, livrando-o de influências que desagradem ao magista de alguma forma. Tais influências são, principalmente, do nível do outro mundo, mas não raro escutei relatos de pessoas se retirando de ambientes após um ritual de banimento ter sido feito – como se elas próprias tivessem sido “banidas”.

Os rituais de banimento servem, portanto, para uma finalidade de limpeza. Isto assume um caráter de manutenção do ambiente e do cuidado de si: Rodrigo recomenda frequentemente que toda pessoa deveria fazer o rito de banimento conhecido como RMP⁴⁷ duas vezes ao dia, para limpar a si mesma e aonde está.

Além da limpeza, no entanto, ritos de banimento também possuem finalidades mais pontuais: é comum que sejam usados antes e depois de um rito mágico para se banir qualquer energia adversa ao magista. Isto é especialmente enfatizado nos casos onde se estabelecem contatos e evocações de seres mágicos que possuem algum perigo: eles são banidos para que não interfiram na vida cotidiana do magista, demarcando bem o momento do rito mágico.

Neste sentido, podemos entender os ritos como a expressão da magia na prática: o momento onde se faz uso dos mecanismos e dos agentes mágicos, capazes de gerar algum tipo de resultado intencionado. São procedimentos e operações mágicas, mais ou menos separados da vida cotidiana e material, mas que, no caso dos magistas, são compostos como uma prática integrante e constitutiva em sua relação com o mundo.

⁴⁷ O RMP (Ritual Menor do Pentagrama) é o ritual de banimento mais famoso no grupo que pesquisei. Ele é oriundo da Hermetic Order of the Golden Dawn (Ordem Hermética da Aurora Dourada), ordem mágica fundada na Inglaterra no final do século XIX e cuja filosofia e práticas influenciariam profundamente o ocultismo moderno. O RMP é considerado um ritual básico para banimento, havendo outros mais complexos. Para fins de exemplo, a descrição do ritual está disponível no Anexo A ao final do trabalho.

Uma das formas primárias de interação com o outro mundo se faz na forma de *oferendas*. Basicamente, a relação com agentes do outro mundo, sejam deidades, espíritos, guias ou outros tipos de seres se dá através da oferta de algo que é considerado do interesse deste. O que será ofertado tem a ver com como o agente em questão é entendido, que tipo de coisa normalmente é oferecida ao mesmo, as associações tradicionais que são feitas entre o ser e elementos da vida material e, afinal, algo que o próprio ser em questão pode, de alguma forma, comunicar como sendo aquilo que lhe interessa.

As oferendas costumam ser de caráter material, isto é, algo físico é oferecido. Exemplos incluem comidas: temperos como canela e cravo, mel, água, café, cristais etc. O mais comum, no entanto, é a oferta de *velas* – algo que aproxima a prática de muitos caoístas a práticas comuns na Umbanda e no Catolicismo.

Velas são oferecidas para os propósitos mais diversos. Costumam ser acesas para seres espirituais como deidades, orixás, entidades e guias, anjo de guarda etc. Também são constitutivos de rituais com servidores. São entendidas como formas de energização ou alimentação daquela relação.

Antes de ser ofertada, é comum se ressaltar a necessidade de se *firmar a intenção* daquela vela, não só o para quem será usada, mas a quem ela é oferecida. Isto potencializaria os efeitos do ritual.

Há vários exemplos de rituais com velas. Um deles é o ritual coletivo de Abralas, onde pessoas em diferentes lugares acendem, numa hora combinada, uma vela e fazem uma mesma oração, dedicando a vela à Abralas. O propósito da vela pode ser definido conforme os objetivos individuais, apesar do ritual ser coletivo. É tido que isto potencializaria os rituais na medida em que muito mais energia estaria sendo movimentada pelo fato de muitas pessoas estarem realizando um ritual juntamente. Um exemplo de rito coletivo e do resultado associado a ele nos é contado por Lívia:

O primeiro foi aquele ritual coletivo do Abralas, dia 6 de janeiro. Na época eu estava desempregada. Eu fiz ritual do Abralas falando "quero um emprego como professora". No dia seguinte chegou o e-mail de uma escola que eu tinha mandado currículo há dois anos atrás me chamando para uma entrevista. (Lívia, comunicação pessoal).

Exemplo de ritual com velas são a *quarentena* de Abralas, ritual básico no trabalho com este servidor e recomendado para todos que começam a lidar com ele. Consiste, basicamente, em acender uma vela por dia durante quarenta dias. Isto

estabeleceria uma conexão forte com Abralás, “ativando sua energia”, o que permitiria atuar na vida daquele que lhe oferece as velas (ZELADORES DE ABRALAS, 2018).

Outro exemplo é o ritual de apresentação no trabalho com os 40 servidores. Tratam-se de 45 dias seguidos acendendo velas. Cada dia, uma vela é oferecida para um servidor, com quem o contato é estabelecido e se diz que ele pode vir a atuar no dia daquela pessoa. Efeitos correlatos à função de cada servidor podem, então, ser sentidos no dia em que sua vela é ofertada (KELLY, 2017).

A cor da vela costuma ser considerada bastante relevante no tipo de trabalho que se faz. Normalmente, uma cor ou mais é associada ao agente em questão. Abralás, por exemplo, tem como principal vela a laranja, sendo aceitável o uso de velas amarelas e brancas e, em último caso, vermelhas. Não significa que velas de outras cores, a princípio, não estabeleceriam contato com a entidade, mas são vistas como tendo menor compatibilidade com a atuação da mesma.

As oferendas podem ser mais simples, como uma vela somente, mas é comum que elas sejam compostas de vários elementos materiais oferecidos ao agente em questão. Junto de uma vela para Abralás, por exemplo, outros elementos que agradariam ao servidor são indicados: incensos, temperos, mel, café, moedas de dez centavos (por serem douradas), cristais como o citrino e a pirita (também dourados).

Podem ser entendidos como oferendas, ainda, elementos não propriamente materiais. É comum fazer uso de orações ao agente em questão ou de simples conversas. As orações podem tanto ser fórmulas prontas quanto elaboradas livremente. Elas serviriam para fortalecer o contato com o agente em questão e, por vezes, estabelecer comunicação. É por meio desta conversa e/ou oração que se pode estabelecer o que se deseja pedir que aquele agente faça para o magista.

Outra forma similar às orações são o uso de *mantras*, fórmulas verbais tidas como sagradas. Normalmente, são de origem oriental (do budismo e hinduísmo, principalmente), mas há aqueles elaborados por tradições europeias, como a Thelema. Para além disso, a Magia do Caos considera possível elaborar seus próprios mantras, os quais, sendo repetidos com uma intenção firme em mente, teriam capacidade de gerar resultado mágico.

Um elemento bastante comum na prática da maioria dos magistas com quem convivi é o altar. Trata-se de um lugar privilegiado para a realização de práticas mágicas: é normalmente aqui que se situam as ferramentas mágicas do magista e é

também onde ele faz as suas oferendas. É considerado ideal se estabelecer um altar porque concentraria as práticas e propiciaria maior eficácia. Numa leitura energética, seria uma espécie de “bateria”, congregando cada vez mais energia na medida em que práticas são realizadas neste mesmo lugar.

Em visita à casa de José Lucas, este me mostrou o seu altar. Os elementos que o compunham incluíam alguidares e castiçais (para acender velas), cristais, uma japamala, um diário mágico e vários outros elementos marcados ou por significados pessoais (memórias) ou por algum tipo de entendimento magístico (associados a alguma figura, como um orixá ou deus). Os elementos são entendidos por José Lucas como dotados de poder mágico na medida em que demarcam algo para ele, o fazem se situar de uma determinada maneira: um dos objetos, por exemplo, o faz lembrar-se de não levar a história de magia tão a sério, e isto é importante para sua prática.

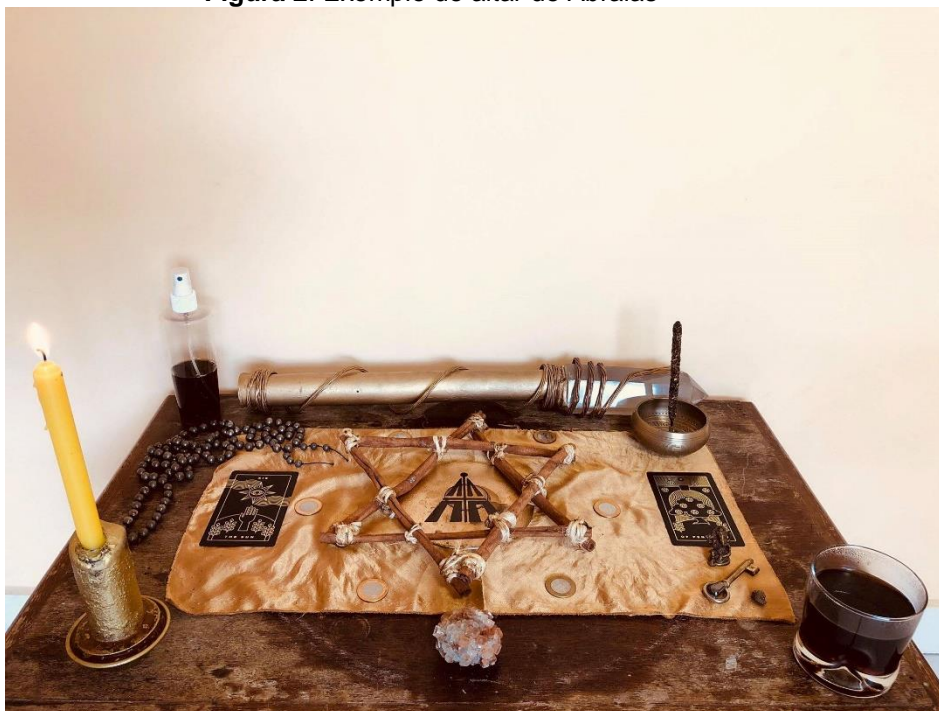
Além do altar ter esta capacidade de atuar trazendo à tona memórias ou entendimentos de mundo, ainda são um lugar de prática mais ativa. Por esta razão era um lugar privilegiado no altar de José Lucas a presença de uma determinada runa e de um pano azul ligado ao principal trabalho mágico que ele estava executando então. Este trabalho era ligado a um servidor específico que ele criou e que afetaria várias áreas de sua vida. No altar, os elementos ligados ao mesmo serviriam para potencializar seus efeitos e lembrá-lo dos objetivos do mesmo.

Altars podem ser divididos tematicamente. Henrique conta:

Eu tenho dois altares em casa... um deles é na sala, que é pra minha fé religiosa... e outro que fica na varanda... que é o altar caótico... Neste último é onde acontece a maior parte do movimento. [...] O altar religioso é onde ficam as imagens dos santos/orixás (sincretizados e dos pretos velhos... [...]) O altar que fica na varanda, propositalmente para receber luz da lua e do sol, servem mais como bancada de trabalho [...] (Henrique, 27/06/2019, 11:13-11:18, *Telegram*)

Além desta distinção possível entre altares dedicados a fins religiosos e a fins mágicos, é possível maior especificidade. Por exemplo, é comum, no trabalho com Abralás, ter um altar exclusivamente voltado para o mesmo, com o trabalho com outros servidores e agentes sendo feito em outro altar.

Figura 2: Exemplo de altar de Abralal



Fonte: VIGNOLI, 2019b.

Rodrigo Vignoli, em seu canal no Youtube, explica os elementos do altar acima apresentado:

Esse é um exemplo de um altar de Abralal que eu montei para vocês darem uma olhada. Esse altar tem uma série de elementos, eu vou mostrar para vocês o que que eu botei aqui. [...] Então, além da clássica vela – e aqui eu estou usando ela amarela, geralmente a gente usa amarela ou laranja – eu fiz esse porta velas a mão, ele é um pedaço de bambu que eu pintei de dourado. [...]. Além disso, eu fiz este hexagrama. Ele é de canela. Ele é trançado com palha da costa. Eu gosto demais dele, acho que ficou muito bonito, e eu posicionei ao redor dele 6 moedinhas de 1 real, todas com a coroa voltada para cima e elas viradas pra fora. Alguns detalhes que eu gosto de colocar na minha prática. [...] No meio, não sei se vocês podem ver, a gente tem o pantáculo⁴⁸ de Abralal, com o selo dele. Eu pintei à mão, eu sempre encorajo as pessoas a fazer seus próprios instrumentos à mão e muitas das coisas desse altar fui eu quem fiz. [...] Este é o meu maravilhoso mala⁴⁹ de pirita. Pirita é aquela pedra que a gente chama de ouro do tolo. É uma pedra que é de prosperidade e ela é simplesmente maravilhosa. [...] Esse mala ele é muito forte, muito poderoso. A gente tem duas cartas, dois

⁴⁸ Símbolo com poder mágico.

⁴⁹ Malas, abreviação de “Japamalas”, são correntes de contas comumente usadas no Budismo e no Hinduísmo, além de algumas outras religiões orientais. São similares aos rosários cristãos e prestam-se a contar *mantras* e orações. Seu uso por magistas pode envolver isso ou não: alguns o usam como colares dotados de algum poder, como proteção.

arcanos de tarô. [...] É o Sol, e ali a gente tem o 10 de ouros. [...] Ali no cantinho, a gente tem um mini-Ganesha⁵⁰, uma chave e uma piritinha. (VIGNOLI, 2019b).

A descrição de Rodrigo prossegue com mais detalhes ao longo do vídeo citado. Vemos como são diversos os elementos que compõe um altar, todos sujeitos à criatividade do magista e às livres associações que ele faz. Há a busca de uma coerência entre os elementos que compõe o altar. Para além disso, são elementos materiais dotados de poder mágico: o mala, por exemplo, é descrito como “muito forte, muito poderoso”. Para além de uma coerência lógica, o altar é montado por ser considerado capaz de propiciar resultados mágicos.

A citação também ilustra outro tipo de materialidade dotada de eficácia mágica: as ferramentas, instrumentos ou, ainda, tecnologias mágicas, usando um termo utilizado por José Lucas. Este objetos passam um processo de *consagração*, por meio de algum ritual que os firma como ferramentas específicas e dotadas de maior poder de realizar algum tipo de fim mágico. Elas podem ter propostas mais específicas ou mais genéricas. Rodrigo estimula que sejam objetos feitos à mão pelo magista, algo que agregaria maior potencial magístico ao objeto, mas isso é considerado opcional.

Consagrar uma moeda na energia de Abralás, por exemplo, faz com que ela carregue um vínculo em relação ao servidor. Neste sentido, efeitos mágicos associados a Abralás podem acompanhar o uso daquela moeda.

A consagração envolve uma espécie de vinculação de um objeto a potenciais mágicos. De outra forma, me dizem meus interlocutores, aquilo seria só um objeto comum. A consagração potencializa as propriedades de um objeto de ser usado conforme uma intenção para fins mágicos.

Há toda uma variedade de rituais de consagração, consistindo basicamente na atribuição de um objetivo mágico a um objeto e, possivelmente, a sua energização naquele sentido. Um dos rituais que tive acesso envolvia o recurso aos quatro elementos nos quais o objeto a ser consagrado seria passado e energizado. Os quatro elementos eram acessados pelo recurso a outros objetos: uma vela, para o fogo; um incenso, para o ar; água corrente ou um copo d'água, para a água; e uma moeda ou a própria terra, para a terra. O objeto seria passado nos elementos e teria sua intenção firmada.

⁵⁰ Deus hindu ligado à prosperidade e abertura de caminhos, temas similares ao que Abralás trabalha.

Há uma variedade maior de formas de se realizarem estes ritos, no entanto. Alguns simplesmente firmam a sua intenção mentalmente, concentrando-se no que intencionam daquele objeto. É comum que se façam declarações em voz alta, como “este objeto serve para fins de proteção”, por exemplo. Estas declarações podem usar do recurso a outros seres para tal, pedindo que guias consagrem o objeto ou que isto seja feito em nome de alguma entidade ou deidade. Outro ritual mais simplificado que conheci é tão somente passar um incenso no objeto em questão, enquanto se focaliza em seu objetivo.

Tive contato em campo com magistas que utilizavam variados objetos consagrados, em geral para fins de proteção: anéis de ônix, pulseiras de hematita e olho de tigre, colares e japamalas feitos de pedras diversas, como sodalita, olho de tigre e granada, anéis com figuras de caveiras etc.

Em certa incursão ao campo, visitei um magista cujo quarto possuía, próximo à porta, uma pedra com entalhes de runas. Em certo momento, me foi pedido para mover a porta e tirei a pedra do local em questão. Tal ato foi visto pelo meu interlocutor como perigoso, uma vez que não seria ideal ter pegado com a minha mão num objeto consagrado para fins de proteção. Isto ilustra o potencial mágico ativado daquela pedra, a ponto de ter sido perigoso para mim ter tocado nela, o que não seria visto desta forma se se tratasse de uma pedra qualquer, não consagrada.

Todo tipo de objeto seria passível de consagração para os fins desejados, segundo a Magia do Caos. Todavia, é comum que se considere que exista uma afinidade maior de certos objetos a certos propósitos, seja pela própria constituição material dos mesmos seja pelo tipo de função a que está associado. Neste último sentido, poder-se-ia pensar em consagrar uma caneta para fins de escrever com inspiração, mas uma borracha teria menos sentido.

Em termos da constituição do material, basta pensar nos exemplos de objetos que citei acima: é bastante marcante o lugar de objetos naturais, como cristais e ervas, como dotados de atribuições próprias e inerentes. Uma pedra como a hematita, considerada útil para fins de proteção, não costuma ser consagrada para melhorar as práticas meditativas de um praticante, visto que são entendidas como propósitos bastante diferentes. Tomar um banho de ervas vistas tradicionalmente como apropriadas à proteção não serviria bem a um magista buscando atração sexual, por exemplo.

Na consagração, portanto, há estes dois elementos fortes para a eficácia do objeto: há a intenção do magista, que consagra visando algum objetivo; e há a constituição do material, que é mais ou menos apropriada a este objetivo. Sem a intenção, as propriedades do objeto são minimizadas ou completamente inócuas: é preciso “ativá-las”. Um objeto com uma característica material radicalmente oposta ao objetivo intencionado, por sua vez, também minimizaria os potenciais de sucesso nas suas funções mágicas, se não atrapalhasse completamente.

Além da materialidade e dos agentes espirituais, o próprio magista interfere, por meio de seu corpo e mente, na prática mágica. Isto envolverá a possibilidade de se executar magia utilizando-se ativamente de sua consciência e de ações corporais, mas também a receptividade da mente e do corpo a resultados e influências mágicas. Veremos um pouco mais sobre esta receptividade ao trabalharmos a mensuração de resultados no capítulo 4.

O RMP, rito de banimento citado anteriormente, é um bom exemplo para entendermos como os rituais se valem do corpo e da mente. O primeiro e último momento do ritual é denominado como a Cruz Cabalística, onde uma cruz feita de luz seria feita pelo magista em seu ambiente. Para fazê-la, o magista toca quatro pontos de seu corpo enquanto “vibra” nomes sagrados, isto é, os entoa de forma concentrada e com intenção clara.

Enquanto toca a sua testa e vibra o nome “Ateh”, o magista visualiza um pilar de luz descendo do alto dos céus até a sua cabeça, iluminando seu corpo e seu ambiente. O ritual prossegue desta forma fazendo a cruz estender-se às profundezas do chão e para os dois lados do magista, estabelecidos a partir de seus ombros e estendendo-se indefinidamente. Por fim, o magista junta as mãos no centro do peito vibrando outro nome.

A Cruz Cabalística descrita é realizada no início e no fim do RMP. Entre estes momentos, desenham-se quatro pentagramas no ar com as mãos, visualizando-os ao mesmo tempo se formando nas quatro direções cardeais. Outras visualizações que serão feitas são de quatro arcanjos à frente destes pentagramas, cada um simbolizando um dos quatro elementos.

O rito envolve outros elementos, mas estes citados já nos trazem algumas características da relação entre a prática mágica e o lugar do magista. Não basta tão somente usar-se de ferramentas externas e de agentes mágicos, mas o próprio

magista ocupa um lugar de agente. Para isto, utiliza-se de gestos corporais, entoação de certas palavras e visualização, todos dotados de significado e intenção.

A visualização, em geral, é vista como uma das principais habilidades mágicas. Uma boa capacidade de fazê-la faz com que os gestos corporais se tornem até mesmo desnecessários. Visualizar não é tão somente imaginar algo, mas a tentativa de fazer com que aquilo que se imagina seja tão real quanto possível. Neste sentido, não somente se imagina um pentagrama, mas ele é visualizado na frente da pessoa, numa posição específica, como se estivesse ali fisicamente; além disso, as consequências daquele objeto visualizado também compõe a visualização. No caso da Cruz Cabalística, bem como dos pentagramas (que são visualizados feitos de chama azul), a visualização intenciona colocar estes objetos como iluminando o ambiente, afetando objetos físicos e gerando dinâmicas de luz e sombra nos mesmos.

Além do momento em que a visualização é realizada, no caso do RMP e de algumas outras práticas é estimulado que o objeto seja continuamente visualizado. Isto é, a pessoa que realiza o RMP deveria continuar a visualizar, no ambiente em que se encontra, os pentagramas e os arcanjos por tanto tempo quanto conseguisse. Isto facilitaria a atuação mágica e garantiria a proteção e limpeza que o ritual traz por tempo prolongado. A visualização ser esquecida rapidamente pode fazer com que seus efeitos logo sejam perdidos. No caso dos rituais onde se evocam seres perigosos, isto seria justamente abrir a brecha para ser afetado negativamente por aquele ser.

Assim, a visualização é uma habilidade importante e básica na magia, considerada como uma ferramenta útil para a maioria dos objetivos que se intenciona com magia. Sua complexidade, no entanto, faz com que tenha que ser treinada⁵¹ para que mais e mais detalhes da visualização possam ser percebidos e para que sua duração possa estender-se tanto quanto possível.

Os gestos corporais realizados servem para auxiliar o trabalho da visualização, facilitando esta percepção. Há percepções que colocam os gestos como meramente um suporte para o trabalho da mente, esta sendo mais importante para a realização da magia. Outras visões, por vezes, andam junto desta, mas colocam os gestos corporais como dotados de eficácia em si mesmos: há posturas que um magista pode manter que facilitariam a obtenção de resultados específicos. Exemplos incluem

⁵¹ O tema do *treinamento mágico* pode ser visto com maiores detalhes em Greenwood (2000).

aqueles magistas que se aproximam à Yoga e à Thelema, sistemas amplos que se utilizam de *asanas* (posturas) para buscar resultados específicos.

Gestos corporais possuem a necessidade de serem feitas com consciência, concentração e vontade firme. É concomitante o traçar de um pentagrama no ar e a visualização resultante, com o magista se vendo realmente traçando um pentagrama e vendo ele ser traçado. O gesto feito com uma mente distraída é tido como menos potente, senão completamente ineficaz.

Vale dizer que a entoação de certas palavras também foi importante no ritual em questão. A voz é tida como um veículo capaz de gerar eficácia mágica também. Alguns a colocam como uma forma de manifestação da vontade. Todavia, tal qual a visualização, não basta simplesmente imaginar algo: é preciso fazê-lo de uma forma focada e com uma intenção estabelecida. Por esta razão o verbo “*vibrar*” é utilizado por alguns magistas: tanto pela possibilidade do nome ser dito com uma voz vibrante, quanto pela ideia de que uma palavra falada com intenção bem estabelecida tem, por si mesma, um efeito mágico.

Estes exemplos nos demonstram que o corpo e a mente do magista possuem uma importância central na execução de ritos. Tal qual ferramentas mágicas, objetos consagrados e oferendas materiais, o lugar da individualidade do magista compõe a prática e é entendida como capaz, por si só, de gerar efeitos mágicos. O recurso à materialidade, por meio de objetos, bem como a agentes mágicos pessoalizados é, em geral, vista até mesmo como secundária: o magista ideal seria capaz de gerar resultado mágico pela sua simples vontade bem definida, por vezes se utilizando de técnicas como a visualização, mas sem necessitar de qualquer outro recurso.

3.5) Agenciamentos mágicos

Uma vez que vimos alguns exemplos de como a magia pode ser feita, incluindo tipos de agentes mágicos, mas também o lugar de ritos, ferramentas, do corpo e da mente, pudemos perceber a variedade de agências na execução da magia. O ato mágico, neste sentido, utiliza-se de uma composição de diferentes agentes, desde aqueles espirituais a forças abstratas, incluindo também o lugar do próprio magista e da materialidade como agentes importantes.

Neste sentido, o ato mágico pode ser entendido como um *agenciamento*, conceito de Deleuze e Guattari utilizado por Isabelle Stengers na busca de entender o animismo (2017):

Um agenciamento, para Deleuze e Guattari, é a reunião de componentes heterogêneos, uma reunião que consiste na primeira e última palavra da existência. Não se trata de eu existir primeiro e depois adentrar os agenciamentos. Pelo contrário, minha existência é minha própria participação nos agenciamentos, pois não sou a mesma pessoa quando escrevo e quando me pergunto sobre a eficácia de um texto depois de ele ser escrito. Não sou dotada de agência ou intenção. Em vez disso, a agência – ou o que Deleuze e Guattari chamam de “desejo” – pertence ao agenciamento em si, incluindo aqueles agenciamentos muito particulares, chamados de “agenciamentos reflexivos”, que produzem uma experiência de desapego, o prazer de criticamente colocar à prova experiências anteriores para identificar o que “realmente” é responsável pelo quê. Outra palavra para designar esse tipo de agência que não nos pertence é animação. (STENGERS, 2017, p. 11)

Nas práticas mágicas, é comum que a agência seja atribuída a diversos elementos que compõe a operação. Uma pessoa que acende uma vela a Abralás, pedindo-lhe por algo, poderia ser visto como tendo algum grau de agência em si mesma: a sua concentração e clareza de intenção poderia favorecer o resultado. Abralás, claramente, é visto como um agente importante, de outra forma não estaria sendo foco da prática. A vela acesa é, também, um exemplo de agência de objetos, visto que ela exerce um papel na prática que auxilia no resultado.

A ideia de agenciamento conforme explicada por Stengers, no entanto, enfatiza outro aspecto da ação que pode nos ajudar a pensar na prática mágica: não se trata tanto de dizer quem é “realmente responsável pelo quê”, mas de perceber que a operação mágica é um agenciamento em si, dotado de agência, capaz de gerar transformação. Pensar desta forma auxilia a pensar na variedade de elementos componentes dos ritos, onde os mais diversos seres, objetos e forças fazem com que a prática mágica em si, bem como seus resultados, sejam altamente variáveis.

Neste sentido, podemos perceber o que Stengers chamou de uma “indeterminação própria dos agenciamentos” (*ibid.*, p. 13), este fator onde é incerto até onde quais são os elementos são significativos, quais alteram ou não o resultado da ação. Retomando o léxico de Latour, é incerto quais são os intermediários e quais são os mediadores.

Quando se reafirma a magia como arte da participação, ou da atração de agenciamentos, os agenciamentos, inversamente, tornam-se uma questão de interesse empírico e pragmático a respeito de efeitos e consequências, e não de considerações gerais ou dissertações textuais. (*ibid.*, p. 14).

Assim, a magia revela-se lidar com uma “atração de agenciamentos”, uma forma de propiciá-los para fins pragmáticos e capazes de gerar consequências. Este interesse faz com que seja necessário a busca de saber quais agenciamentos atrair, bem como quais consequências são desejadas e a forma de obtê-las adequadamente. Em meio à participação de uma miríade de atores, a operação mágica tenta fazer com que o agenciamento sirva para objetivos estabelecidos, evitando tanto quanto possível aquilo que contraria o desejado.

“Agenciamentos reflexivos”, na citação anterior, também são comuns na magia. Isto é, é necessário diferenciar os agentes responsáveis pela ação, apesar de sua indeterminação, uma vez que é desta forma que pode-se tornar claro quem foi responsável pelo sucesso ou pelo fracasso, que tipo de elemento atrapalhou ou favoreceu uma prática e, afinal, quais elementos podem ser completamente desnecessários e, assim, descartados. Diferenciar os elementos envolvidos no agenciamento é uma etapa importante na prática mágica para mensurar seus resultados, replicá-los e experimentar novas possibilidades. Trataremos deste tema no capítulo a seguir.

Capítulo 4: Mensuração da magia

4.1) A noção de resultados

Inevitavelmente, por mais que a discussão teórica seja incessante e valorizada, a magia está lidando com um horizonte prático. Neste sentido, falarmos de magia é falar de algo que os magistas *fazem*. Análises discursivas ou de natureza teórica a respeito do universo da magia ignorariam o que ela tem, portanto, de mais fundamental: que algo é feito e que algo é obtido a partir disto. Assim, surge-nos como um conceito chave pra entender a prática mágica aquela noção enfatizada na Magia do Caos: a ideia de *resultado*.

Os praticantes de magia estão, a princípio, lidando com a noção de que estes agentes mágicos, trabalhados no capítulo anterior, são capazes de trazer resultados palpáveis em sua vida. Desprezar o elemento pragmático da magia é perder de vista o principal motivo pelo qual os magistas fazem o que fazem. Análises simbólicas e discursivas, por exemplo, embora tenham seu valor, são incapazes de contemplar o fato de que a magia está lidando com a questão da eficácia.

A Magia do Caos, em especial, será uma vertente que trabalhará especialmente com o conceito de resultado. Se outros sistemas também se envolverão com a prática e o que é considerado resultante da mesma, a Magia do Caos enfatiza esta noção como chave para entender a prática da magia e a própria possibilidade de se utilizar de sistemas diversos. Isto é, não é tão importante qual sistema de magia se pratica ou qual tradição se segue, contanto que se obtenha algo com isto.

Assim, as diversas obras sobre a temática da magia, não importando o quanto se delonguem em aspectos teóricos sobre a natureza da mesma e como ela pode ser realizada, acabarão por trazer elementos práticos. Obras mais consagradas, como o *Liber Null & Psiconauta* (CARROLL, 2016) e o *Livro dos Resultados* (SHERWIN, 2016) proporão técnicas e rituais para se realizar magia. Serão estas recomendações que serão início das práticas de muitos dos que se encontram hoje no Vortex: terem encontrado informação em algum lugar sobre como praticar magia e terem se proposto a tentarem realizá-la.

Conforme explorado no capítulo 2, a prática mágica está se alimentando de um acervo teórico. Este é importante e é, em grande parte, pelo intermédio de magistas experientes que novos magistas surgem. Será o acesso a livros, ordens secretas e

canais de conteúdo virtuais que trará o conhecimento da possibilidade de se praticar magia e a efetiva tentativa de realizá-la.

Por outro lado, cabe enfatizar que, como visto no capítulo anterior, a magia está lidando uma série de agências – de espíritos e deidade até a força da vontade e da materialidade – que, a princípio, independe de um magista para atuarem. É considerado possível, por esta razão, que uma pessoa tenha alguma capacidade de utilizar destes agentes sem ter tido necessariamente contato com material bibliográfico. Todavia, o que a constituirá efetivamente enquanto magista está diretamente ligado não somente ao uso destas agências, mas à busca de transformar a realidade conforme a sua vontade. É isto que define o que é magia e quem é o magista na leitura de grande parte dos praticantes.

De toda forma, com as primeiras experiências, os magistas vão ganhando confiança e executando operações e práticas novas, diferenciadas. A Magia do Caos, em especial, estimulará fortemente que os praticantes tentem produzir seus próprios rituais e práticas, sem dependerem de reproduzir uma anterior. Apesar disso, fórmulas com uso consagrado anteriormente são vistas por muitos como dotadas de uma força maior do que aquelas desenvolvidas individualmente. Como a Magia do Caos estimula o uso de elementos diversificados em favor de sua prática, vale utilizar tanto o que é criado individualmente quanto o que é obtido por meio de outras tradições.

Veremos que os *resultados* serão elementos essenciais nos vários grupos virtuais dedicados a temáticas mágicas, inclusive o Vortex. Magistas, iniciantes ou não, comentam o que sentiram e o que resultou de suas práticas, por vezes pedindo comentários de outras pessoas. Outros caoístas, assim, dirão o que acharam daquela experiência, se é possível lê-la de outras formas, podem haver críticas ou conselhos ou, ainda, tão somente o elogio pela prática realizada.

Relatos públicos, por meio de redes sociais, tem a capacidade de gerar interação na comunidade, tirar dúvidas e promover o debate. São considerados valiosos, mas não são a principal ferramenta para avaliação da prática e de seus resultados. Um meio mais antigo e difundido para refletir sobre a prática mágica individual, de forma a guiar futuras elaborações e novos ritos é o *diário mágico*, também chamado por outros nomes como “o *livro dos resultados*”.

4.2) Registrando suas práticas: o diário mágico

Guardando um registro acurado de seus trabalhos, quando seus experimentos inaugurais estiverem completos, o magista será capaz de reler seus métodos e observar quais foram mais efetivos e de quais ele pode se desfazer por serem desnecessários. O Livro dos Resultados *deverá ser mantido da forma mais científica possível*. O Magista entende, claro, que nenhum experimento pode ser repetido exatamente já que existem circunstâncias que ele não consegue controlar (p. ex. o movimento dos corpos celestes, o clima, etc) mas no que se refere às suas próprias preparações (a hora do dia, os adereços do ritual, seu estado mental) ele deve registrá-las o mais detalhadamente possível. Os resultados também devem ser registrados com fidelidade à sua natureza, extensão e tempo até terem funcionado. *Os cétricos chamariam o resultado obtido de “coincidência”. Eu chamo de coincidência arranjada ou “magia”*. (SHERWIN, 2016, p. 26-27, destaques meus)

O diário mágico é um instrumento do magista de mensuração de seus resultados. É através dele que se pode comprovar a eficácia das diversas técnicas e tentativas que o magista experimenta ao longo de seu desenvolvimento pessoal. O diário deve portar os sucessos e os fracassos, bem como os grandes acontecimentos que envolvem o mundo do estudante. Dessa maneira torna-se possível recorrer a alguma informação valiosa que a memória possa perder ou que a mente possa vir a deturpar. (VORTEX 24, 2018, descrição do episódio)

O diário mágico é uma ferramenta antiga e que fundamenta a prática mágica pelo menos desde Crowley, no início do século passado. Uma atualização mais recente desta ferramenta e ligada diretamente à Magia do Caos é o Livro dos Resultados, conceito explorado por Ray Sherwin em um livro com este mesmo nome (2016 [1978]). Basicamente, trata-se da ideia de que, ao praticar magia e experimentar rituais diversos, é essencial anotar o que é feito, os resultados colhidos e ponderar sobre eles.

Em um diário mágico se colocarão relatos sobre práticas realizadas. Nisto entram desde detalhes mais comuns, como a data, horário e local de realização do ritual, aos mais magísticos, como o tipo de rito que foi seguido, qual a posição dos astros no céu, o que foi realizado e que emoções e sensações foram sentidas. Posteriormente, se incluiriam os resultados que foram coletados.

Vemos, como Sherwin afirmou na citação acima, que há uma clara alusão ao método científico. A intenção do livro dos resultados é permitir ter razoável controle sobre o que se segue aos métodos realizados. O autor reconhece, no entanto, que há muitas condições que escapam ao controle do magista. O registro presta-se a algum nível de replicabilidade da prática, com a ideia de que, sob as mesmas condições, os mesmos resultados se seguiriam. O empecilho para isto são as circunstâncias que não são capazes de serem controladas pelo praticante.

A proximidade com o registro científico interessa pela possibilidade de dizer algo a respeito do que foi praticado e dos resultados colhidos. Assim, poder-se-ia repensar a prática, avaliar os resultados, reavaliar o processo mágico quando este não surtiu efeitos ou estes não foram considerados ideais etc. Ao mesmo tempo, estes registros trazem informações que podem ser úteis ao praticante, seja *insights* sobre si mesmo que lhe foram trazidos no ritual, seja compreensões a respeito da realidade ampliada em que ele se encontra ou, em específico, do outro mundo.

O conceito de resultado diz, portanto, das circunstâncias que seguem a uma prática ou que acontecem simultaneamente a ela e às quais são atribuídas uma associação com a magia realizada. É o que Sherwin chamou, na citação acima, de “coincidência arranjada”. A ideia é, precisamente, de que eventos que não aparentam estarem relacionados numa mentalidade materialista tem uma associação percebida por meio de uma visão de mundo mágica. Na comunidade do Vortex, isso será chamado frequentemente de *sincronicidade*, conceito que veremos logo a frente.

O fato dos resultados estarem relacionados a algo que é compreendido como resultando de uma prática faz com que haja um elemento forte de subjetividade nestas percepções. Isto é, é muito pessoal a cada magista dizer em que medida algo é realmente relacionado e causado por uma prática mágica e o quanto não está relacionado. Se há a compreensão subjacente de que tudo está conectado, quando falamos de magia, ainda assim nem tudo está se afetando o tempo inteiro. A percepção de que algo é resultado de magia ou não é, portanto, bastante subjetiva.

Ao mesmo tempo, há esta tentativa de se aproximar, o tanto quanto possível, de uma “objetividade”. Isto é, o diário mágico e a sua aproximação intencional do registro científico estão justamente buscando fazer com que exista algo que seja passível de ser compreendido como objetivamente causado. Como avaliar isto se dá através de critérios e detalhes que, registrados, podem ser analisados e associados.

Neste sentido, a noção de resultado está em uma oscilação entre uma interpretação subjetiva e uma percepção objetiva. Mesmo um magista que faça registros bastante rigorosos e completos de suas práticas e do que sucede a elas ainda poderá ser questionado por outros sobre se o que ele considera um resultado não é fruto do acaso. Afinal, é preciso que o resultado seja lido como resultante de uma prática e, por mais que se vejam fatores objetivados para validar esta percepção, ainda assim ela é de natureza interpretativa.

Neste jogo entre perceber o que é resultado mágico e o que não está relacionado, não é simplesmente a opinião que é utilizada. Aqui, temos outro conceito nativo bastante utilizado que é a ideia de *mensuração* dos resultados, termo usado na descrição do episódio 24 do Vortex sobre o tema dos diários mágicos, citado acima. Para além da análise crítica dos fatores que envolveram o ritual, há a utilização de ferramentas mágicas capazes de dizerem a respeito do resultado, como os oráculos. Além destes, ainda temos o acesso a certos recursos de nível corporal e mental que poderiam medir os efeitos de um rito. Entra, nesta categoria, o tema da mediunidade, das mensagens por meio de sonhos e o recurso à intuição.

A mensuração dá-se, portanto, por meios diversos. O quanto haverá um método específico para medir resultados se dará conforme a vontade, o desejo e a intuição do praticante. A seguir, adentraremos em alguns exemplos mais gerais de meios de se medirem resultados na prática mágica.

4.3) Mensuração dos resultados

Os ritos mágicos utilizam- agentes capazes de trazer transformação ao mundo. Como explorado no capítulo anterior, estes agentes podem ir desde intermediários pessoalizados quanto a forças abstratas, passando por objetos materiais e a agência do próprio magista. O agenciamento ocorrido na congregação de todos estes atores é considerado capaz de causar efetiva transformação no mundo e no interior de uma pessoa. Estes agentes, em geral, são considerados de uma natureza não física, mas espiritual.

As formas de mensurar os resultados e se perceber a eficácia mágica, por sua vez, exigirão que se perceba a realidade nos termos desta realidade ampliada para além do físico. A atuação de ferramentas como oráculos, da intuição e do próprio corpo, será capaz de auxiliar a perceber e entender os resultados da prática mágica. Além do recurso a estes intermediários, a própria percepção de mundo de um magista

fará com que sinais de resultado sejam lidos na realidade cotidiana, uma vez que esta é percebida como em intenso contato com o mundo espiritual. Vejamos um pouco mais destas formas de se perceberem resultados.

Sincronicidades

O conceito de “sincronicidade” é utilizado extensamente pelos magistas etnografados. O termo é oriundo do psicólogo analítico Carl Jung, sendo atualmente amplamente utilizado nos mais diversos meios esotéricos. É tão conhecido que, no contexto do campo, dificilmente há a necessidade de explicar o conceito. Em termos práticos, a comunidade do Vortex fala de sincronicidade ao referir-se à ideia de uma coincidência significativa, isto é, dois acontecimentos que não possuem qualquer ligação do ponto de vista materialista, mas que são vistos como dotados de uma conexão de significado.

Em alguns momentos, tal conexão pode ser explicada através do recurso ao outro mundo. Um magista comenta com outro sobre estar realizando uma prática taoísta com uma deidade específica, e o outro responde, impressionado, ter ouvido falar desta mesma deidade no mesmo dia. Pode ser o caso que seja entendido tal fenômeno como algum tipo de ligação oculta, seja entre os dois magistas em específico, seja entre eles e a deidade, ou seja, até mesmo entre eles e forças gerais ligadas ao taoísmo.

Todavia, nem sempre se busca explicar o que é a razão da conexão. O ponto principal é enfatizar que há um vínculo de sentido entre dois acontecimentos aparentemente não relacionados. Por possuir significação, um magista pode tirar sentido daquela sincronicidade para entender os resultados de uma prática sua, por exemplo. Ter feito uma prática com uma deidade simbolizada por uma coruja e, coincidentemente, ver uma coruja no dia, pode ser um sinal positivo de que o trabalho está sendo bem realizado e que a deidade está lidando bem com isso.

As sincronicidades podem embasar, desta forma, os resultados de uma prática. Isto pode ter uma associação direta ou não com o que se está tentando conseguir com a mesma. Um magista trabalhando com Abralás, por exemplo, pode estar querendo obter um emprego. Ele pode entender como uma sincronicidade quando, repentinamente, recebe um convite para uma entrevista de emprego, por exemplo. Não há uma ligação causal clara para o magista, mas é entendida que tal aparente

coincidência só pode ser fruto da atuação de Abralás, uma vez que é precisamente o que o magista está trabalhando no momento.

Por outro lado, pode ser considerado como um sinal positivo, demarcando a atuação de um agente mágico e os potenciais resultados, quando alguma sincronicidade é percebida analogamente ao que é trabalhado ou com quem se trabalha. Mesmo que não conseguisse um convite direto a uma oportunidade financeira, um magista poderia assumir como um sinal positivo de que, após fazer um ritual de Abralás, todos os sinais que toma no trânsito estão abertos. Isto está ligado ao entendimento de Abralás como um abridor de caminhos, de outra forma não faria muito sentido a associação.

Neste sentido, as sincronicidades envolvem uma ligação de sentido entre dois eventos: é preciso que haja uma possibilidade de associá-los. A princípio, a excepcionalidade de algum evento já o torna candidato a ser lido como uma sincronicidade. Todavia, é preciso que seja possível tirar algum sentido da mesma, senão seria pouco útil para o processo mágico. Estar trabalhando com uma deidade relacionada às corujas e de repente cachorros na rua estarem atraídos por você não é, a princípio, visto como eventos correlacionados.

Evidentemente, o leque de possibilidades de associação é sempre muito vasto. Há um fator criativo para o magista que, conjuntamente aos seus estudos, é capaz de correlacionar eventos muito diversos. Isto é, normalmente, relacionado aos sistemas mágicos com que ele trabalha e que podem auxiliá-lo a entender o mundo. Servem, neste sentido, como espécies de sistemas classificatórios. Isto o permite ler uma relação entre uma deidade, um planeta, uma cor, uma flor, um alimento etc. Isto fará com que não seja necessário que as sincronicidades sejam demasiado óbvias, porque seus significados podem ser percebidos por meio de associações menos concretas e mais por correspondência.

Além do recurso aos sistemas mágicos, há uma percepção de que todas as coisas estão, em alguma medida, conectadas. Leituras diversas podem ser elaboradas criativamente pelo magista na medida em que ele conseguir traçar alguma ligação entre eventos aparentemente diferentes: ele pode não ver uma coruja na rua, mas talvez um rato, alimento de corujas, e associar os eventos. O fato de ser alimento da coruja pode ou não ser significativo para entender a natureza da sincronicidade. Ele pode ver penas, que podem ou não ser de corujas. Ele pode ouvir alguém falar sobre corujas etc.

Assim, as sincronicidades são formas de se perceber o mundo pelo matiz de uma visão mágica. A primeira mensagem que elas passam, neste sentido, é precisamente esta: há uma conexão oculta entre eventos aparentemente não relacionados. A segunda mensagem virá da capacidade perceptiva do magista em entender o significado de uma sincronicidade.

Segundo José Lucas, sincronicidades tratam-se do “universo tentando se comunicar” com uma pessoa. Tratar-se-iam de eventos que não tem significado em si mesmos, mas em relação. Ao se colocar enquanto mago, José Lucas considera fundamental a capacidade de perceber o significado por trás das sincronicidades: um bom praticante tem de ser capaz de perceber a comunicação que o universo estabelece com ele.

As sincronicidades serão passíveis de percepção em todos os contextos da vida de um magista. Assim, elas podem tanto servir para entender uma prática mágica e seus resultados quanto, afinal, qualquer outro aspecto da vida do magista. Pode ser que ele esteja pensando no problema de saúde de um familiar e, subitamente, encontra o contato de um médico específico para tratar daquele problema.

No sentido apresentado, as sincronicidades parecem assumir uma perspectiva sobretudo alheia ao magista, surgindo espontaneamente e sendo dotadas de significado. Todavia, é considerado possível provocar sincronicidades ativamente: se todos os eventos estão correlacionados, basta a um magista estabelecer a busca de uma resposta específica para que ela possa surgir espontaneamente de alguma forma. É neste sentido que servem os *oráculos*.

Oráculos

Em sentido amplo, a atividade oracular trata-se, do ponto de vista dos praticantes (ou oraculistas), da busca intencional de se obter significados sobre algo que se quer saber. É como um manejo ativo de sincronicidades, fazendo com que um símbolo que sai numa carta esteja relacionado com uma questão levantada anteriormente. Neste sentido, diz-se que um magista poderia usar o próprio mundo material como oráculo, perguntando algo mentalmente para que a resposta apareça casualmente em algum elemento da vida cotidiana: um ônibus que passa com uma propaganda específica, por exemplo.

No entanto, o uso comum dos oráculos é por meio de ferramentas específicas que costumam ter origem bastante antiga, apesar da possibilidade de se elaborar seus

próprios oráculos. O mais famoso oráculo é o *tarô*, mas há vários membros do Vortex que utilizam dois outros bastante famosos: as runas e o I-Ching. Ademais, vale dizer que o sistema de Tommie Kelly citado anteriormente, os 40 servidores, possuem um propósito tanto para uso mágico quanto oracular. Isto porque os 40 servidores são, também, 40 cartas, possíveis de serem embaralhadas e sorteadas.

Os elementos de um oráculo envolvem sempre algum grau de aleatoriedade, para permitir que uma explicação significativa possa ser tirada dentre várias possíveis. Cada elemento possui uma gama de significados que é, normalmente, bastante ampla, podendo ser compreendida de formas bastante diversas. Por esta razão, é valorizada a *experiência* que um magista tem com o oráculo, adquirindo progressivamente maior capacidade de entender a variedade de significados que um elemento – carta, por exemplo – é capaz de trazer.

Os resultados de uma tirada oracular podem ser lidos para os vários aspectos da vida de uma pessoa. Como comentei no capítulo 2, muitos dos membros do Vortex que possuem conhecimento do uso de oráculos fazem serviços de atendimento a pessoas que querem obter respostas com os mesmos. Estas pessoas não precisam ter qualquer conhecimento a respeito da prática de magia ou de uma visão de mundo mágica: muitos são considerados leigos.

Em termos mágísticos, oráculos são consultados em sentidos diversos. Podem servir antes de um ritual, para saber se ele deve ou não ser feito e como melhor fazê-lo, por exemplo. Podem servir para entender algo pelo qual o magista está passando: uma súbita onda de má sorte pode ser considerada como causada por um ritual realizado de forma errada. O oráculo pode ser usado para confirmar se este é o caso.

Por fim, como estamos falando de resultados, os oráculos podem auxiliar a entender os resultados de uma prática. Quando uma magia tem um propósito prático e funciona perfeitamente bem, é incomum o recurso aos oráculos; mas digamos que não houve resultado, ou que algo incomum ocorreu mas que não era o desejado. Nestes casos, o oráculo é utilizado para entender melhor a natureza do que está acontecendo e o que fazer a respeito.

Nestes sentidos, ele serve tanto como capaz de trazer conhecimento sobre o que se passa com as agências do outro mundo quanto trazer conselhos ao praticante. Ademais, pode ser usado para prever o futuro e ganhar conhecimento sobre questões que escapam ao presente conhecimento do magista.

É comum que os magistas anotem em seus diários mágicos os resultados de suas tiradas, visto que podem trazer entendimento no futuro sobre alguma questão. Em tiradas sobre o futuro, pode ser exatamente o caso de ver se o que foi previsto se confirmou, e se algum conselho adicional pode ser tirado sobre. Mesmo que não se trate de uma leitura preditiva, o resultado de uma tirada pode vir a ser útil futuramente na medida em que o magista encontrar-se em uma situação similar à do passado, ou realizando um mesmo tipo de prática.

De forma geral, vi o uso de oráculos ser comentado em especial em momentos de dúvida. Eles têm a capacidade de auxiliar na mensuração de resultados, mas isto se dá especialmente quando algo ficou pouco claro no decorrer de um ritual. Também podem trazer entendimento se uma prática foi bem ou mal antes que qualquer resultado seja visível: neste caso, atuam analogamente às sincronicidades citadas anteriormente. Uma carta de tarô que indique um sucesso próspero irá tranquilizar o magista sobre sua prática, mesmo se nada parece estar ocorrendo. Um exemplo, tirado do campo, ilustra como os oráculos são vistos nesta capacidade de trazer entendimento:

R: Guys [caras], segui [...] sobre esse rito de Hécate. [...] Fiz o banimento antes de firmar a vela, mas [me] senti pesado demais, mas por pouco tempo.
São Longinius Pinto: Tem oráculo, irmão? É sempre uma boa verificar aí”
(29/10/2019, 00:43-01:28, Telegram)

Se sincronicidades podem ser os próprios resultados, como no exemplo citado a respeito de Abralas – conseguir um emprego logo que se pede por isto à Abralas – os oráculos não são resultados em si, mas ajudam a entender melhor estes e toda a gama de ações com que os magistas estão lidando. Seu uso, comumente, é complementar à prática, trazendo entendimento e guiando a ação, mas não sendo eles a magia em si.

Não se considera que exista a necessidade de se praticar magia para que se utilize de oráculos. Os magistas, no entanto, podem utilizar-se dos mesmos de forma mágica, sem ser exatamente um uso oracular. Os 40 servidores, por exemplo, propõem-se exatamente a isto: se você quer saber sobre uma situação que está passando e, embaralhando os 40 servidores, tira O Exaurido (“The Depleted”), pode significar que você está perdendo sua energia por algum motivo. A partir daí, pode-se fazer um rito para eliminar esta perda de energia com o próprio servidor O Exaurido, eliminando a exaustão.

Em certa ocasião, recebi a indicação de Rodrigo para colocar, em meu altar pessoal, uma carta de tarô que simbolizaria uma força que eu estava precisando trabalhar. Assim, utilizar-se dos elementos de um oráculo pode servir para obter algo para além de respostas, transformando a realidade conforme a sua vontade. Ou seja, para fazer magia. Vale dizer que, se tal uso é considerado prático e capaz de gerar resultado, não é tão comum e extensivo quanto o uso oracular.

O corpo e a mente

As sincronicidades indicam a possibilidade de se perceberem resultados a partir de eventos externos. Os oráculos, por sua vez, são ferramentas mais específicas capazes de trazer entendimento. Todavia, muitos magistas irão perceber por meio de sua própria mente e corpo os resultados de uma determinada prática.

Depois de um ritual, o que o magista *sente* pode indicar um sentido sobre o resultado de uma prática. Neste sentido, há uma conexão entre eventos, sendo uma espécie de sincronicidade medida pelo corpo e pela mente. Uma dor de cabeça, uma sensação de leveza e felicidade, um profundo desconforto, uma sensação de raiva etc. são fatores que podem ser lidos como diretamente associados à prática mágica.

O significado será, tal qual as sincronicidades, muito variável. Dependerá dos nexos de sentido que o magista tirar entre os eventos. Uma dor de cabeça pode ser um sinal de que o ritual não deu certo, por exemplo, por ser uma dor; mas também pode ser lida como um sinal positivo, como uma espécie de limpeza de algo negativo por meio da dor.

É por esta razão que vários magistas enfatizam a necessidade de que, no diário mágico, seja registrado o estado mental do praticante antes e depois do rito. O próprio estado do praticante pode ser um sinal de que como o ritual se deu; isto pode implicar na necessidade de se corrigir algo na estrutura de um rito, por exemplo, se o resultado for visto como indesejado. Pode também servir para que, se um rito trouxe uma sensação desejada, ele possa ser repetido sempre que se quiser obter aquela sensação específica.

Para além da percepção passiva de um resultado, com o corpo sentindo um efeito, pode-se buscar um engajamento ativo por parte da mente para se acessar algum entendimento. Uma meditação, por exemplo, pode ser utilizada para, ao acalmar a mente, receber espontaneamente respostas sobre o que está se dando. Isto está associado ao conceito de intuição, que veremos mais à frente.

Eu comecei a ler este livro de magia natural. Foi a primeira prática que eu fiz daquele livro. Na prática você tinha que deitar no chão e visualizar a Terra como um ser vivo e sentir a sua energia indo pra Terra e a Terra trazendo de volta para você. Eu não só senti, como eu senti muito forte, raios entrando no meu corpo, como se eles tivessem dentro do meu corpo. E eu senti meu corpo tremer e tal, ele ficou muito leve. Eu até achei que eu ia começar a levitar, porque eu estava muito leve. [...] Foi a primeira prática de magia natural que eu fiz e eu senti ela dando efeito na primeira vez, muito forte. Um caso de sucesso. (Lívia, comunicação pessoal)

Outro fator da percepção corporal está ligado ao conceito de mediunidade, o qual vários dos magistas com quem convivi utilizavam. Isto é, a possibilidade de que se pudesse estabelecer uma relação mais direta com o outro mundo através de faculdades corporais. Assim, poder-se-ia ver espíritos por meio da mediunidade ligada à visão (a clarividência). Se um magista evoca um ser e o vê em sua frente, claramente isto será entendido como um resultado da prática.

A mediunidade é vista como uma faculdade corporal que, por vezes, é espontânea para alguns magistas, enquanto outro a desenvolvem progressivamente. Várias possibilidades vêm de uma mediação mais direta com o outro mundo e várias formas de relação surgirão daí. Uma que está muito próxima do conceito de mediunidade é uma capacidade bastante mais generalizada, que é a *intuição*.

Intuição

Indissociável da esfera mental está a noção de *intuição*. Ela implica na ideia de que, por razões não guiadas pelo raciocínio lógico, um magista sabe a resposta sobre algo ou entende uma associação oculta. Na prática, trata-se de quando um magista *sabe* o significado e resposta de algo, a relação entre eventos ou a forma de se portar num certo sentido, sem que saiba explicar propriamente *como* sabe daquilo.

A intuição, neste sentido, funciona como uma espécie de processo de obtenção de uma resposta sem um claro entendimento de como ela é obtida – é como se ela viesse de outro lugar. Agentes mágicos como os *guias* podem ser vistos como trazendo as respostas espontaneamente, deixando-as na mente do magista. Outras explicações sobre a intuição, no entanto, são possíveis. Em geral, costuma ser entendida como uma capacidade de acessar e receber algo do outro mundo e, desta forma, acessar redes de conexões para além do raciocínio e do mundo material.

A intuição pode ser uma capacidade distintiva para se entender uma sincronicidade: por meio dela, um magista pode dizer a razão pela qual um sentido em específico é percebido, e não outro. Assim, é o conceito de intuição que será mobilizado pelos magistas em diversas ocasiões para explicar porque a leitura que fizeram de uma tirada oracular, por exemplo, é aquela em específico. Também será por meio desta noção que se poderá entender porque um evento é entendido como resultado de uma prática mágica, e não do mero acaso. A intuição servirá, neste sentido, de forma complementar ao entendimento crítico do magista.

Desenvolver a intuição é uma coisa que, você pode ter uma tendência mais fácil (não é talento), mas é uma coisa para ser trabalhada. Às vezes, eu faço anotações no meu diário mágico. Eu falo assim: “hoje encontrei tal pessoa e eu tive tal e tal impressão”. Exemplo dessa semana mesmo: terça-feira encontrei um colega da escola e tive uma impressão sobre ele. Aí, eu tirei uma conclusão. [...] Só que, no dia seguinte, chegou um dado novo e eu descobri que a conclusão que eu tinha tirado estava errada. Eu tinha tido um certo tipo de sensação que eu achei que era uma [...] tensão sexual, mas aí eu percebi que era outra coisa, que ele tá com problemas e ele estava carregado, então a tensão que ele tava passando para mim era outra. Então, assim, [...] eu tive a percepção de alguma coisa forte mas eu interpretei de uma forma errada. Aí eu tive que entender isso depois. Então a minha intuição também não está afinada. Tem dias que ela está mais afinada, tem dias que não tá tão afinada. E tem trabalho também de meditação pra ir treinando essas coisas. E esse trabalho do diário mágico. “Hoje aconteceu tal coisa, tive a sensação desse e desse sentido, eu vi certas cores, senti esses cheiros”. Daí você voltar no dia seguinte e ver: será que minha percepção era isso mesmo? (Lívia, comunicação pessoal).

O exemplo de Lívia nos ilustra vários pontos da percepção de resultados a partir da intuição. Primeiramente, ela é capaz sim de dizer algo a respeito do mundo. No exemplo dela, ela realmente sentiu uma “coisa forte” desse colega, mas enganou-se na interpretação. Para que a interpretação de resultados seja sempre a melhor possível é que ferramentas como o diário são utilizadas, trazendo uma capacidade de reavaliação do que se deu. Além disso, Lívia também demonstra o lugar das técnicas de autotreinamento mágico para melhorar, no caso, a sua intuição.

Sonhos

Por fim, vale considerar que os sonhos são uma das áreas mais tipicamente dotada de significados pelos magistas. Os sonhos que um magista tem, seja ou não

na sequência de um ritual, podem lhe trazer entendimento profundo sobre o que se está passando por ele. Em geral, o mundo onírico é visto como próximo do outro mundo, mas também com uma potência de acessar o inconsciente.

Facilitando a conexão entre horizontes distintos da experiência, os sonhos podem servir de forma útil na medida em que os eventos que se passam no mesmo são passíveis de correlação significativa com os eventos da vida do magista. São como que oráculos, trazendo espontaneamente respostas a temas que podem ser úteis.

Um exemplo nos vem de José Lucas, contando sobre um sonho que teve enquanto esperava a resposta de uma ordem mágica a respeito de sua admissão ou não na mesma:

Teve um dia que eu tive um sonho que eu olhava de longe e tinha um cara parecido com o Sirius Black⁵². Eu via só o rosto. Ele era inteiramente dourado, mas tipo ouro derretido. Ele tava falando com alguém que eu não conseguia ver. Ele olhava para mim e ria, e falava "pode acordar ele? Ele tá pronto?". E o cara "ah, se não tiver vai assim mesmo". E o cara dava risada, na hora que ele ria e olhava para mim eu acordei. Aí eu olhei pro celular e na hora que desbloqueei, chegou o e-mail da ordem. Estava lá "você já pode começar o processo de estudante" [...] (José Lucas, comunicação pessoal).

O relato nos traz um sonho dotado de significado ao ser contextualizado numa área mais ampla da prática mágica de José Lucas. Além de confirmar a admissão na ordem, como o e-mail lhe atestou, o sonho aponta uma significância maior do evento e a atuação de outros seres, trazendo entendimento sobre o que se passava na vida do magista naquele momento em específico.

Em termos de prática mágica, os significados de sonhos podem ser lidos como indicativos do que está se dando. De forma similar a como as sincronicidades são entendidas, sonhar com uma coruja após um ritual ligado a uma deidade simbolizada por esta ave pode ser precisamente um sinal de que as coisas estão indo bem neste sentido.

Pela forma como os sonhos podem dizer detalhes importantes da vida de um magista, vários deles mantêm, em paralelo com o diário mágico, um *diário dos sonhos*. A anotação serve não só para que eles sejam lembrados, mas que possam ser consultados posteriormente e ter seu sentido propriamente entendido.

⁵² Personagem da série de livros de ficção "Harry Potter".

4.4) A utilidade dos resultados

Exemplifiquei brevemente alguns dos elementos, ferramentas e conceitos utilizados pelos magistas para se perceberem resultados da prática. Vimos que está indissociável de uma visão de mundo onde elementos diversos podem estar conectados de formas não marcadas pela causalidade, mas pelos seus significados. Elaboraões podem ser feitas sobre o porquê destes eventos serem correlacionados – podendo ser porque um agente do mundo espiritual, intencionalmente, causou algo – mas, em geral, tal discussão é secundária, sendo o significado o principal fator na busca pragmática de se entenderem resultados.

Os elementos utilizados na mensuração de resultados são entendidos e utilizados de forma diferenciada dentre os vários magistas, havendo uma complexidade de pontos de vista atuando. Alguns magistas podem, por exemplo, não considerar que a mediunidade é algo que realmente existe e auxilie a entender resultados, portanto não se utilizariam deste elemento para mensuração da eficácia de suas práticas.

Os resultados são vistos em geral a partir de conexões de significados mesmo que não se entenda muito bem como foram *causados*: o que importa é o resultado. Estes vários elementos explorados no decorrer deste capítulo auxiliarão a entender se algo que ocorre é realmente o resultado de uma prática magística ou se não possui relação. A causalidade em si tem um fator secundário: como no exemplo de Gell, citado no capítulo 2, a respeito do cozimento de um ovo, uma pessoa pode pouco se importar com qual a explicação científica, a nível de causalidade material, de como o ovo foi cozido – lhe interessa que o seja feito e o resultado obtido. Os motivos podem ser interessantes aos magistas, mas o fator principal da prática mágica é coletar algum resultado.

A mensuração, neste sentido, servirá para agregar informações no nível da leitura de como se deu uma prática. Não se trata tão somente de ver se uma prática deu certo ou errado, mas que tipo de entendimento qualitativo pode ser dado sobre a mesma.

Isto está relacionado ao fato de que a eficácia de uma prática, muitas vezes, é bastante subjetiva. Os magistas tem de avaliar o que é considerado como um sucesso, dependendo do que intencionam. Como a prática mágica não necessariamente lidará

com objetivos concretos e específicos, há toda um leque de variações e incertezas neste sentido.

Por exemplo, pensemos em Abralás. Como dito anteriormente, a sua atuação como mediador implica que ele pode alterar o resultado intencionado de uma ação. Uma pessoa pedir um emprego específico e não o obter não precisa ser visto como um fracasso: pode ser que a agência de Abralás interferiu ao ver que aquele emprego não traria bons resultados àquela pessoa. Pode ser que outra oportunidade de emprego surja algum tempo depois e, neste caso, poder-se-ia ver aquele aparente fracasso como um sucesso posterior.

Todavia, como comentado anteriormente, a magia busca algum grau de entendimento de como o resultado pode ser obtido. Fatores qualitativos tornam-se importantes e é por esta razão que o diário mágico pode conter dados tão diversos quanto o posicionamento astrológico, o dia da semana, os amuletos que se veste e o estado mental do praticante. Tudo é passível de agência, seja atuando como intermediários e propiciando o que se deseja, seja atuando como mediadores e alterando o resultado. Ter um controle amplo de vários dos elementos utilizados num rito, por meio do diário mágico, pode facilitar a busca de entender como cada elemento agiu num dado ritual.

Isto poderá abranger estes vários elementos explorados anteriormente. Pode ser que um magista tenha sentido uma sensação boa quando colocou um anel de ônix, coisa que não tinha sentido anteriormente. Assim, pode anotar em seu diário mágico sobre aquilo e verificar se, posteriormente, isto ocorre novamente. Se é frequente que um magista use um anel e se sinta bem com ele durante um rito, é possível que ele passe a adotar aquilo como um procedimento padrão em seus ritos.

A experimentação, neste sentido, é frequentemente estimulada na prática mágica dos caoístas. Testar se, variando alguns elementos, algo muda no decorrer de um ritual. Isto pode ser lido tanto a partir da ideia de auxiliar ou atrapalhar num resultado quanto em outros fatores secundários, como as sensações que o rito gerou, por exemplo.

Por meio do registro de suas práticas, com os dados que forem possíveis, e uma percepção a respeito de seus resultados, o magista busca desenvolver uma forma de prática que não seja completamente alheia ao seu controle. Não basta simplesmente tentar acessar agências mágicas e querer que as coisas funcionem: há

a busca de um método para que os resultados sejam constantemente os desejados pelo magista ou, no mínimo, lhe tragam algum entendimento útil.

Isto reafirma o lugar da magia não tão somente como o acesso a agentes mágicos para causar transformação, mas com um elemento primordial e distintivo: a vontade ou intenção. Há uma busca de ter algum grau de controle nos resultados da prática, tornando-se o magista, tanto quanto possível, um agente participante intencionalmente nos resultados que colhe, sem que tudo esteja alheio ao seu controle.

Alguns podem, é claro, querer ter controle absoluto sobre seus resultados. Na prática, porém, a maioria dos magistas parece aceitar que há muito que foge aos seus controles e é por isto que, junto dos estudos e da elaboração sobre sua experiência mágica e seus resultados, ele busca relações com seres espirituais capazes de lhe auxiliar, como aliados, na conquista de seus resultados.

Considerações Finais

Este trabalho deu-se por um período prolongado de etnografia virtual, com ocasionais incursões ao campo presencial para um contato direto e a realização de entrevistas. Além disto, utilizei-me da bibliografia recomendada e extensamente utilizada pelos próprios magistas para melhor entender o que está sendo trabalhado e entendido.

Meu objetivo envolveu a tentativa de trabalhar com a temática da magia na prática, através do recurso às elaborações feitas pelos praticantes a respeito do que fazem. Neste sentido, a discussão teórica teve um papel complementar na percepção de como se dá a prática. Este objetivo deu-se pela razão de que, apesar de uma busca frequente na história da antropologia de entender a magia a partir de fatores externos à mesma, o ponto principal que estas pessoas estão lidando é com a ideia de que, pela *prática*, resultados são obtidos. O principal objetivo dos magistas não é a reflexão ou a elaboração de simbolismo: embora estes possam estar presentes, o principal objetivo é *fazer magia*.

Dificuldade adicional de uma pesquisa sobre a prática mágica no meio da Magia do Caos é de que os ritos são realizados de forma individual, sem a existência de uma coletividade presencial para realizá-los. Isto faz com que a análise realizada neste trabalho esteja situada sobretudo no campo dos discursos que os nativos fazem sobre suas práticas, escapando às possibilidades do trabalho o recurso à percepção direta das práticas realizadas presencialmente.

O campo da magia é um campo que está lidando com uma série de entendimentos sobre o mundo que escapam à visão materialista padrão. Por isto, é preciso buscar entender como os próprios magistas lidam com a realidade e percebem a relação entre eventos. Para tal, o estudo das agências mágicas foi propício, conjuntamente à análise do conceito de *outro mundo*. Ademais, por ser um ramo de prática, revelou-se fértil explorar as formas pelas quais os resultados são percebidos e mensurados e os conhecimentos que potencialmente trazem.

Embora exista uma ampla quantidade de comunidades mágicas no Brasil e no mundo, tal tema permaneceu por um bom tempo do lado de fora da pesquisa antropológica. O conceito de magia era usado frequentemente para reforçar a Grande Divisão de que nos fala Favret-Saada (2005). Isto é, “nós”, civilizados, tínhamos a ciência, enquanto o “Outro”, primitivo, teria a magia, fadada ao desaparecimento. Esta

classificação fortaleceria a divisão entre estes dois grupos. Neste sentido, pesquisas antropológicas sobre esta temática deram-se sobretudo com povos não-ocidentais.

A magia, no entanto, é uma temática ativa já há muito tempo na história do que se convencionou chamar de Ocidente. No final do século XIX, quando a antropologia estava surgindo enquanto disciplina acadêmica, foi também o período onde sociedades esotéricas surgiram de forma marcante, proliferando uma visão de mundo contrária ao materialismo. Para além disto, foi também neste período que surgiram ordens dedicadas à prática mágica, como a Ordem Hermética da Aurora Dourada e a Astrum Argentum (no início do século XX, por atuação do magista Aleister Crowley), sendo que estas tiveram uma influência decisiva na maioria das correntes e sistemas mágicos surgidos depois deste período.

Considerando que o maior grupo de Magia do Caos no facebook brasileiro possui mais de 24 mil membros, tendo sido criado somente há três anos, percebemos que é um campo ativo e crescente da sociabilidade e visão de mundo de um público amplo. Todavia, ainda há poucas pesquisas sobre a temática da prática mágica em geral, quanto mais do tema específico da Magia do Caos.

Pesquisas a respeito do tema são estimuladas e podem muito auxiliar a melhor entender sobre como a prática mágica se dá, no que ela está embasada e qual tipo de implicação possui. Para este objetivo, busquei, neste trabalho, enfatizar as possibilidades de exploração do tema da agência não-humana ao tratar de todo esse leque de agentes que, embora dotados de grande poder de atuar no mundo, ainda assim não são tangíveis ou visíveis – ao menos para a maioria das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRALAS, Zeladores de. *Abralas definitivo*. 2017. *E-book*.
- BOIN, Felipe. “*Nada é verdadeiro, tudo é permitido*”: magia, ontologia e pensamento mágico entre os praticantes de Magia do Caos no Sul e Sudeste do Brasil. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- CARROLL, Peter J. *Liber Null e Psiconauta*. São Paulo: Penumbra, 2016 [1978]. 248 p.
- CROWLEY, Aleister. *Magick without tears*. 1. ed. Hampton: Thelema Publishing Co., 1954.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005 [1990].
- FRAZER, James. *O ramo de ouro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978 [1890].
- GAIMAN, Neil. *Os livros da magia*. 1. ed. Barueri: Editora Panini, 2019 [1990]. 208 p.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. 1. ed. Oxford: Clarendon Press, 1998. 271 p.
- GREENWOOD, Susan. *Magic, witchcraft and the otherworld: an anthropology*. 1. ed. Oxford: Berg, 2000. 236 p.
- _____. *The nature of magic: an anthropology of consciousness*. 1. ed. Oxford: Berg, 2005. 242 p.
- _____. *The anthropology of magic*. 1. ed. Oxford: Berg, 2009. 163 p.
- HINE, Phil. *Walking between the worlds: techniques of modern shamanism vol. 1*. ed. Londres: Pagan News Publication, 1986. 46 p.
- KELLY, Tommie. *Os quarenta servidores*. Penumbra: São Paulo, 2019.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. EDUFBA: Salvador, 2012. 399 p.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, M. (Ed.). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1904]. P. 47-181.
- MEYER, Krystos. *Livro SS: Um manual prático de magia*. S/d. *E-book*.
- RUBACK, Pedro. *Disputa, discursos esotéricos e prática da magia em rede: uma etnografia sobre a Magia do Caos no Brasil*. 2018. Monografia (Graduação em

Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SHERWIN, Ray. *The Book of Results: o Livro dos Resultados*. Pinheiral: CAOS, 2016. E-book.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, n. 62, 2017 [2012].

WOODMAN, Justin. *Modernity, selfhood, and the demonic: anthropological perspectives on “Chaos Magick” in the United Kingdom*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Goldsmiths College, University of London, Londres, 2003.

Bibliografia Virtual:

ABADIA DE THELEMA HET HERU. Abadia de Thelema Het Heru. S/d. Facebook: página “abadiadethelemahetheru”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/abadiadethelemahetheru/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ABRALAS. *Descrição da página*. S/d. Facebook: ABRALAS93. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ABRALAS93/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ABRALAS CLAVISFER. ABRALAS CLAVISFER. S/d. Facebook: grupo “ABRALAS CLAVISFER”. Disponível em: <<https://web.facebook.com/groups/abralasclavisfer/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

CAOTIZE-SE. Caotize-se | Magia do Caos. S/d. Facebook: grupo “Caotize-se | Magia do Caos”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/caotizese/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

CÓRTEX 0: A Ascensão de Prometeu. Descrição do episódio. Locução de: Danilo Nóbrega, Felipe Boin, José Lucas da Silva e Rodrigo Vignoli. Vortex Caoscast, 16 fev. 2019. Podcast. Disponível em: <<https://vortexcaoscast.com.br/2019/02/16/cortex-caoscast-0-a-ascensao-de-prometeu/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

CÓRTEX 5: Técnicas de Xamanismo Moderno. Locução de: Danilo Nóbrega, Felipe Boin, José Lucas da Silva e Rodrigo Vignoli. Relato de: Lenore. 7 ago. 2019. Podcast. Disponível em: <<https://vortexcaoscast.com.br/cortex-caoscast-5-tecnicas-de-xamanismo-moderno/>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

FOCO DE PESTILÊNCIA. Foco de Pestilência: um podcast sobre magia, iluminismo científico e outras esoterices. Disponível em: <<http://pestilencia.collegium.org.br/>>. Acesso em 6 nov. 2019.

KAOS-BRASIL. Kaos-Brasil. Magia do Caos. S/d. Facebook: grupo “Kaos-Brasil. Magia do Caos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/kaosbrasil/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

KELLY, Tommie. How to start working with the Forty Servants. S/l, 27 abril 2017. Disponível em: <<https://www.adventuresinwoowo.com/2017/04/how-to-start-working-with-the-forty-servants/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

MAGIA DO CAOS. *Descrição do grupo*. S/d. Facebook: grupo “Magia do Caos”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/magiadocaosbr>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

OÁSIS QUETZALCOATL. Oásis Quetzalcoatl – Ordo Templi Orientis. S/d. Facebook: página “oto.quetzalcoatl”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/oto.quetzalcoatl/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

QUARENTA SERVIDORES, Os. Os Quarenta Servidores. S/d. Facebook: grupo “Os Quarenta Servidores”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/391117047904164/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

VIGNOLI, Rodrigo. *Regras do grupo e uns arquivos para vocês lerem*. S/l, 5 jul. 2019a. Facebook: grupo “ABRALAS CLAVISFER”. Disponível em: <<https://web.facebook.com/groups/abralasclavisfer/permalink/2357267134533705/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

_____. *Altar Fixo & Altar Móvel*. 2019b. (9m58s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v4HrU1N5tN8&t=3s>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

_____. *[Estudando] Servidor Astral (Magia do Caos) Convidado: Rodrigo Vignoli*. 2018. (1h15m). Entrevistador: Jefferson Viscardi. Entrevistado: Rodrigo Vignoli. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v4HrU1N5tN8&t=3s>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

_____. *ABRALAS ATUALIZADO*. S/l, 24 out. 2016. Facebook: grupo “Kaos-Brasil. Magia do Caos”. Disponível em: <<https://web.facebook.com/groups/kaosbrasil/permalink/1125834054118429/>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

Acesso em: 7 nov. 2019.

VORTEX. Vortex – Caoscast. S/d. Facebook: página “vortexcaoscast”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/vortexcaoscast/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

VORTEX. Vortex – Caoscast: Além do Portal. S/d. Facebook: grupo “Vortex – Caoscast: Através do Portal”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/vortexcaoscast/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

VORTEX 5: Perdi a virgindade com Chaos Magick?. Locução de: José Lucas da Silva (Gelo), Rodrigo Vignoli e Victor Vieira. Vortex Caoscast, 24 maio 2017. Podcast. Disponível em: <<https://vortexcaoscast.com.br/2017/05/24/vortex-caoscast-05-perdi-a-virgindade-com-chaos-magick/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

VORTEX 24: O diário mágico. Locução de: José Lucas da Silva (Gelo), Rodrigo Vignoli e Victor Vieira. Vortex Caoscast, 28 março 2018. Podcast. Disponível em: <<https://vortexcaoscast.com.br/2018/03/28/vortex-caoscast-24-o-diario-magico-2/>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ANEXO A – RITUAL MENOR DO PENTAGRAMA

“RITUAL MENOR DO PENTAGRAMA

Parte 1) A Cruz Cabalística

1. Toque a testa e vibre Ateh (À Ti),
2. Toque o sexo e vibre Malkuth (O Reino),
3. Toque o ombro direito e vibre ve-Geburah (e o Poder),
4. Tocando o ombro esquerdo vibre ve-Gedulah (e a Gloria),
5. Juntando as mãos no peito vibre le-Olahm Amen (para todas as eras, Amém).

Parte 2) Os Pentagramas

1. Virado para o Leste, desenhe o pentagrama da Terra (começando pela ponta inferior esquerda e subindo), utilizando o indicador e o dedo médio unidos. Diga, vibrando, IHVH (Pronuncia-se IodRê-Vav-Rê ou lehovah).
2. Virado para o Sul, repete-se o pentagrama, porém vibra-se ADONAI.
3. Virado para o Oeste, repete-se o pentagrama, porém vibra-se EHEIEH.
4. Virado para o Norte, repete-se o pentagrama, porém vibra-se AGLA

Parte 3) Invocação dos Arcanjos

Abrindo os braços na forma de cruz diga:

A minha frente Raphael; atrás de mim Gabriel; a minha direita Michael; a minha esquerda, Auriel. Pois ao meu redor flamejam os Pentagramas e na Coluna do Meio brilha a Estrela de Seis Raios.

Por fim, repete-se a Parte 1.”

Fonte: BOIN, 2019, p. 153.